

A romantic couple is lying in a field of green plants and small white flowers. The man, on the left, has brown hair and a beard, and is wearing a light-colored, vertically striped button-down shirt. He is lying on his back with his eyes closed and a gentle smile, his right arm raised behind his head. The woman, on the right, has blonde, wavy hair and is wearing a light blue button-down shirt. She is lying on her side, leaning her head against the man's chest, with her eyes closed. The scene is bathed in warm, golden light, suggesting late afternoon or early morning. The overall mood is peaceful and intimate.

A Verdade Sobre Nós

AMANDA GRACE



AMANDA GRACE

A verdade sobre nós

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright © 2013 by Amanda Grace
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
The Truth About You and Me

PREPARAÇÃO
Ângelo Lessa

COPIDESQUE
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Eduardo Carneiro

ARTE DA CAPA
Márcia Quintella

IMAGEM DE CAPA
Aleshyn Andrei/Shutterstock.com

REVISÃO DE EPUB
Fernanda Neves

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-538-5

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Para a mesa das crianças:
Bree Ogden, Gordon Warnock,
Kristin Miller-Vincent e Vickie Motter.
Porque só quando estamos juntos
me sinto uma garota descolada.

Querido Bennett,

É possível que você não leia isto, mas talvez *eles* leiam, o que pode ajudá-lo. Esta carta não pode fazer nada por *nós*, porque não existe nós... não mais.

Só em dizer isso fico sem ar.

Espero que, *de alguma forma*, você encontre forças para ler isto até o fim, até a última palavra, pois talvez, caso se lembre de como as coisas aconteceram... se vir tudo como eu vejo... não consiga me odiar.

Você nunca disse que me odiava, mas não consigo deixar de pensar que talvez odeie, considerando o que fiz, em que o levei a acreditar.

No entanto, foi necessário. Tive que mentir porque precisava de você, e, se você soubesse a verdade, jamais teria movimentado as engrenagens, não teria dado início a algo como dois trens disparando pelos trilhos.

A batida era inevitável, porque eu não era quem você pensava que eu fosse.

Ainda estou a dois anos de ser.

Essas mentiras e meias verdades iniciaram algo que o arruinou, e sei que não é capaz de me perdoar, mas quero que se lembre de mim da maneira certa, de como tudo *realmente* aconteceu, e não da forma feia como tentarão fazer com que pareça.

Então, para você, para mim, para *eles*, aqui está:

A verdade sobre nós.

*

NAQUELE DIA, quando entrei em sua sala de aula, eu estava uma pilha de nervos. Talvez seja clichê ficar nervosa ao começar em um colégio novo, mas não era um colégio novo qualquer.

Era a faculdade.

Eu me sentia uma criança. E a parte triste disso tudo é que, de acordo com a polícia, é isso mesmo que sou. Então, talvez eu devesse ter dado ouvidos a meus instintos. Se tivesse agido da forma como me sentia, você saberia a verdade. Teria percebido a um quilômetro de distância e ficaria mexendo em seu MacBook sem me olhar nos olhos e sorrir daquele jeito que faz seus calorosos olhos azuis se apertarem.

Mas não agi da forma como me sentia. Ergui a cabeça, estiquei a coluna, passei pela porta e entrei na sala. Já estava nervosa antes, e, quando nossos olhos se encontraram, o frio na barriga se tornou uma nevasca. Eu me virei e fui até a fileira de trás para que você não me visse enrubescer. Encontrei um lugar ao lado de uma garota alta e bonita, cujos olhos castanhos e exóticos pareciam naturalmente ardentes e sensuais.

Nunca vou entender por que você reparou em mim, com uma garota como aquela sentada a meu lado. Passei a vida toda sendo invisível por causa de garotas assim. Garotas que destilam o tipo de sensualidade que não consigo fingir nem em frente ao espelho do banheiro.

Mas talvez o mundo real seja diferente. Não vi o bastante para ter certeza. Com certeza parecia diferente quando estávamos juntos.

A aula era de biologia, mas você já sabe disso. Acho que preciso escrever também esse tipo de coisa para *eles*, para que saibam a verdade. Você terá que me perdoar por eu dizer o que já sabe.

Eu era boa em biologia. Muito boa. Não gostava da matéria tanto quanto de leituras como *O morro dos ventos uivantes* e Shakespeare, mas, para mim, era fácil como escovar os dentes.

Matemática também. Sabia que fiz prova de cálculo sem nunca ter cumprido os pré-requisitos? Pulei pré-cálculo. Acho que por isso meus pais confiavam tanto em mim na época. É fácil confiar em uma garota inteligente.

Garotas inteligentes não deveriam fazer coisas estúpidas.

O dia estava lindo. O sol do fim de setembro atravessava a folhagem das árvores enormes do *campus* e tingia a superfície de minha nova carteira quando me joguei no assento e peguei um caderno de espiral novinho. Minha mãe não ficou muito feliz ao descobrir que o material escolar e os livros custaram mais de trezentos dólares, mas pelo menos não tínhamos que pagar a mensalidade. Isso ficava por conta da Enumclaw High School, como parte do programa Running Start. Eles bancavam todas as minhas aulas na Green River Community College, que é uma faculdade que você frequenta antes de entrar na universidade propriamente, e eu só precisava manter a média C. Conseguiria créditos da faculdade e do ensino médio ao mesmo tempo.

Talvez alguém já tenha lhe explicado tudo isso agora. Provavelmente já mencionaram, mas talvez você não tenha prestado atenção, não tenha parado para pensar no assunto. Aposto que agora pensa.

Enquanto eu destampava minha caneta roxa fofa — algo que parece tão imaturo agora —, você se levantou da cadeira de couro e foi até o centro da sala dando apenas alguns passos com essas suas longas pernas.

De cara, gostei da organização da turma; as carteiras estavam distribuídas em um semicírculo, de forma que você podia ir até o centro, e todos ficávamos ao redor enquanto você falava, sorria e gesticulava com suas mãos perfeitas, ásperas só o suficiente para serem masculinas.

— Bem-vindos à Biologia 1 — disse você, e, apesar de não haver nada de especial nas palavras, a forma como falou fez diferença. Era como se nos dissesse que estávamos sendo convidados para algo extraordinário.

Não sei se foi amor à primeira vista. Você acredita nisso, em amor à primeira vista? Queria ter feito essa pergunta semanas atrás, quando tive oportunidade. Queria ter feito essa pergunta dias atrás, quando estávamos um nos braços do outro.

Provavelmente não poderei mais lhe fazer pergunta alguma, e talvez você não respondesse, mesmo se eu as fizesse. É provável que você também tenha muitas perguntas.

Você sorriu ao entregar a ementa e ao escrever seu nome no quadro branco — *Sr. Cartwright* — com uma letra masculina, mas sem ser feia, perfeita. O nome pareceu britânico.

Sabia que você parece britânico? Seu rosto tem aquele aspecto afilado e austero, já com uma leve barba por fazer às nove da manhã, e seu nariz marcante tem uma ligeira protuberância no meio, como se, no passado, um cara qualquer em um pub tivesse lhe dado um soco.

Agora sei que não é verdade, mas naquele primeiro dia eu o imaginei bebendo uma caneca de cerveja em algum lugar do Reino Unido, usando um paletó com cotovelos de couro. Acho que teria feito mais sentido se você fosse um professor britânico. Mas você parecia um conhecedor do mundo, e foi essa a imagem que minha mente criou.

Para mim, aos dezesseis anos, até a imagem de você bebendo uma caneca gelada de Budweiser no bar fora do *campus* era exótica. Era mais comum ver os caras do meu colégio — do *ensino médio* — se empurrando em frente à máquina de refrigerante.

Quando a última ementa foi posta diante de mim — impressa em um papel verde-claro —, eu a guardei no fichário e levantei o olhar enquanto você diminuía a luz e iniciava a apresentação em PowerPoint.

Quando baixou a cabeça na direção do MacBook, a garota sentada a meu lado se inclinou. O leve aroma do perfume e do laquê dela chegou até mim.

— Ele é bonitinho — sussurrou, curvando os lábios de uma forma diabólica e confiante.

Corei, como se, de alguma forma, ela soubesse que eu estava pensando a mesma coisa.

— Quantos anos acha que ele tem? — perguntei baixinho.

Ela cerrou os olhos e o observou por um momento, e quase desejei não ter perguntado, porque não queria que ela olhasse para você. Acho que isso é estranho, o fato de eu já sentir uma leve pontada de possessividade, mas não é tão diferente de olhar os caras no refeitório. Existe um código entre meninas que diz que não se pode ir atrás de um garoto se uma amiga também tiver uma queda por ele, e com você... isso não seria muito difícil de acontecer.

— Vinte e quatro? Vinte e cinco, talvez? Talvez um pouco mais...

Então você olhou para nós como se tivesse ouvido toda a conversa. Mas sei que era impossível. Ela pareceu não se importar de você nos pegar sussurrando, e você não disse nada quando passou os olhos por mim e fez um calor percorrer meu corpo inteiro. Depois afastou o olhar, andou até a frente e puxou uma grande tela branca, e as palavras *Composição Celular* piscaram.

— Meu nome é Katie — disse a garota, esticando a mão. Suas unhas eram bonitas, pintadas de rosa-claro, mas bem curtas.

Eu a cumprimentei.

— Madelyn — respondi.

— Nome bonito.

Ela sorriu, virou-se e olhou para você. Eu queria dizer que ela sim era bonita, mas tive a sensação de que Katie ouvia isso o tempo todo.

— A maior parte desta unidade repetirá o que vocês aprenderam em biologia no ensino médio, mas é a base para o que vem depois. Então, vamos abordar o assunto para lembrar antes de seguirmos em frente — comentou você.

Mas eu não precisava lembrar. Alunos do ensino médio fazem biologia no segundo ano, o que, para mim, foi no ano passado. Para todas as outras pessoas, havia sido uns três anos atrás.

Você olhou de novo para a tela e apertou um botão do pequeno controle remoto, e o diagrama de uma célula apareceu. Quando falou com entusiasmo a respeito da mitocôndria e do núcleo movendo as mãos para todos os lados, foi poético. Uma ou duas vezes você passou a mão pelo cabelo castanho desgrehado, bagunçando uma parte. Ficou desarrumado, mas de um jeito bom, natural.

Você estava certo. Todo o assunto da aula era familiar. Então eu me permiti sonhar acordada enquanto você falava, vendo seus lábios se moverem, mas sem ouvir as palavras. As duas horas passaram, e você estava fechando o MacBook. Fiquei chocada por ter acabado tão rápido, por ter me perdido tanto em pensamentos.

— Amanhã será nosso primeiro dia no laboratório — comentou você. — No 3A, do outro lado do pátio. Vejo todos vocês lá às nove em ponto.

Carteiras estalaram, cadeiras rangeram e pés se moveram.

Todos já estavam quase na porta antes mesmo de eu guardar as coisas, ainda piscando e tentando sair do estupor. Pensei em um milhão de coisas, e nenhuma delas tinha relação com diagramas de células. Até mesmo Katie saiu antes que eu dissesse alguma coisa, o quadril balançando e as sapatilhas básicas e estilosas fazendo barulho no piso de cerâmica.

Acho que foi por ter sido a última a sair que você reparou em mim, me olhou de verdade, com um sorriso, franzindo o canto da boca, de um jeito tão atraente que me fez perder o fôlego.

— Tudo bem até agora? — perguntou você enquanto ajeitava a pulseira prateada do relógio e eu seguia em direção à porta.

Enrubesci por um segundo, até perceber que estava sendo boba.

— É, acho que consigo acompanhar.

Parei diante da porta, e uma mecha comprida e embaraçada de meu cabelo ondulado e louro-escuro escorregou para a frente, por cima do ombro. Por uma fração de segundo, seus olhos a acompanharam, antes de você voltar a olhar para o computador.

Você fitou o símbolo da maçã no MacBook fechado sem piscar, e não entendi muito bem o que havia acabado de acontecer.

Mas agora sei. Sei que você estava se repreendendo por deixar os olhos irem aonde não deveriam.

Sei que, quando *eles* lerem isto, talvez pensem que você planejou tudo, que sente atração por menores. Mas espero que lembrem que estávamos em um *campus* de faculdade e que você achava que eu tinha dezoito ou dezenove anos, a idade de todos os outros.

Você se irritou consigo mesmo por causa daquele olhar de um quarto de segundo para uma aluna porque não foi profissional.

Não por achar que eu era menor. Você não sabia.

Você não sabia.

— Ótimo — comentou você, os olhos ainda voltados para aquela maçã mordida.

Será que, naquela hora, você pensou na ironia? Que, evitando olhar para mim, estava olhando para o fruto proibido? Porque, embora você achasse que eu tinha dezoito anos, ainda assim eu era proibida. Alunos e professores não podem se relacionar.

Eu não sabia de nada disso. Só achei que havia ficado

constrangido. Mas você voltou a me encarar com olhos delicados, calorosos, convidativos.

— Espero que goste de minha aula, senhorita...

— Hawkins. Mas pode me chamar de Madelyn.

— Bem, nesse caso, pode me chamar de sr. Cartwright — disse você em tom de brincadeira, com os lábios se curvando o bastante para revelar um dente esquisito.

Seu sorriso era meio torto. A coisa toda era tão incompatível com seu ar sofisticado que me pegou desprevenida.

Eu ri, e não foi uma gargalhada bonita, mas uma risada feia como um latido, que me deixaria envergonhada pelo restante do dia.

Fiquei ali por tempo demais, até que a situação se tornou constrangedora. Então, percebi que você estava esperando que eu saísse, ou pelo menos fizesse alguma pergunta.

— Tudo bem, então. Tchau, sr. Cartwright. Até amanhã — despedi-me, finalmente passando pela porta assim que os primeiros alunos de sua aula seguinte começaram a entrar, trazendo consigo um zumbido de vozes.

— Tchau. Até amanhã — respondeu você.

Eu queria ouvi-lo dizer meu nome — apenas Madelyn, não srta. Hawkins —, mas isso aconteceu somente no segundo dia.

*

CHEGUEI EM CASA pouco depois do meio-dia. Isso era o mais legal do Running Start: uma carga horária completa consistia em apenas três aulas. Duas delas duravam uma hora, cinco dias por semana, mas biologia, a aula que durava duas horas, era só às terças, quartas e quintas. O restante de meus amigos ainda estava no colégio, ouvindo as mesmas fofocas de sempre, comendo no mesmo refeitório de sempre, assistindo às mesmas aulas de sempre. Como podiam ser felizes assim? Como não sentiam aquelas paredes horríveis de concreto se fechando, como um caixão para prendê-los eternamente?

A casa estava vazia, porque meus pais trabalham em período integral. Minha mãe é engenheira na Boeing e meu pai, professor de educação física.

Na Enumclaw High School.

E ele nem é o tipo de professor de quem as pessoas gostam, o que nunca me rendeu pontos com os colegas de turma. Pai, se por algum motivo estiver lendo isto, desculpe pelo que acabei de escrever. Não é por você não ser bom no que faz. Você é. Só que é muito exigente, não é o tipo de professor “legal” de quem os alunos gostam. Até você deve saber que preferimos professores tranquilos e divertidos, e não os que sempre nos pressionam. Mas é exatamente isso o que você faz. Quem você é. Você pressiona os alunos como sempre fez comigo.

Para ser justa, você só pressiona até onde sabe que pode. Só quer que todo mundo explore seu potencial. Eu sei disso. Você estava certo no ano passado: Ben Phillips *era* preguiçoso, e, se não fosse por você, ele não teria entrado no time de futebol americano, o que sempre disse que queria, mas ainda não havia conseguido.

Em determinado ponto, antes do ensino médio, encarei tudo isso como um desafio. Quase uma paixão, na verdade. A busca da perfeição, a busca daquele abraço, da recompensa, de saber que me saí bem. Eu me tornava melhor a cada aprovação que recebia de meus pais.

E é por isso que, em todos os boletins ao longo de toda a minha história, havia um reluzente A em *todas as matérias*. Até em educação física, área de meu pai, o que era quase impossível de

conseguir, já que herdei a capacidade atlética de minha mãe, e não a dele.

Bem, a questão é que, em algum momento da vida, percebi que havia subido em um avião e o observara decolar, e tudo que podia fazer era permanecer sentada com o cinto de segurança apertado, esperando pousar em um destino predeterminado. Um destino que eu não tinha mais certeza de desejar.

Em certo momento, decidi que não queria mais ser pressionada. Não queria ser perfeita em tudo, não queria o exato caminho que me levasse a Harvard ou ao MIT. Só queria parar, desafivelar o cinto de segurança e pular do avião, mas não sabia se haveria paraquedas, se teria um pouso seguro.

E, para minha mãe e meu pai, ter um plano B era absolutamente necessário. Não se pode dar ponto sem nó. Mas a admiração de meus pais já não bastava mais. Os comentários de “bom trabalho”, os tapinhas nas costas... não significavam nada.

Naquele dia, enquanto assistia à TV, em vez de me sentir sufocada e presa, minha mente se encheu de imagens *suas*, Bennett, sorrindo para mim. Repassei o momento em que seus olhos desceram, e, mesmo horas depois, minhas bochechas ardiam, e torci com todas as forças para não ter imaginado aquele olhar, porque ele me fez sentir... diferente. Viva. Desejada.

Às três da tarde, levantei-me do sofá e fui para o quarto. Espalhei os livros no chão, com algumas folhas aleatórias das aulas, e me sentei no meio de tudo.

Como se cronometrado, a porta da garagem fez barulho. Então, a dos fundos foi aberta e fechada com um silvo, e ouvi os tênis de meu pai avançarem pelo piso velho de madeira, cada tábuas gemendo conforme ele passava.

Cruzei as pernas e me inclinei para a frente, apoiada nos cotovelos. Peguei a ementa de sua aula e olhei para ela como se ali estivesse o sentido da vida.

Meu pai entrou no quarto, sua sombra se espalhou pelo chão, e olhei para cima, fingindo surpresa.

— Ah, oi — cumprimentei-o, pondo a ementa no chão.

Para disfarçar, bocejei e me espreguicei.

Meu pai sorriu conforme passava os olhos por meus livros,

desempenhando seu papel com precisão.

— Já se adiantando?

Assenti, e concluí que esfregar os olhos seria demais. Então, em vez disso, brinquei com uma mecha de cabelo, enrolei-a nos dedos, lembrando-me de todas as vezes que minha mãe prendera meu cabelo em um coque perfeito e brilhoso quando eu dançava balé.

— É. Acho que algumas matérias vão ser bem difíceis.

— Nada que você não consiga encarar — comentou ele, olhando-me nos olhos.

Não era uma pergunta, apenas uma simples constatação. Ele esperava que eu concordasse, que aceitasse o desafio, exatamente como sempre fiz, porque ele estivera lá para me ver entrar no avião e apertar o cinto. Ele assistira à minha trajetória durante anos, e aquele era apenas um quilômetro a mais para eu me aproximar de meu destino.

Nunca entendi o ditado “Não se vê a floresta quando se olha só para uma árvore”. Para mim, parece mais que não é possível enxugar direito quem está bem a seu lado o tempo todo. Não dá para ver o momento em que essas pessoas mudam, o momento em que querem ser outra pessoa, porque você sempre as verá da mesma forma.

— Pode deixar — concordei, virando para me deitar de bruços e pegar o livro de inglês.

E então, bem quando o roteiro progrediu para *saída de cena*, ele foi para a cozinha preparar o jantar.

Bennett, todos os dias eram assim. Todos os dias eu fazia as coisas do jeito certo. Explorava meu potencial. Desafiava a mim mesma. *Pensava no futuro*.

Blá-blá-blá. Dia frustrante após dia frustrante, eu permanecia no avião, olhando para a frente e me perguntando por que não queria mais ir àquele lugar que antes parecia tão promissor.

E naquele dia meu pai não me questionou porque viu apenas a pessoa que fui durante anos. A filha perfeita e estudiosa que eu não queria mais ser. Eu tinha seis anos quando, pela primeira vez, ele me disse que, assim como minha mãe, eu estudaria em uma faculdade da Ivy League. Que eu faria escolhas inteligentes, assim como ela, e não teria objetivos pretensiosos e idiotas, que poderiam se estilhaçar — assim como aconteceu com a patela dele —, nem teria sonhos que

poderiam ser desfeitos, como o dele de jogar na liga de futebol americano.

Eu traçaria uma trajetória cuidadosa e alcançaria o sucesso de maneira calculada, ou então estaria fadada a uma carreira de segunda categoria como técnica de futebol americano em algum colégio ou professora de educação física. Porque se acomodar... era o mesmo que falhar.

Veja bem, Bennett, eu estava cansada de tudo isso. Muito cansada.

Escolhi o programa Running Start porque vi liberdade nele. Vi as horas que teria só para mim. Vi a fuga para um *campus* onde meu pai não dava aula no ginásio B.

E naquela noite, quando adormeci, vi você.

*

NO DIA SEGUINTE, peguei trânsito no caminho e entrei a toda no estacionamento, com o coração disparado, preocupada, sem saber se na faculdade havia algum tipo de advertência por atraso.

Cheguei dez minutos atrasada na aula de inglês, que começava às oito. Quando passei sem fôlego pela porta, o professor já estava na frente da sala, falando sobre nossa primeira dissertação. Meu rosto ficou quente quando todos os alunos olharam para mim no momento em que a porta se abriu. Achei que seria repreendida, mas não fui.

A faculdade é mesmo diferente. Não demorei a entender que ninguém liga se você vai ou vem. Se mastiga chiclete, olha pela janela ou não entrega um único trabalho. Quanto mais aprendia sobre as regras da faculdade, mais percebia que os professores do ensino médio são como babás, e na faculdade isso não existe.

E eu gostava muito dessa ideia, gostava da perspectiva de que talvez, quando ninguém estivesse olhando, pudesse me tornar outra pessoa.

Eu não queria chegar atrasada à segunda aula, então, quando a primeira finalmente terminou, saí antes dos outros alunos.

É engraçado como naquele dia eu estava tão obcecada com o horário. Se pudesse ter um superpoder, acho que desejaria a capacidade de alterar a velocidade do tempo. Você deseja isso agora? Agora que tanta coisa está acontecendo tão devagar e você deve estar aí sentado, esperando e pensando e aguardando para ver o que vai acontecer, o que vai desmoronar e o que vai ser reconstruído?

Se tivesse esse poder, eu lhe daria. Você deve precisar dele mais do que eu.

Atravessei o *campus* naquela manhã, o orvalho grudando em minhas sapatilhas pretas bonitinhas, satisfeita por não ter que pegar o mapa de novo para lembrar aonde estava indo. O *campus*, que se espalhava por uma colina, era cercado de árvores. Eu me sentia completamente adulta e no controle ao seguir meu percurso, passando entre os prédios para chegar ao laboratório. Não haveria sinal indicando o começo da próxima aula nem monitores nos

corredores para nos apressar.

O laboratório 3A estava vazio quando entrei, ou ao menos pensei que estivesse. Mas, quando passei por uma porta de armário aberta, você se virou em minha direção, e nos esbarramos.

Você esticou as mãos para pegar meus braços e me segurar.

Você tocou em mim, não deixou que eu caísse, e fiquei tão perto que senti seu cheiro, uma fragrância limpa e amadeirada se espalhando a meu redor. Era completamente diferente do desodorante Axe que os garotos do ensino médio adoram, com aquele cheiro sufocante que queima e parece segui-los como uma nuvem. O seu era sutil, sofisticado.

— Madelyn! — exclamou você, as mãos fortes segurando meus braços.

Encarei-o com olhos arregalados, e minhas bochechas coraram e ficaram quentes. Eu dera de cara com você como uma garota atrapalhada do ensino médio que não olha por onde anda.

— Desculpe — falei, torcendo para que meu rosto não estivesse tão corado quanto eu sentia.

E foi então que meu cérebro e meus ouvidos sincronizaram, e percebi que você dissera “Madelyn”. Isso me fez abrir um sorriso tão grande que devo ter ficado com cara de maluca.

— Não, foi minha culpa, não me dei conta de que já eram nove horas. Só estava pendurando meu casaco. — Por cima do ombro, você apontou com o polegar para o armário logo atrás.

Naquele dia, você não estava com o suéter de gola V por cima da camisa de botão, e foi mais fácil ver sua silhueta, o jeito como o tecido de algodão grudava em seu corpo.

— Na verdade, cheguei um pouco cedo — comentei, para fazê-lo se sentir melhor.

Nunca fiquei tão feliz por chegar cedo, por aquele momento de sorte em que nossos corpos se esbarraram. Foi assim conosco. Um dia, éramos duas pessoas separadas. No seguinte, nos esbarramos, e nenhum de nós teve a menor chance.

Eu gostaria de poder lhe dizer que me arrependi de tudo que aconteceu depois.

Entre na sala e, em vez de me sentar no fundo, como no dia anterior, eu me joguei em uma carteira bem a sua frente. Assim,

quando você se sentou em uma cadeira no canto, ficamos a poucos metros de distância.

Eu queria lhe dizer mais alguma coisa, algo espirituoso, mas outros alunos chegaram, dois caras que riam ao passar pela porta. Isso destruiu qualquer momento que poderia haver entre nós, qualquer impressão que eu pudesse causar.

Eles ocuparam a mesa do fundo, e a sala ficou cheia. Então, Katie se sentou a meu lado, dando seu sorriso bonito e natural.

— Oi, Madelyn — cumprimentou, jogando a mochila na carteira.

— Oi — respondi, apesar de estar a mil quilômetros de distância.

Não, eu me encontrava a três metros e meio de distância, no lugar em que estava quando você me tocou.

— Tudo bem se eu me sentar aqui? — perguntou ela, brincando com as pontas recém-pintadas de cor-de-rosa em seu cabelo escuro.

Como ela teve tempo para fazer algo tão bonito nas vinte e quatro horas desde que nos vimos pela última vez?

— Aposto que precisaremos de parceiros de laboratório.

— Pois é — concordei, forçando-me a voltar ao presente. Katie estava fofa naquele dia, com calça jeans justa e um suéter decotado.

Naquele momento, eu me perguntei se me pareceria com ela e me comportaria da mesma forma em dois anos. Ela dava a impressão de se sentir tão bem com o corpo, tão confiante, e de forma descontraída. As garotas no ensino médio, as bonitas... a confiança delas parecia forçada, frágil, pura aparência.

Mas Katie não era assim. Aposto que ela se sentia confiante até o último fio de cabelo.

Ela meio que fez uma careta.

— Mas é justo avisar que sou um desastre em ciências.

— Tudo bem. Eu sou muito boa nessa matéria. Tive biologia avançada ano passado.

Ela se animou.

— É mesmo? De que colégio você era? Eu estudei no Kentlake. Tivemos que fazer biologia no segundo ano, e parece que foi há um milhão de anos. Na época, passei raspando, e seja lá o que aprendi já sumiu do meu cérebro a esta altura.

— Ah — falei, com a voz falhando um pouco. — Hã, eu frequentei o Enumclaw. Temos física no segundo ano e biologia no

terceiro. Então, estudei biologia até alguns meses atrás.

Foi minha primeira mentira deslavada, e nem sei direito por que fiz isso. Você não estava ouvindo nem nada. Mas acho que eu gostava de Katie. Gostava de seu sorriso caloroso e de sua facilidade para puxar papo. Não queria que ela me achasse nova demais e uma perda de tempo.

— Ah... Estranho — comentou. — Mas isso faz de hoje meu dia de sorte!

Só que o dia de sorte era meu, porque não faço amigos com tanta facilidade. Mas foi exatamente isso que pareceu acontecer com ela. Eu era mesmo diferente na faculdade. Estava mudando e evoluindo, já naquele segundo dia.

— Quer uma bala? — perguntou Katie, tirando uma do bolso da frente da mochila.

Você me observou abri-la. Você me observou levá-la à boca. Depois desviou o olhar e se levantou.

— Ok, pessoal. Antes de começarmos, vamos falar sobre algumas regras de segurança básicas no laboratório. Regra número um — disse você com um cantarolar divertido na voz —, nada de comidas e bebidas.

Katie e eu trocamos um olhar, e ela enfiou na mochila a bala ainda fechada que segurava.

Usei a língua para empurrar a minha para o canto da boca, mas não sei por que fiz isso, uma vez que você já tinha visto.

Por que me viu chupando aquela bala e não me impediu? Estava sendo condescendente ou estava brincando comigo?

— Regra número dois: não há aula de reposição de laboratório. Se você faltar, não recebe nota, e isso afeta sua nota final. Se perder um dia de aula teórica, poderá ler o livro. Se perder um dia de laboratório, perderá o laboratório. Ponto.

Você circulou pela sala entregando maços de folhas grampeadas. Usava sapatos bonitos naquele dia, de couro marrom, não exatamente botas, nem bem mocassins, mas algo entre um e outro. Gostei da forma como a calça cinza-chumbo larga roçava nas solas.

Você se vestia de forma muito diferente dos garotos de meu colégio. Eles só usavam jeans rasgados e camisetas desbotadas.

Você se importava com a aparência, e isso ficava evidente.

Katie mexeu em nosso maço à minha frente, e olhei para os papéis quando ela se inclinou na minha direção.

— Professores não deveriam ter permissão para serem tão bonitos — disse ela.

Dei uma risadinha.

— *Verdade* — sussurrei.

Você voltou para seu lugar, e seu cabelo desgrenhado caiu nos olhos quando olhei em sua direção.

— A aula de hoje é bem simples, mas vai nos dar ferramentas para as próximas. Estamos trabalhando no básico para qualquer bom experimento: manter um grupo de controle adequado, criar hipóteses sensatas, e assim por diante. Por favor, leiam o material e comecem o trabalho. Se tiverem perguntas, falem comigo, seja durante a aula ou no horário de atendimento em minha sala, que consta do programa do curso. Hoje é de meio-dia às duas — concluiu.

Katie e eu nos inclinamos tão para perto uma da outra que nossas cabeças quase se tocaram, e ela leu as instruções baixinho.

— Posso pegar os béqueres — falei quando ela terminou.

— Ótimo. Vou pegar o corante alimentar.

Empurramos nossas cadeiras para trás e andamos para extremidades opostas da sala; eu, para uma área de gavetas bem ao lado do armário onde você pendurou o casaco.

No ensino médio, os garotos usam agasalhos de times, pulôveres de lã ou casacos mais pesados quando está frio demais. Ao pegar um cilindro e dois béqueres, tentei imaginar como era seu casaco.

Quando voltei para a mesa, você estava ali, perguntando a Katie qual era nossa hipótese. Ela gaguejava alguma coisa sobre um arco-íris, e, quando me aproximei, os olhos dela se voltaram para mim, suplicantes.

— Estamos formulando a hipótese de que cada cor, misturada à água, vai ferver à mesma temperatura — respondi, passando rapidamente por você para me sentar. Era uma experiência boba. Uma experiência de ensino médio. Mas estava dentro daquilo que você queria de nós.

— Bom. Muito bom — disse você, seus olhos encontrando os

meus, e parecia que uma fagulha havia se acendido entre nós. — Vou deixar vocês trabalharem — acrescentou, passando para a mesa seguinte.

O restante da manhã foi assim, com você caminhando pela sala e eu sempre ciente de sua exata localização, de com quem falava.

Embora Katie não soubesse nada de ciências, era uma boa parceira. Fazia exatamente o que eu mandava, e sua caligrafia era perfeita. Confiei a ela nosso registro do experimento e expliquei os procedimentos conforme os executamos, e, ao me ver falar sobre as diferenças entre o grupo de controle e o experimental, comparando-os a experimentos com remédios e placebos, você parou e sorriu daquele seu jeito especial.

Eu queria ver aquele sorriso agora.

Eu me pergunto se ao menos você ainda sorri.

*

SÁBADO DE MANHÃ você mudou sua rotina, e, por causa disso, nossos caminhos se cruzaram.

Acha que foi o destino, Bennett? Acredita em destino?

Eu acredito. Assim como acredito em almas gêmeas e em amor à primeira vista. Acho que não dá para acreditar em apenas uma dessas coisas. Tenho a impressão de que são preciso as três.

Eu estava apoiada no tronco de um cedro retorcido e inclinado, tentando recuperar o fôlego. Ainda não havia chegado à metade do caminho para o topo do Peak. Você sempre chamou de montanha Peak, lembra? Porque é assim que aparece nos mapas. Mas ninguém em Enumclaw se refere a ele dessa forma.

Para os locais, é apenas pico Peak. Acho que é um nome esquisito, como um rio chamado Água.

De qualquer modo, eu estava olhando para minhas botas surradas de caminhada, tentando acalmar meus pulmões, que ardiam, quando ouvi um cachorro latir. Olhei para a frente e vi um lindo golden retriever subir a trilha. Seu pelo dourado-avermelhado balançava ao vento e a língua caía do canto da boca.

Não tenho medo de cães nem nada (você sabe quanto amo seu cachorro), mas quando ele correu e pôs as patas em meu colo, quase me derrubando, não fiquei nem um pouco animada.

— Não! Desce! — ordenou você, e quando ergui o rosto meu coração parou.

Quer dizer, parece que o coração não consegue bater quando despenca até os joelhos.

Seu rosto estava corado e a camiseta de mangas compridas que usava, grudada em seu corpo musculoso, com uma ligeira linha de suor escurecendo-lhe os ombros. Quando você olhou para cima e encontrou meu olhar, estava prestes a pedir desculpas. Mas acabou sorrindo e disse:

— Ah, oi, Madelyn.

Como se nos conhecêssemos, como se fôssemos amigos. Você se aproximou para prender uma guia vermelha na coleira do cachorro enquanto ele pulava em mim. Eu não me importava mais por ele ter deixado duas marcas de patas sujas de lama em minha camisa nem

por pisar em meus pés.

— Oi, sr. Cartwright — cumprimentei, imaginando se meu rabo de cavalo estava bagunçado, se meu rosto ficava tão bonito quanto o seu quando corado de cansaço ou se eu apenas parecia suada e feia.

— Acho que podemos dispensar as formalidades fora da sala de aula — comentou você, esticando a mão como se estivéssemos simplesmente nos vendo pela primeira vez. — Pode me chamar de Bennett.

Sabia que você tem um belo aperto de mão? É forte, firme.

Naquele momento, um desejo intenso tomou conta de mim. Eu queria que nossas mãos estivessem juntas de outra forma. Queria segurar a sua de um jeito descontraído, com nossos dedos entrelaçados, e queria que você também desejasse isso.

Ao menos foi o que pensei. Não sei o que passou por sua cabeça quando nossas peles se tocaram. Todos os momentos que passamos juntos, todas aquelas conversas, e nunca perguntei o que você sentiu na primeira vez que nos tocamos de verdade. Quer dizer, voluntariamente. O encontrão no laboratório não conta.

Seu cachorro escolheu aquele instante para sair correndo, puxando-o para longe de mim, e você meio que me levou junto por um momento antes de soltar minha mão.

Foi assim que acabamos caminhando juntos naquela manhã silenciosa e enevoada. *Eles* podem pensar que você planejou, que pediu para me ver fora da sala de aula, mas foi pura coincidência.

Em geral a montanha Peak é movimentada, mas talvez as pessoas tivessem preferido não subir até lá sabendo que havia neblina e a vista ficaria encoberta. Passamos por apenas duas pessoas naquela manhã, e nenhuma delas prestou muita atenção em nós.

Também gostei disso. De nenhuma delas achar estranho o fato de estarmos juntos.

— E então? Você vem muito aqui? — perguntou-me com voz debochada enquanto abria um sorriso.

Você tem um ótimo senso de humor. Talvez eu devesse usar o verbo no passado. Já não sei mais.

— Venho. Quase todos os sábados. Gosto da tranquilidade daqui. Antes de o resto do mundo acordar.

Você olhou para mim. Olhou *de verdade*. Seus olhos azuis têm esse jeito de parecerem meio intensos, sabe? Não na aula, mas quando éramos apenas nós dois, e você baixava a guarda e deixava transparecer quem realmente é. Você é mais descontraído em público, mas sua sinceridade silenciosa assumia o controle quando estávamos a sós.

— Sei o que quer dizer — comentou você. — É relaxante.

— Exatamente.

Estávamos caminhando havia alguns minutos, e nossa respiração ficou mais pesada. Chegamos à metade do caminho até o topo da montanha, mas decidi que acompanharia seus passos longos. Você é pelo menos quinze centímetros mais alto, então, para mim, aquilo não era pouco, mas eu não suportava a ideia de ficar para trás como uma criança boba comendo poeira.

— E você? Vem muito aqui? — perguntei.

— Caminho aqui todos os fins de semana, mas do outro lado — respondeu você, apontando com o polegar.

— Pela estrada?

— É. Eu nem sabia que existia uma trilha deste lado também, mas na semana passada, quando estava no topo, vi alguém surgir daqui, onde a trilha termina.

— É mais bonito. Sempre preferi este caminho.

Você assentiu.

— É. Também gostei mais deste lado.

Você estava falando da trilha, mas imaginei que também estivesse se referindo a mim, que gostava de caminhar comigo.

— Posso fazer uma pergunta? — indagou você.

— Claro.

Você olhou para mim, ainda respirando com dificuldade.

— Minha aula parece fácil para você. Você foi a primeira a terminar o teste-surpresa. Como pode ser tão inteligente?

Sorri e baixei o olhar em direção à trilha, concentrada em pôr um pé na frente do outro.

— Não sei. Meu pai é professor de educação física. É muito focado, quer que eu me dê bem. Ele sempre esteve a meu lado quando precisei de ajuda, e eu sabia quais eram as expectativas. Se é que isso faz sentido.

Você olhou para mim.

— Uau! E foi horrível? Estudar no colégio em que seu pai trabalha?

Duas coisas me ocorreram:

1. A última coisa que eu queria era conversar sobre meu pai com você.

2. Você fez a pergunta no passado porque supôs que eu já havia me formado. Mas *era* mesmo no passado, Bennett. Ainda é. Eu nunca voltaria para o ensino médio porque já estava na faculdade. Talvez ainda não tivesse um diploma — só teria em dois anos —, mas estava na faculdade, e era o que importava.

É por isso que você tem de saber que, quando respondi, não estava mentindo. Sei que ainda assim, para todos os efeitos, eu o enganei, mas estava gostando do jeito como falava comigo. Como se fôssemos iguais, apenas um garoto e uma garota caminhando.

Eles dizem que não éramos um garoto e uma garota, mas um homem e uma garota. Então precisam saber que, quando respondi, eu o levei a crer que havia me formado. Foi a primeira de muitas meias verdades. Lembre-se apenas, Bennett, de que naquele momento eu ainda nem sequer sonhava que você passaria a gostar de mim, que realmente haveria algo entre nós. Só queria alguém que conversasse comigo como você conversava. Alguém que não me visse como a rata de biblioteca de sempre, estudiosa demais, uma estraga-prazeres, mas que construísse uma nova imagem de mim baseada no que eu contasse.

Era isso que eu queria. Pintar o próprio retrato pela primeira vez, em vez de fazer o que meus pais delinearam com tanto cuidado.

— Foi bem ruim — comentei, rindo como se não fosse nada de mais. — Estou contente por essa etapa da minha vida ter acabado.

— Aposto que sim.

— Qual é o nome do seu cachorro? — perguntei, desesperada para mudar de assunto enquanto observava o animal entrar no riacho que ladeava aquela parte da trilha, as patas chapinhando na lama.

— Voldemort — respondeu você, sorrindo para mim daquele seu jeito especial, torto e perfeito ao mesmo tempo.

Eu ri e você também, e o momento teve uma espécie de brilho.

— Ele mastigou meu par de sapatos favorito no dia em que o

leve para casa, então não consegui evitar. Normalmente, só o chamo de Mort porque acho que sou velho demais para ter um cachorro com esse nome, sabe?

— Quão velho exatamente? — perguntei de forma descontraída.

Minhas pernas queimavam, mas não suportei a ideia de você achar que eu estava fora de forma e que era incapaz de acompanhá-lo.

— Mais velho do que você.

Talvez você estivesse tentando erguer uma barreira entre nós, apagar a amizade espontânea. Seu tom não foi rude, mas sua intenção ficou clara.

Você estava me dizendo que era velho demais para *mim*, que, se eu o enxergava daquela forma, não deveria, que era para recuar, eliminar qualquer ideia infantil que tivesse.

Mas era tarde demais. Comecei a me apaixonar no momento em que pousei os olhos em você, mesmo que naquele dia, na montanha, eu não soubesse disso.

— Ah, pare — pedi, com as pernas queimando pelo cansaço da caminhada. — Dê uma dica.

Seus olhos brilharam quando você me encarou, como se estivesse gostando da fluidez da conversa.

— Vamos ver. Dizem que a música que fazia mais sucesso no ano em que nasci era “La Bamba”.

Você esticou a mão e quebrou um galho ao passarmos por um arbusto. Depois, começou a arrancar as folhas, deixando-as para trás como uma trilha de migalhas de pão.

— Você é mesmo um ancião — comentei. — Essa música não é, tipo, da Idade Média?

Sua gargalhada foi contagiante. Espero não ter tirado isso de você. Não suportaria saber que você não ri mais daquele jeito.

— Dos anos 80, muito obrigado. E você?

— O que tem eu? — perguntei, fitando de novo a trilha e percebendo tarde demais que havia aberto uma porta que deveria ter mantido fechada.

Por que havia perguntado sua idade quando isso, obviamente, só apontava os holofotes para a minha?

— Que música fazia sucesso quando você nasceu?

Se eu tivesse falado que era uma música de Diddy, antes de ele ser P. Diddy, quando ainda era Puff Daddy, você saberia? Teria percebido que eu era apenas uma criança, que não merecia suas palavras e seus sorrisos e suas gargalhadas?

Então, balancei a mão e respondi:

— Não sei direito. Mas *tem* que ser melhor do que “La Bamba”.

— Ei, os anos 80 têm ótimas músicas — comentou você, em um tom brincalhão e indignado ao mesmo tempo.

— Pee Wee Herman também.

Estremeci de um jeito exagerado.

— Ah, por favor. Como se os anos 90 tivessem sido melhores — rebateu você jogando o ombro contra o meu.

Você sabia que eu havia nascido nos anos 90, sabia que eu era mais nova, mas tenho certeza de que estava pensando na outra metade daquela década, na primeira.

Sorri e também esbarrei meu ombro no seu.

— Nós somos responsáveis pelo Nirvana — comentei.

Fui pesquisar quando voltei para casa naquele dia. Sabia que Kurt Cobain morreu antes de eu nascer? Três *anos* antes de eu nascer. Não sei mesmo por que mencionei o Nirvana. Nem gosto da banda. Mas quando as pessoas pensam nos anos 90 e em Seattle — e Enumclaw é um subúrbio de Seattle —, sempre se lembram do Nirvana.

Então, talvez, naquele momento, naquela trilha calma no monte, sem saber, eu tenha plantado a ideia de que era mais velha, de que já havia nascido na época em que o Nirvana ainda tocava. Se fosse verdade, teria pelo menos dezenove anos, o que transformaria tudo que aconteceu em algo normal.

— E como eu poderia rebater um argumento desses? — perguntou você.

Estávamos nos aproximando do topo, em uma parte plana da trilha. Voldemort corria à frente, perseguindo um esquilo em meio à mata, e você o deixou ir e se virou para observar a vista diante de nós.

Eu havia me enganado a respeito da neblina. Quando chegamos ao topo, havia poucos filetes de nuvens pairando baixo em alguns campos distantes, acima de grandes celeiros.

— Não me canso dessa paisagem — comentou você, ainda com a respiração pesada, enquanto olhávamos para as fazendas leiteiras espalhadas e para as colinas verdes. — Eu poderia vê-la todos os dias e não enjoaria.

Sabia que dá para ver meu colégio do alto daquela montanha? Não comentei naquele dia por motivos que devem ser óbvios agora, mas, se voltar a caminhar por lá, olhe para oeste. Você verá os prédios marrons espalhados ao longe, onde a área verde das fazendas encontra o céu azul infinito.

— É mesmo, a vista é linda. Só gostaria que desse para ver a montanha — acrescentei.

Quando disse “a montanha”, estava me referindo ao monte Rainier, é claro.

Você se virou e olhou para trás, mas os picos mais altos ainda estavam escondidos pelas nuvens cinzentas. Em um dia limpo, é de tirar o fôlego, todo o composto de rochas escarpadas e picos cobertos de neve, o tipo de coisa que se vende em cartões-postais por toda a Seattle. Em Enumclaw, dá para ver bem de perto. Com *zoom*.

Voldemort saiu correndo do meio das árvores, e cocei atrás de suas orelhas. Ele se sentou, apoiando-se em minha perna, e dessa vez não me encolhi por causa da sujeira e da lama que com certeza ficariam em minhas roupas. Afinal, se ele era seu, como eu poderia não adorá-lo?

— Ele gosta de você. — Foi seu comentário.

Eu lhe dei um sorriso, ainda acariciando o cachorro.

— Golden retrievers gostam de todo mundo.

— Ah, mas ele não é um cachorro comum.

Seus olhos azuis estavam iluminados, vivos de um jeito que não ficavam na sala de aula.

— Ah, é?

— Ele é Lorde Voldemort!

Gargalhei, e voltamos para a trilha, bem mais tranquila naquela parte do que na cansativa subida.

Nós combinávamos, você e eu, como duas peças que se encaixam perfeitamente.

Dez anos não é muito, sabe? Se eu tivesse vinte e você, trinta, será que alguém se importaria? Parece cruel que quatro aninhos

sejam tão importantes, capazes de mudar uma vida.

Na verdade, só dois importavam. A diferença entre dezesseis e dezoito.

A diferença entre o amor que pode durar uma vida e o amor que nunca pode acontecer.

*

NAQUELA TARDE, sentei-me encolhida na cama, encostada na parede, com os dedos no teclado, digitando seu nome em uma caixinha branca.

Gostei do nome “Bennett” no momento em que você o pronunciou. Combinava. Era aristocrático e sofisticado e se encaixava na imagem que eu tinha de você tomando chá ou cerveja ou outra bebida em outro país.

Não sei por que fiquei fascinada por você tão rápido, mas fiquei. Tenho certeza de que não sou a única pessoa na história do universo que leu tanto nas entrelinhas a ponto de acreditar que algo está crescendo e se construindo mesmo que não se admita.

Como naqueles sites de relacionamentos repletos de histórias de caras e garotas que se conhecem e seguem caminhos distintos, mas nunca se esquecem um do outro, mesmo que jamais tenham de fato se falado. É um sentimento bonito, não acha? Que algum rapaz solitário morando em uma cidade grande ache que conheceu sua alma gêmea, apesar de os dois nunca terem conversado, e que ela escapou por entre seus dedos, e agora ele quer uma segunda chance?

Seria legal saber se você acreditava em almas gêmeas, esse tipo de coisa. Se acredita, talvez voltemos a ficar juntos um dia.

De qualquer modo, eu não estava nesse tipo de site naquele momento. Estava no Facebook e havia acabado de encontrar seu perfil, e meu coração pulou quando sua foto apareceu. De tão acelerado, deve ter soado como os batimentos de um bebê em um ultrassom.

Acho que “Bennett Cartwright” não é um nome muito comum, porque foi bem fácil encontrar seu perfil. Você estava com uma camiseta grudada no corpo musculoso e seu cabelo, castanho, estava mais curto na foto; não chegava a cair nos olhos, como agora.

Você não parecia muito mais velho do que os alunos que haviam terminado o ensino médio no ano passado, quando eu era do segundo ano. Como se talvez a vida não nos separasse tanto.

Sua última atualização de status?

O novo trimestre começou. Que comecem as peripécias.

Olhando para trás, você acha graça do status? Você tinha vinte e cinco anos. Agora eu sei. Vinte e cinco anos e nove meses quando nos conhecemos, porque comemoramos seu vigésimo sexto aniversário juntos. É bem jovem para um professor de faculdade.

Eu não sabia na época, mas aquele era para ser seu primeiro ano como professor em tempo integral por todo o ano letivo. No ano anterior, você dera apenas algumas aulas, sem horário integral.

Naquele dia, enquanto olhava seu perfil, quis saber que tipo de peripécias você achava que o ano reservava. Queria fazer parte delas. Até aquele ponto da minha vida, nunca tinha feito parte de nada que fosse descrito como peripécia. Nada de trotes, nada de detenção, nem mesmo cheguei perto de ficar de castigo.

Eu era Tão Perfeita...

Examinei seu perfil. Não era privado, e vi fotos de todos os tipos. Eu não deveria contar, mas salvei algumas no computador.

Acho que não tem problema contar. Minha mãe confiscou meu computador há alguns dias, e por esse motivo estou tendo que escrever tudo isso à mão. A propósito, peço desculpas pela letra. Eu a odeio. Esta carta parece o caderno de caligrafia de um aluno do primeiro ano do fundamental: alta e redonda onde deve ser, inclinada para a direita em outras partes.

Sem nenhum traço marcante.

Mas estou praticamente presa agora, sem telefone, computador nem nada, então terá que ser assim.

Naquele dia, enquanto olhava seu perfil, encontrei algo que nem sabia que estava procurando. Sorri e me deitei de novo na cama, com aquela única palavra se repetindo sem parar em minha mente.

Solteiro.

Você estava solteiro.

Saiba, Bennett, que fiquei feliz. Não porque achei que ficaríamos juntos. Sabia que isso não podia acontecer. Nem esperava que você se interessasse por uma garota como eu. Não dessa forma, pelo menos.

Mas queria que você fosse solteiro do mesmo jeito que uma garotinha quer isso de seu astro favorito, o ídolo da boy band. Não é por ela achar que vai se casar com ele. É porque não consegue imaginar o garoto que ama, mesmo de longe, com outra, amando-a

na vida real, quando tudo que essa garotinha tem é a imaginação.

Queria que você fosse solteiro porque achava que pensar em você casado estragaria aquelas duas horas de aula todos os dias. Pensar em você indo para casa encontrar uma esposa adulta e bonita, talvez sua namorada da época de colégio, sabendo que eu ainda estava *no* colégio.

Tudo que eu queria era conversar com você, quem sabe construir para nós uma arrebatadora história de amor no estilo *Orgulho e preconceito*.

Tudo na minha cabeça, é claro, mas o que mais eu podia fazer? Nesta casa, com todos os deveres, todas as expectativas e a pressão? Meus pais me amavam (não sei se ainda amam depois de tudo isso), mas eu queria um tipo diferente de amor.

Saber que você era solteiro fez com que não houvesse problema em criar fantasias com você me pedindo que ficasse depois da aula. Não havia problema em me imaginar beijando-o.

Sei que vai considerar isso algo idiota de se dizer. Porque seu estado civil nunca foi a informação importante.

Não, Bennett. A coisa mais importante, de acordo com você, de acordo com *eles*, é o fato de eu ter dezesseis anos.

*

DURANTE TODO O FIM DE SEMANA desejei que sua aula não fosse apenas às terças, quartas e quintas. Desejei de coração que fosse cinco dias na semana.

Quando entrei em sua sala na terça — cinco minutos adiantada, é claro —, você baixou os olhos ao ver o que eu vestia, como naquele primeiro dia, mas por outro motivo.

Você olhou para meu colo por causa da camiseta que eu usava. Porque, no domingo após nossa caminhada, revirei os shoppings o dia inteiro, e estava usando uma camiseta preta com *NIRVANA* escrito.

Sorriu para mim daquele seu jeito desembaraçado, de um homem que sabe quem é e o que quer.

— Mandou bem — disse.

Sorri.

— Eu ia usar minha calça do MC Hammer, mas estava lavando.

Você balançou a cabeça, lutando contra um sorriso e perdendo feio.

Vestia outra vez a combinação de suéter, camisa de botão e calça, e admito que gostei muito. Gostei porque o Bennett que conheci na montanha, com a camiseta de mangas compridas e calça Nike, era só para mim. Katie e todos os outros alunos ficavam apenas com o sr. Cartwright, o professor.

Tínhamos algo sobre o qual ninguém sabia.

Não que estivéssemos tentando manter segredo, mas eles surgiram naturalmente entre nós. Tínhamos aquela caminhada e nos encontramos ali, naquela terça, e sabíamos que algo havia mudado, mas nenhum dos dois disse nada.

Não contei a seu respeito para minha mãe quando voltei para casa depois da caminhada.

Não falei nada para Katie quando sentamos juntas na aula daquele dia.

Mas pensei sem parar no que aconteceu.

Eu me sentia adulta com você, Bennett. Não uma garotinha perdida envolta por uma casca bonita e perfeita, mas uma adulta no controle da própria vida, indo atrás do que queria. Eu me sentia como

se finalmente tivesse entrado no *cockpit* e decidido traçar minha rota.

Você me vê de outra forma agora que sabe a verdade? Acha que sou apenas uma criança... e bem burra? Ou ainda vê a garota que fui o tempo todo? A inteligente, que gabaritava todas as suas provas e o fazia rir?

Naquele dia você andou lentamente de um lado para outro durante a explicação, e me encarou. Só por um momento, mas significou algo para mim.

Significou mais do que você imaginava.

*

DIAS DEPOIS precisei passar no colégio pela primeira vez desde o início do ano letivo. Quando abri a porta dupla do saguão principal, fui recebida pelo silêncio.

Foi estranho andar pelos corredores ouvindo o baque seco de meus passos no carpete gasto, escutando o tinido de um armário ao longe sendo trancado. As portas das salas a meu redor encontravam-se fechadas, estava tendo aula. Atrás delas, havia o zumbido baixo de vozes.

Poucos meses haviam se passado desde o fim de meu segundo ano, mas pareciam séculos. Como se eu tivesse me formado anos antes e estivesse passando lá para dar um “oi”.

Era um sentimento bobo. Eu ainda estava matriculada lá. Ainda era uma aluna. E, mesmo assim, quando Marina Reynolds, uma garota de quem já tive medo, surgiu no corredor com aquele olhar penetrante e tão familiar, examinando minha roupa antes de soltar um sorrisinho de deboche, não senti a pontada de mal-estar de sempre. Não puxei a barra da camisa nem desviei o olhar na esperança de que ela não me visse.

Eu tinha um segredo, Bennett, um segredo que superaria qualquer troféu do ensino médio, as saias das líderes de torcida e os pares nos bailes. Era como uma vela brilhando dentro de mim, aquecendo-me, acabando com a escuridão.

Era isso que você representava para mim. Um brilho de calor em um mundo que parecia tão frio, tão vazio... tão sem sentido.

Virei em outro corredor. O letreiro *Diretoria* me recepcionou. Passei pela porta e segui por um corredor que me levaria ao escritório da minha orientadora. Eu precisava vê-la regularmente para planejar os estudos. Nem todas as aulas na faculdade contavam para os requisitos da formatura do ensino médio, então ela precisava ver meu planejamento, ter certeza de que eu me matricularia nas matérias certas no trimestre seguinte.

Acho que foi sorte biologia contar para meu diploma. E se tivesse sido química, Bennett? Eu jamais teria conhecido você.

Espere: talvez não tenha sido sorte, não para você. Talvez tenha sido uma coincidência fatídica.

A porta do escritório estava aberta, então bati na imitação de carvalho, e ela ergueu o olhar do celular, a testa franzida transformando-se em um sorriso largo demais.

— Madelyn! Você chegou cedo.

Souo como uma acusação, como se eu tivesse interrompido algo mais importante do que a trajetória do resto da minha vida.

— Desculpe. Devo voltar depois?

Ela negou com a cabeça, e os cachos tingidos de ruivo balançaram ao redor das orelhas.

— Não, não, tudo bem. Vou pegar sua pasta. Venha, sente-se.

Entrei e me sentei rápido demais na cadeira em frente à mesa dela, e o acolchoado de vinil do assento chiou um pouco com a passagem de ar entre as fissuras. Ela atravessou a sala e abriu um dos armários pretos, passando os dedos pelas abas até encontrar o arquivo que continha os últimos anos de minha vida.

Havia tanto sobre mim acumulado naquela pasta fina... Tantos boletins, notas de simulados, panfletos de faculdade com marcas destacando as exigências para matrícula.

Ainda assim, tão pouco estava ali de verdade. A pessoa presa naquela pasta era uma estranha, um robô. Uma garota em uma gaiola dourada que sabia sorrir na hora certa.

A garota que minha família conhecia, a garota com quem eu não conseguia mais me identificar.

— Muito bem. E então? Como foram as duas primeiras semanas? Algum problema?

Balancei a cabeça.

— Não, as aulas são boas.

— Não são muito difíceis? Eu estava um pouco preocupada com o volume de disciplinas dos cursos gerais logo de cara. A maioria dos alunos faz artes ou informática no primeiro trimestre. Para se acostumar com as coisas. — Ela fez uma pausa e me observou por cima do aro dos óculos estilosos, de um azul vibrante. — Afinal, você tem dezesseis anos e está assistindo às aulas com adultos.

Não gostei da forma como ela disse aquilo, como se eu também não fosse adulta. Mas ela não me conhecia.

— Sim, mas não sou boa em artes — respondi, sorrindo para afastar uma expressão emburrada. — Juro que não sei nem pintar

com o dedo. E em educação física também não me saio bem. Mas sou boa em biologia, cálculo e inglês.

— Bom, então, tudo bem. Nesse ritmo, vai se livrar do básico logo. Se planejarmos bem, você completará o ciclo básico na época de pegar o diploma do ensino médio. Em seu primeiro semestre fora do ensino médio, já será aluna do terceiro ano da faculdade.

Meu sorriso ficou meio tenso. Senti a forma como os cantos de minha boca enrijeceram; não dava para continuar sorrindo. Era uma reação boba, na verdade, porque ela só estava repetindo o que já havíamos conversado, o que já havíamos acordado. Sempre pretendi me formar no ensino médio com o ciclo básico da faculdade, pois era isso que meu pai queria e minha mãe esperava.

— Hã, certo, esse é o plano — concordei.

— É mesmo? Tecnicamente, você só precisa de sete créditos por ano, mas está matriculada em nove. Caramba, vai se formar seis meses antes na faculdade se continuar assim. Mas seu pai...

Parei de sorrir e apenas assenti enquanto franzia os lábios.

— Ele conversou com você? — perguntei. — Pensei que isso fosse proibido.

De repente, ela se esticou toda. Bem, esticou-se sentada, e considerando que tinha um pouco mais de um metro e meio, não foi tão impressionante.

— É claro que não discuti com ele coisas específicas sobre as quais conversamos quando você está em meu escritório. Esta sala é segura, pode me contar o que quiser. Você sabe disso.

Até parece.

O que eu sabia mesmo era que, aparentemente, meu pai havia visitado minha orientadora do ensino médio e pedido que ela me encorajasse a pegar mais matérias. Pedido que ela exigisse mais de mim.

Exigir, exigir, EXIGIR. Quando isso acabaria? Quando eu poderia apenas... respirar?

— No entanto, é claro que seu pai tem permissão para saber que matérias você está cursando. Ele precisa assinar a papelada da matrícula, então essa informação é relevante para ele. — Ela olhou para os formulários de matrícula do primeiro trimestre, onde eu via claramente a assinatura dele. — Então, não senti necessidade

alguma de esconder, já que ele veria de qualquer jeito.

— Quando ele veio aqui?

— O quê? — perguntou ela, erguendo o olhar dos papéis.

— Meu pai. Veio cinco minutos atrás? Talvez ontem e hoje de manhã de novo, para garantir que você soubesse o que estava planejado. Para garantir que você não cometeria uma besteira, que faria o que ele precisava que fizesse.

A única reação dela foi um leve brilho no olhar, provavelmente uma reação ao fato de eu ter levantado a voz.

Controle-se, pensei.

— Desculpe — falei, por fim, enquanto ela me encarava. — Só não achei que ele viesse falar com você. Realmente não quero... — E deixei minha voz morrer.

Se eu contasse a ela que não queria fazer nove matérias por ano — enquanto meus colegas de turma de ensino médio faziam sete —, não faria diferença. E pior: ela iria correndo contar para meu pai. Então, ele chegaria em casa e eu ouviria um sermão de quarenta minutos sobre a importância dos estudos e como ele tinha passado a vida inteira desejando ter se esforçado só um pouco mais, chegado só um pouco mais longe.

Não entendo por que ele não pode simplesmente se esforçar mais. Por que não pode ser mais do que um professor de educação física de ensino médio. Talvez, se tivesse malditas aspirações *próprias*, parasse de me encher o saco e percebesse que não estou mais sorrindo, não estou gostando disso.

Fazia anos que eu nem sequer tinha amigos de verdade. *Anos*. Minha melhor amiga no mundo inteiro se mudou quando estávamos no sétimo ano, e eu nunca a substituí realmente. Tive amigos de colégio, amigas de balé e vizinhos... mas, meu Deus, não tenho amigos de verdade. Não, mesmo.

E, para variar, se meu pai parasse de me pressionar, talvez eu deixasse de sentir que todas as minhas ações eram controladas por outra pessoa, como se minha mente e meus membros estivessem sendo puxados e manipulados por cordas.

— Deixe para lá — pedi, com a velha sensação de desesperança tomando conta de mim.

— Tudo bem, então — respondeu ela com alegria, feliz demais

em deixar de lado meu surto momentâneo. — Vamos falar sobre o que você fará no próximo trimestre. A lista de matérias sairá em breve, e as turmas ficam cheias rapidamente. Não precisamos decidir hoje, mas devemos começar...

— Matemática, ciências, história — indiquei automaticamente. — Preciso das três, e posso muito bem pegar os cursos mais avançados de matemática e ciências logo depois dos introdutórios, para que tudo ainda esteja fresco em minha mente antes de seguir adiante. Só me diga quais contam nas exigências do ensino médio.

— Tem certeza de que não quer fazer alguma coisa mais tranquila dessa vez? Fotografia, talvez?

Precisei me controlar para não soltar uma gargalhada. Fotografia. É, eu seria ótima nisso. Tinha muita experiência mesmo em sair pelo mundo, em criar arte.

— Não, vou ficar com...

O que se espera de mim.

O que tenho que fazer.

Quem devo ser.

Quem eles planejaram que eu fosse.

— Podemos decidir isso outro dia? — perguntei, com uma estranha sensação de poder tomando conta de mim.

E quando ela sorriu a chama daquela vela cresceu, inclinou-se e queimou, derretendo algo ao redor de meu coração. Algo que não tinha nada a ver com você, Bennett.

Mas de alguma forma tinha tudo a ver com você.

*

NAQUELE SÁBADO, esperei por você no carro ao pé da montanha Peak. Cheguei cedo porque não queria perdê-lo.

Eles precisam saber disso. Se eu não tivesse ido para lá naquele dia, desejando e torcendo para fazer outra caminhada em sua companhia, você jamais teria dado o passo seguinte. As coisas teriam ficado naquela sua sala de aula, e seu muro (construído de camisas de botão e suéteres de gola V, de béqueres e cilindros, de PowerPoint e da ementa) teria permanecido entre nós.

Mas não foi o que aconteceu, Bennett. Porque você chegou naquela picape S-10, com Voldemort preso na caçamba pulando sem parar e mal controlando a empolgação.

Você planejava apenas uma caminhada normal. Como tantas outras que provavelmente já fizera. Mas eu planejei uma caminhada exatamente igual *àquela* com você.

Eu sou a responsável por ficarmos juntos naquele dia. Sempre fui eu que criei oportunidades, que cultivei o relacionamento. Para você, isso é um ato de manipulação? Olhando para trás, parece mesmo um pouco isso. Mas não tive essa sensação na época. Só parecia que você era irresistível e eu precisava de mais.

Saí do carro antes de você parar, para fingir que havia acabado de chegar. Tirei o casaco do banco de trás, fechei o zíper e segui na direção da trilha como se nem tivesse reparado em você.

Voldemort me deu a deixa. Ele latiu, e eu me virei para olhá-lo, fingindo surpresa. Pareceu verdadeiro, Bennett? Você acreditou em minha atuação?

Você torceu para me ver, assim como torci para vê-lo?

Tudo que eu queria era que continuássemos compartilhando esse segredo, essas caminhadas que eram só nossas.

Lembre-se disso. Enquanto eu o esperava à sombra da montanha Peak, ainda não sonhava que nos tornaríamos o que fomos. Eu só gostava de como me sentia perto de você, gostava de, ao menos por um momento em minha existência, não precisar fingir ser uma pessoa que não era.

Acho que isso é o cúmulo da ironia, poder ser eu mesma perto de alguém que achava que eu era uma pessoa completamente

diferente. Mas saiba que minha idade é a única coisa que nunca compartilhei com você. Tudo o mais era verdade.

Quando você saiu da picape, vi que usava um moletom com capuz. Havia uma enorme águia do time de futebol americano Seattle Seahawks na frente e as cordinhas tinham sido retiradas. Era surrado e ficava bem em você.

Ainda tenho esse moletom, sabia? Eu me esqueci de tirá-lo naquela manhã em que me deixou em casa e não olhou para trás. Espero que não seja um problema eu ficar com ele. É tudo que tenho agora.

O moletom e as lembranças de você quando começamos a andar pela trilha, com Voldemort pulando e balançando o rabo e tremendo de empolgação, mais ou menos como meu coração ficava sempre que você me encarava.

— Então, Madelyn — começou você, quando fizemos a primeira curva e adentramos as sombras coloridas da floresta.

— Então, Bennett — respondi, enfiando as mãos nos bolsos do casaco.

Você olhou para mim um tanto surpreso quando falei isso. Acho que havia se esquecido de que me dissera seu primeiro nome.

— Grandes planos para o fim de semana? — perguntou.

Dei de ombros.

— Ah, você sabe, só uma maratona de filmes ruins comendo besteiras no intervalo entre os estudos. Sabia que tenho um professor de biologia que é um feitor de escravos? Temos umas folhas de exercícios bem irritantes...

Você riu e me deu um empurrãozinho no braço, e eu soltei uma risadinha de tão feliz que fiquei por você ter feito aquilo, por ter me tocado outra vez. Era para ser um flerte, Bennett, ou uma brincadeira entre amigos?

Mas acho que é irrelevante. Talvez você nem saiba.

Então, você revirou os olhos e perguntou, ignorando minha provocação:

— O que caracteriza um filme ruim?

— Qualquer coisa da década de 80 — respondi com sarcasmo.

E você riu de novo e balançou a cabeça, mas não conseguiu tirar o sorriso daquele seu rosto lindo.

— Gosto de você.

Foi algo simples de se dizer, um sentimento simples de se sentir (você provavelmente gostava de um monte de coisas), mas aquilo mudou meu mundo.

Porque mudou o que achei que poderíamos nos tornar. Bastaram essas três simples palavras, e eu me perguntei se *realmente* importava que você fosse solteiro, se realmente importava que estávamos caminhando juntos, se realmente importava que parecíamos ter algo de verdade.

Foi naquele momento que decidi, Bennett, que queria ficar com você e que, apesar de haver um bom motivo para não termos alguma coisa, eu conseguia pensar em um *milhão* de motivos para termos.

Joguei o cabelo nos ombros com falsa arrogância, sorri para você e disse:

— Eu sei, sou irresistível.

Vi que você gostava de autoconfiança, e eu queria ser aquela garota, a que era dona de si, que adorava isso, que brincava com o lado sensual. Uma garota que eu jamais havia tentado ser em outro lugar.

Você tem esse olhar, Bennett, esse tipo de olhar com um brilho muito especial quando tenta controlar o sorriso, mas mal consegue. Seus olhos brilham, e você fica simplesmente lindo.

Ficamos em silêncio enquanto caminhávamos, e foi confortável, mas eu queria conversar mais, queria me conectar.

— E você? Grandes planos para o fim de semana? — perguntei.

— Relatórios. Tenho uns três mil relatórios de laboratório para corrigir.

— Somos apenas vinte e cinco alunos na turma.

— Tenho três turmas.

— Que bom que você é professor de ciências.

— Por quê?

— Porque é péssimo em matemática.

Eu sorri para você e me senti espirituosa.

Eu nunca havia me sentido espirituosa, sabe? Sempre me achei inteligente, mas jamais esperta, jamais espirituosa. No colégio, eu me sentia apenas um entre mil e duzentos alunos, cada um perdido e confuso e inseguro de um jeito ou de outro.

Mas você me transformava. Fazia eu me sentir inteligente, engraçada e ousada.

— É verdade — confessou você.

Então, parou por um segundo e assobiou para Voldemort, porque ele ia muito à frente na trilha. Ele se virou, voltou até nós e, a um metro, saiu correndo de novo.

Acho que Voldemort quis dizer que estávamos devagar demais, mas eu não tinha vontade de andar nem um pouco mais rápido. Queria que a caminhada durasse uma eternidade.

Se tivesse aquele superpoder, o de interferir no tempo, eu o teria usado naquele dia. A caminhada teria levado dias e mais dias.

— Você faz muitas caminhadas? — perguntei, porque senti os pulmões ardendo, quase explodindo, e você mal ofegava.

— Sim, algumas vezes por semana.

— Para onde mais você vai?

Você olhou para o céu, um brilho azul entre as árvores.

— Meu lugar favorito é High Rock.

— Onde fica?

— No Parque Nacional do monte Rainier. Bem depois de Eatonville e Elbe.

— Do que gosta lá?

Chegamos a um trecho em zigue-zague, a trilha se estreitou, e você parou e me deixou ir na frente. Eu me perguntei se me observava caminhar. Meu pescoço formigava, e desejei ter olhos na nuca, pois queria muito saber se estava me olhando. Tentei fazer meus quadris ginghamarem como os de Katie, mas não sei se deu certo, e, como eu estava caminhando, era bem difícil e só me deixava mais sem fôlego ainda, então desisti.

— É difícil explicar. Eu deveria levá-la um dia. Você ia adorar.

Fiquei tão incrivelmente radiante e surpresa por seu convite que perdi a capacidade de falar. Fiquei boquiaberta. Ainda bem que você estava atrás de mim e não me viu daquele jeito, parecendo um peixe fora d'água.

— É, seria incrível — comentei.

Houve um momento de silêncio entre nós, e me perguntei se você tinha se arrependido do convite, como se tivesse falado já achando que eu recusaria.

Depois, você me contou que havia sido um reflexo, algo que dissera sem pensar, sem lembrar que eu não era uma amiga, não de verdade, e foi esse o motivo daquele silêncio. Pois, naquele momento, você se deu conta de que não deveria ter me convidado.

Também se deu conta de que queria. Acho possível que aquele tenha sido o momento em que reconheceu que também queria alguma coisa comigo. Talvez ainda não um relacionamento, talvez não o que nos tornamos, mas *alguma coisa*.

Olhei para você por cima do ombro, com um pouco de dor no peito porque sabia, simplesmente *sabia*, que você ia dizer algo como: *Mas não podemos fazer isso, porque sou seu professor*.

Mas você não disse isso. Apenas falou:

— Teríamos que ir logo. Quando a neve se acumula, o parque é fechado durante o inverno.

— É só dizer quando. Porque agora você me deixou curiosa.

— Poderíamos ir no fim de semana que vem.

Em parte soou mais como uma pergunta do que como uma afirmação. Houve apenas um leve indício de hesitação, e notei que você não estava muito seguro do que estava fazendo enquanto as palavras saíam de sua boca. Às vezes, parecia que o coração falava por nós e o cérebro não estava presente.

— Em vez de caminharmos na montanha Peak de novo — completou você.

Meu coração cantou, Bennett. Pulou de meu peito e pairou no topo daquela montanha.

Não sei o que você sentiu naquele momento. Excitação, preocupação, as duas coisas? Você tinha que levar em conta sua carreira e percebeu que estava violando o regulamento da faculdade.

Ou talvez a regra se aplique apenas a namoros, e caminhadas não se enquadrassem nisso, certo? Foi o que você pensou?

— Parece incrível. Estou dentro.

Conversamos sobre os assuntos mais variados enquanto subíamos a montanha. E, quando chegamos ao topo, eu tinha certeza de que aquela vista estava ainda mais bonita do que na semana anterior.

*

A SEMANA SEGUINTE foi puro sofrimento. Para você também foi assim?

Você alguma vez se arrependeu de me convidar para a caminhada, Bennett? Não estou falando de agora, que você sabe como tudo terminou, porque sei que deve se arrepender. Mas naquela época, quando só havia possibilidades diante de nós.

Lá atrás, quando achava que eu tinha dezoito anos, Bennett. Você se arrependeu?

Seria quase a morte para mim pensar que você se arrependeu, que passou a semana toda imaginando formas de escapar, de cancelar o compromisso sem muito estardalhaço. Porque só a promessa daquela caminhada já me ajudou a enfrentar muita coisa naquela semana.

Meu irmão foi para casa na segunda. Meu Irmão Muito Perfeito. Meu pai preparou sua Lasanha Muito Famosa e minha mãe saiu do trabalho mais cedo para termos um Ótimo Jantar de Família, como fazíamos quando eu era pequena, quando era a Filha Muito Obediente. Talvez eu ainda fosse aquela garota, já que nunca tinha dado um passo em falso, jamais fizera nada inesperado ou andara fora da linha.

Até surgir você, pelo menos.

Meu pai me fez lustrar a prataria porque receberíamos um “convidado”, embora fosse apenas Trevor. Meu irmão CDF, bem-sucedido em tudo, para quem, aparentemente, era importante saber se comeria ou não na melhor porcelana.

Meu pai e minha mãe Morrem de Orgulho de Trevor. Meu pai se gaba dele sem parar e minha mãe conversa com ele sobre números e ângulos e seja lá que lixo se estude em engenharia. Ele é o elogiado, aquele cujo exemplo devo seguir.

Lembra quando contei que era boa em matemática e ciências? É por causa de minha mãe. Os números são fáceis para mim e para Trevor. É boa genética ou coisa do tipo.

Nunca quis seguir os passos de Trevor, mas meus pais jamais enxergaram isso, porque, quando percebi, eles já haviam se acostumado com a ideia, deixado-a crescer como um enorme pé de feijão, e como eu o cortaria? Quando nem sequer sabia que poderia

escolher outra coisa? Fazer birra porque não quer algo sem ter outra opção em mente é comportamento de uma criança de dois anos.

É difícil decidir o que ser quando você só se destaca naquilo que não quer ser.

Essa era minha vida. Em preto e branco. E eu desejava cor. Mas sabia que acabaria me formando em algo nada interessante. Para mim, seria engenharia, ciências ou alguma carreira para o qual o caminho estava bem-trilhado e seria fácil de percorrer.

Foi nisso que pensei naquele dia, sentada na cadeira de encosto alto comendo salada, sentindo a alface amarga demais na língua, ouvindo Trevor falar sobre seu estágio em uma empresa de engenharia em Seattle, vendo meu pai radiante e minha mãe nos céus, e pensando em como nunca poderia ser quem eu queria sem decepcioná-los.

Achei que participar do Running Start e ir para a faculdade aos dezesseis anos seria o bastante para tirá-los de meu pé, que me daria tempo para descobrir o que eu queria. Mas naquele momento finalmente percebi com horrível clareza, em alta definição, que jamais haveria uma trégua, um momento em que eles recuariam e me deixariam em paz para seguir para onde quer que meu caminho sinuoso me levasse.

Sabe, Bennett, o triste em relação a expectativas é que se você as frustrar (um pouco ou completamente, não importa) decepcionará as pessoas. E meus pais... eles não têm padrões baixos. E meu irmão... só os aumentava.

Eu queria diversão, o tipo de diversão que jamais havia tido. O tipo de vida e aventura que sonhava que você tivesse. Havia assistido à MTV o bastante para saber que outros adolescentes curtiam, xingavam e viviam altos e baixos nos relacionamentos. Estragavam tudo, mas, de alguma forma, acabavam voltando a ficar juntos.

Mas eu nunca havia vivenciado nada disso.

Você tinha apenas algumas fotos no Facebook, mas, através delas, criei um mundo inteiro para mim, algo bem parecido com o que achava que todo mundo vivia. Eu me imaginei jogando futebol americano ou rúgbi ou o que quer que você estivesse fazendo nas fotos, sob o céu azul-vibrante, você com uma camisa de uniforme com um grande número doze e com as bochechas coradas. Eu seria

péssima no jogo, é claro, mas você ria e me ajudaria, e seria divertido. Não seria competitivo, e ninguém se importaria se eu fosse desajeitada.

Também me imaginei numa viagem a Paris, tirando fotos com a Torre Eiffel ao fundo e eu na frente, fingindo segurá-la com as mãos, exatamente como você fez. Seríamos turistas bobos, evitando todos os destinos educacionais aos quais meus pais esperariam que eu fosse.

E me imaginei cinco anos depois, em um banco de bar a seu lado, descontraída, segurando uma longneck, aquela luz néon brilhando atrás de mim.

Atrás de nós.

Enquanto meu irmão falava e minha mãe murmurava “humms” de vez em quando para indicar que estava escutando, deixei a mente vagar de volta para a montanha, e as lembranças de nossa conversa me mantiveram acordada.

Talvez tivesse aperfeiçoado a arte de sonhar de olhos abertos.

— Qual é a sensação de ficar para trás, Trevor? — perguntou minha mãe ao espetar um aspargo que parecia fugir dela havia dois minutos.

— Hã?

Trevor tomou um gole de água gelada e encarou minha mãe.

Vi seu ego piscar e brilhar daquela forma defensiva de sempre, aquele olhar fácil de interpretar, o cabelo escuro com o gel de sempre. Porque, para ele, a aprovação de minha mãe era tudo. Ele escalaria o Everest e daria a volta na Lua só para impressioná-la. Alguns obstáculos não eram nada.

— Madelyn está cursando cálculo na faculdade aos dezesseis anos. Você não fez essa matéria alguns trimestres atrás?

— Ah... Em algum momento do ano passado, é.

E ele piscou, só uma vez, e percebi que não gostou do que minha mãe havia acabado de dizer, das insinuações por trás das palavras. Ela não provocava de propósito, como meu pai fazia, mas a intenção estava sempre intrínseca a tudo que dizia.

Sempre quis um irmão mais velho, alguém que cuidasse de mim e mostrasse como eu deveria viver, mas tudo que tive foi um rival. Sou quatro anos mais nova do que Trevor e, ainda assim, éramos

jogados um contra o outro, sempre comparados para ver quem era o preferido do dia.

E eu queria que minha mãe não tivesse feito aquilo, jogando minhas realizações na cara de Trevor daquele jeito. Porque sabia que ele voltaria a elevar ainda mais os padrões, tornando impossível que eu os alcançasse... o que, para mim, significava ficar sempre em segundo lugar.

Você já esteve em uma panela de pressão, Bennett? Já senti como se tivesse corrido pela casa dos espelhos tentando ignorar aquelas vinte versões de você, algumas altas e magras, outras tortas e feias, para chegar ao fim e se dar conta de que não havia rota de fuga, apenas mais espelhos, mais versões suas?

Você era minha rota de fuga. Minha porta para outro mundo, um reflexo que se parecia mais com a pessoa que eu queria ser do que com a que era obrigada a ser.

— Estamos muito orgulhosos de Madelyn — disse meu pai, e sua voz estava meio rouca, ou grave, ou sei lá o quê, como sempre, resultado do hábito de fumar que ele achava que nós, crianças, desconhecíamos.

Era um vício que ele não conseguia assumir, porque não combinava com o histórico de atleta na faculdade, de professor de educação física... contrariava completamente o homem que ele fingia ser.

Minha família é assim, sabe? Todo mundo tem um vício secreto.

Meu pai fuma e minha mãe toma vinho todas as noites (só uma taça), mas bebe em uma caneca de café, como se não percebêssemos nada.

É só uma taça, Bennett. Só uma. Sei porque fiquei curiosa uma vez e acompanhei quanto restava na garrafa. Mas o fato de ela *esconder*, de não querer admitir o hábito de uma taça por dia... E meu pai escondendo os cigarros na gaveta das meias... Bem, é assim que são as coisas em minha casa.

Você tem que ser perfeito, e se não for, bom, é melhor fingir muito bem.

E eu fingia muito bem, Bennett. Assim como depois daquele seu primeiro dia de aula, quando passei a tarde sentada no sofá, pensando em você, mas ainda assim meu pai pensou que eu ficara

estudando, porque eu sabia que deveria abrir os livros e espalhar as folhas de exercícios assim que ele entrasse na garagem.

Então, naquela noite com Trevor, fiquei sentada na cadeira da sala de jantar e fiz minha obrigação, e pensar em você tornou tudo mais fácil. Pensar em nossa caminhada que se aproximava, pensar no local chamado High Rock, torcer para que fosse tão alto que nos levasse a outro lugar e jamais tivéssemos que voltar.

Veja: meu pai tinha os cigarros e minha mãe, o vinho. E eu, bem, eu tinha você.

*

NA QUINTA, no fim da aula, precisei atrasar minha saída porque não havíamos combinado onde nos encontraríamos, mas não podia falar sobre isso na frente de mais ninguém. Foi o primeiro dia em que tive que me esforçar de verdade para *nos* esconder de todo mundo.

Katie estava meio que guardando o material, segurou os livros no colo e parou para me esperar. Balancei o braço e disse:

— Preciso fazer uma pergunta ao sr. Cartwright sobre a prova da semana que vem.

Tinha me acostumado a pensar em você como Bennett, e dizer sr. Cartwright provocou uma sensação estranha em minha língua, mas você sabe que eu precisava fazer isso.

Katie assentiu e saiu da sala, então ficamos a sós.

Você não fingiu mexer no laptop, nos papéis nem nada do tipo. Apenas ergueu o olhar e sorriu para mim, e, naquele momento, minha preocupação evaporou, porque aquela não era a expressão de quem queria cancelar os planos.

— Ei, você — cumprimentou-me, e li tanta coisa nas entrelinhas, um ar descontraído e confortável nas palavras, que me deixou à vontade.

— Ei, você. Só queria saber onde vamos nos encontrar.

— Por que não na montanha Peak, e então seguimos juntos de lá? Já que precisamos ir naquela direção mesmo...

— Ótimo. Só mais uma pergunta — acrescentei, parando a seu lado.

Seus olhos miraram por cima de meu ombro para as janelas, embora estivéssemos a uma distância normal para um aluno e um professor. Dei um pequeno e quase imperceptível passo para trás, e pareceu que você havia voltado a respirar, e algo em sua reação me magoou, só um pouquinho.

Você achou que eu ia me aproximar, Bennett? Que eu tocaria em você ou flertaria bem ali, em sua sala de aula, à vista de qualquer passante?

Eu não teria feito isso. Queria que fosse segredo tanto quanto você. Mas acho que seu nervosismo era compreensível, então tentei não ficar chateada.

— O quê? — perguntou você.
— Como gosta de seu café?

*

SUA PICAPE CHEIRAVA a pinheiro naquele dia, um aroma quase sufocante. Você comprou aromatizador com formato de árvore por minha causa, não foi, Bennett? Fiquei com medo de perguntar, porque se a resposta fosse não eu teria me sentido completamente idiota. Mas sabia a verdade.

Não havia uma migalha de lixo e nenhuma manchinha de sujeira na cabine. Você é uma pessoa organizada (eu sabia pela forma cuidadosa como pendurava o casaco na sala de aula, pelo aspecto de arrumação de sua bolsa-carteiro), mas vi que havia limpado a picafe para mim. Quando iniciamos o longo caminho até High Rock, abri um pouco a janela para o aroma de pinheiro não nos sufocar.

Eu sabia que ficaríamos lá bem mais tempo do que minhas caminhadas normais levavam, então disse a meus pais que iria à biblioteca do colégio estudar para sua prova.

Engraçado, não é? O fato de eu mencionar seu nome e eles não desconfiarem de nada. A mais estranha sensação de prazer... e de rebeldia, de certa forma, tomou conta de mim naquela manhã quando dei um passo fora de casa sabendo que teria um dia inteiro para mim, que teríamos um dia inteiro para *nós* e meus pais nunca descobririam, porque ir à biblioteca estudar se encaixava na imagem da Filha Muito Perfeita.

Eu sabia que desde que fosse perfeita por fora, não importava como me sentia por dentro. Então, apreciei aquele longo trajeto até High Rock enquanto o observava tomar o café que comprei, feliz por você beber até a última gota.

Dirigimos por estradas de terra cheias de curvas e ladeadas por árvores, passamos por lagos e colinas e atravessamos pequenas pontes. Quanto mais nos distanciávamos do colégio, de casa, da vida, mais meu humor mudava, tornava-se mais leve, com um dia de infinitas possibilidades surgindo diante de nós, assim como a estrada.

— Ainda gosta da minha aula? — perguntou você.

Sorri e o encarei.

— De algumas partes mais do que de outras — respondi.

— E qual é sua parte favorita?

— Você — respondi, sentindo-me ousada.

Acho que você corou, apenas uma leve corzinha surgiu em suas bochechas (que pareciam mais lisas e barbeadas do que em um dia comum de aula), e então comentou:

— Tenho que admitir que minha aula das onze horas não é a mesma coisa.

— Hã?

Você assentiu, curvando os lábios bem de leve.

— Eu não deveria dizer isso.

— Mas quero que diga.

— Às vezes, tenho dificuldade de não olhar para você um monte de vezes durante as duas horas. Vou acabar arrumando problema.

A forma como sorriu, com os olhos ainda grudados na estrada, mostrou aquele seu dente torto. Minha mãe diria que isso *acrescenta personalidade*; eu só achava que fazia você parecer ainda mais atraente.

— Acho que tenho sorte, então. Tenho que olhar só para você mesmo — comentei.

Você esticou a mão e cutucou meu braço de brincadeira, e eu o cutuquei, e estávamos sorrindo e foi lindo, não foi? Nós dois sendo apenas um garoto e uma garota dizendo o que pensávamos.

Dói muito pensar em como tudo ficou complicado, tendo começado de uma forma tão bonita.

Depois de passar por Elbe e descer por uma área estreita de asfalto, você ligou a seta e virou em uma estrada de cascalho. Quanto mais nos distanciávamos da realidade, mais eu desejava que sua picape tivesse um banco inteiriço, pois queria deslizar até nossas coxas se tocarem. Queria ver se você colocaria a mão em meu joelho ou, quem sabe, passaria o braço pelos meus ombros e deixaria eu me recostar em você.

Voldemort havia permanecido em silêncio lá atrás, na caçamba da picape, enquanto seguíamos por estradas pavimentadas, mas depois ele se agitou e começou a abocanhar o vento e qualquer galho que alcançasse. Foram mais alguns quilômetros naquela estrada cheia de poças, e quando você passava por buracos largos, quase voávamos de nossos assentos, e depois ríamos.

Por fim você estacionou a picape, e fiquei muito satisfeita por ver que não havia outro carro ali.

— Trouxe luvas? — perguntou você quando saímos.

Estava muito mais frio lá nas montanhas do que em casa. Fiquei surpresa com o ar gelado, mas sabia que não seria tão ruim quando começássemos a andar.

— Hã, não — respondi.

— Tenho um par a mais.

Você tirou a mochila dos ombros e jogou para mim um par daquelas luvas pretas de tecido elástico. Eu as coloquei, imaginando que você já as havia usado, então era quase como se estivéssemos de mãos dadas. Parece muito infantil agora, como uma garota vivendo sua primeira paixão, mas era impossível impedir que esses pensamentos tomassem forma.

E, um instante depois, não precisei imaginar, porque você segurou minha mão e disse:

— Venha. — E me puxou na direção do início da trilha.

Você estava diferente naquele dia, menos cauteloso, como se o fato de sermos professor e aluna não importasse.

Você não agiria daquela forma se soubesse que eu tinha dezesseis anos. Era nisso que eu pensava quando você segurou minha mão. Que eu estava fazendo algo que não deveria, que o estava traindo, que você jamais precisaria saber, que eu poderia ter o que queria e que, talvez, anos depois nós riríamos de tudo.

Espero que *e/les* saibam disso. Saibam que tudo que fez, cada passo que deu, cada vez que tocou em mim, foi porque achava que eu tinha dezoito anos.

Você soltou minha mão quando chegamos à trilha, porque não havia espaço para andarmos lado a lado, e ficamos em silêncio enquanto subíamos a colina.

Por ser mais íngreme do que a montanha Peak, era mais difícil acompanhar o ritmo que você impôs, e paramos diversas vezes, sentados um ao lado do outro em troncos caídos no chão. Voldemort corria até nós e afundava o focinho em meu colo, me fazendo rir, e você fez carinho na cabeça dele.

Eu queria me encostar em você quando parávamos. Queria que você tocasse em mim.

Mas ainda não havíamos chegado lá. Você ainda se controlava.

Devemos ter levado quase duas horas para chegar ao ponto em

que as fileiras de árvores ficaram para trás e uma enorme pedra escarpada se inclinava bruscamente acima de nós. A caminhada toda tinha apenas dois quilômetros e meio, mas o ângulo, a inclinação da montanha, fez com que fôssemos mais devagar, e por mim estava tudo bem.

— O que é isso? — perguntei, olhando para um cabo de aço na superfície da pedra.

No topo, havia uma cabana caindo aos pedaços.

— É uma surpresa.

Eu me virei e o encarei com as sobrelanceiras erguidas, mas você parecia tão feliz, tão ansioso, com os olhos azuis reluzindo daquele jeito, que apenas me virei e o segui.

Não havia árvores, arbustos nem grama, apenas o grande pico de pedra. Mas não era vertical, e eu subi com a ajuda do cabo. Conforme a cabana se aproximava minha curiosidade aumentava. Seu rosto assumiu um certo brilho, como se você estivesse prestes a compartilhar alguma coisa especial comigo.

Foi uma daquelas vezes em que você pareceu muito jovem, mesmo aos vinte e cinco anos.

Você tinha aquele ar cosmopolita e sofisticado, mas quando seu sorriso brilhante se abria, eu o via claramente como um aluno de ensino médio, igual a qualquer outro garoto que se sentava a meu lado na sala de aula. E isso fez toda a culpa que eu sentia por ter dezesseis anos e guardar esse segredo se dissipar por completo, me fez pensar que eu não estava tão para trás, não estávamos tão distantes.

Chegamos ao topo e vi que não era apenas uma cabana, mas um chalé antigo completo, com varanda. Ficava empoleirado no pico, a poucos metros do precipício.

Senti medo de soltar o cabo, mas, ao ficar ali de pé, segurando-me, meu coração parou.

Eu via tudo daquele ponto. O mundo todo, Bennett.

O monte Rainier e o monte St. Helens.

O monte Hood e o monte Adams.

Quatro dos picos mais altos do estado de Washington, e eu os via daquele ponto em toda a sua glória coberta de neve, um contraste intenso com as montanhas arborizadas que os cercavam.

Abaixo de nós se estendia o Parque Nacional. Quilômetros e quilômetros e quilômetros de verde, vales e montanhas íngremes, cortados apenas por um lago ou rio ocasional.

Era de tirar o fôlego.

Você era de tirar o fôlego.

— Que lugar é este? — perguntei por fim.

Você chegou atrás de mim sem precisar se escorar no chalé, como eu, e ficamos tão próximos que me senti segura o bastante para largar o cabo.

— Muito tempo atrás, foi construído para localização de focos de incêndio. Incêndios florestais, sabe? Foi construído nos anos 30. Precisaram usar burros para trazer todo o material, e então um senhor ficava aqui por dias e dias no verão, vigiando sinais de fumaça e fogo.

— Que incrível!

Devia ser mágico ficar lá em cima durante dias sem fim. O vigia provavelmente se sentia a única pessoa na Terra.

— Venha, tem mais.

Eu não conseguia imaginar nada mais espetacular do que havia acabado de ver. Você pegou minha mão de novo e a apertou, depois me levou até a varanda. Abriu a porta, e nós entramos.

Não havia muita coisa lá dentro. Só uma mesinha e uma cama sem cobertores.

E um caderno.

Você o pegou e gesticulou para que eu o seguisse até a varanda dos fundos, e então nos sentamos ali, com os pés pendurados na direção das pedras. Balancei as pernas enquanto você se acomodava a meu lado e abria o caderno de espiral.

— Sabia que vem gente de todos os cantos para ver este chalé, e eles escrevem aqui seus nomes e uma mensagem?

Você tirou uma caneta da mochila e a entregou a mim.

— Escreva alguma coisa por nós dois.

Foi simbólico quando você me entregou aquela caneta, me dando a honra de registrar nosso momento lá no topo do mundo.

Eu poderia ter escrito nossos nomes separados, um em cada linha, mas não o fiz.

Escrevi *Bennett & Madelyn*, lado a lado. Então, bati a caneta na

página algumas vezes enquanto decidia que tipo de mensagem escrever.

Outros haviam deixado todos os tipos de recado, dos legais, como *Na metade do caminho para ver o mundo!* ou *Uau! Valeu a caminhada!*, até os idiotas, como *Erva para sempre*.

Eu queria que minhas palavras significassem algo.

Decidi escrever *Um momento inesquecível* porque foi o mais próximo que cheguei do que eu sentia. Depois fechei o caderno e devolvi sua caneta.

Você colocou o caderno de volta no lugar, para que outras pessoas subissem, o encontrassem e deixassem a marca delas no mundo. Então, sentou-se e abriu a mochila.

Você levou comida e bebida, Bennett. Lembra-se do que comemos?

A mistura de manteiga de amendoim com geleia nunca foi tão gostosa.

Você levou apenas uma garrafa grande de água, e, conforme a passávamos um para o outro, senti que aquilo significava alguma coisa. Já tinha compartilhado refrigerante e água com amigos um milhão de vezes, mas com você imaginei que indicava algo, uma espécie de intimidade.

— Não acredito em como isso aqui é lindo — falei. — Queria que a gente pudesse ficar aqui para sempre.

— Sempre quis ver o pôr do sol daqui, mas não há como descer no escuro, e deve ficar frio demais à noite — disse você, assentindo.

Concordei, porque, mesmo no sol e toda encasacada e de luvas, eu sentia frio. Talvez esquentasse em julho ou agosto, mas estávamos em outubro, três semanas depois do início do outono. Eu tremi, e você aproveitou o momento para esticar a mão, passar o braço ao redor de meu corpo e apertá-lo.

Você esfregou minhas costas de leve enquanto olhávamos para as montanhas altas e os vales profundos, para aquela vista insuperável.

Quando me virei para vê-lo, você estava sentado tão perto, e o ar ao nosso redor estava tão mágico, tão incrivelmente mágico, que fiz uma coisa.

Eu me inclinei para beijá-lo.

Você também se inclinou em minha direção, e meu coração subiu até a garganta, com medo de acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo. No último segundo, no *último* segundo possível, você virou a cabeça de leve e fechou os olhos, como se estivesse aflito, e disse duas palavrinhas:

— *Não posso.*

Elas saíram em um sussurro, quase baixas demais para serem ouvidas, e ainda assim me destruíram, esmagaram meu coração.

Mas você não se levantou nem me empurrou. Apenas encostou a testa na minha e me encarou. Estávamos tão próximos que achei que, se piscássemos ao mesmo tempo, nossos cílios se tocariam.

Tantas horas sonhando em estar com você daquele jeito, e ali estávamos, tão perto, embora eu soubesse que a distância ainda era grande demais.

— Desculpe, mas não posso fazer isso — sussurrou você.

Eu me senti mal naquele momento, como se o ar lá em cima estivesse rarefeito demais e não fosse o bastante para meu coração.

Nós nos viramos e olhamos para a vista à nossa frente. O silêncio nos rodeava, e desejei que ainda estivéssemos nos tocando em mais partes do corpo além dos braços, das coxas, dos joelhos. Eu queria encostar a têmpora em seu ombro e sentir seu braço ao redor de meu corpo, e doeu saber que isso jamais aconteceria.

— Doze semanas — disse você, por fim.

— Doze semanas o quê? — pisquei e o encarei.

— Um trimestre tem doze semanas. E temos nove pela frente.

Pisquei de novo. Desejei que você estivesse dizendo o que pensei que estava, mas tive medo de ser bom demais para ser verdade. Tive medo de que, na verdade, estivesse dizendo: “Pelo menos, só precisamos nos ver por mais nove semanas, depois esqueceremos tudo.” Se fosse o caso, acho que eu não suportaria.

— E?

Foi tudo que eu disse. Foi tudo que consegui dizer com o nó em minha garganta, porque estava muito desesperada para beijá-lo, mas tinha perdido a chance.

— E no dia treze de dezembro, quando essas nove semanas tiverem passado, vou beijar você. — Seus olhos estavam vidrados nos meus, com toda a intensidade dos incêndios que já foram

avistados daquela cabana. — Mas se eu beijá-la agora, talvez nunca pare.

Não consegui dizer nada em resposta, então apenas me inclinei e apoiei a cabeça em seu ombro. Você passou o braço a meu redor, exatamente como eu queria, olhamos para aquela vista extensa, linda, de tirar o fôlego, e deixei meus batimentos cardíacos voltarem ao normal.

Você me queria. Você me queria e precisava esperar nove semanas.

Eu poderia esperar nove semanas, porque você me disse tudo que eu desejava ouvir. Tudo que me fazia *existir*.

Espero que, quando eles lerem isto, concentrem-se nesse momento, quando você fez o certo com as informações que tinha.

Porque você achava que a única coisa que nos separava era seu trabalho e estava disposto a esperar até que essa única coisa não estivesse mais entre nós. E isso significa que, se soubesse que eu tinha dezesseis anos, que *ainda* teria dezesseis nove semanas depois, nada disso teria acontecido.

É por isso que é tudo culpa minha, Bennett. É por isso que não entendo como ninguém culpa a *mim* por tudo o que houve.

Porque você é um bom homem e, se soubesse o que eu estava escondendo, teria recuado. Você provou que era capaz disso naquele dia em High Rock.

Provou que era bom.

E tudo que eu provei foi que faria qualquer coisa para ficar com você.

*

UFA. PRECISEI parar algumas horas depois de tanto escrever. Horas em que fiz pouco mais do que permanecer deitada na cama olhando para fora, observando a chuva escorrer pelas janelas. Sei que você talvez esteja esperando por esta carta, que talvez *precise* dela. Sabe, a questão é que, enquanto escrevo, não sei exatamente onde você está. Meus pais mal me deixam sair do quarto, quanto mais de casa, e me sinto desesperada para saber o que está acontecendo com você. É por isso que estou escrevendo o mais rápido que consigo.

Mas tive que fazer uma pausa, porque pensar naquele dia em High Rock quase acabou comigo, e precisei parar, tomar um banho demorado, esvaziar a mente. Porque aquele foi o momento em que tudo mudou. O ponto sem retorno, o momento em que olhei para você e pulei do precipício, sabendo que jamais voltaria, que jamais desistiria de meus sentimentos.

Sei que tudo isso é culpa minha, e é difícil suportar.

De qualquer modo, estou pronta para contar o resto. Porque o dia em High Rock foi só o começo para nós, não o fim, como temi naquele momento de nervosismo em que você se afastou antes de nos beijarmos.

Nossa caminhada foi em um sábado, e passei a manhã seguinte olhando sua página no Facebook, torcendo para, de alguma forma, você atualizá-la, mencionar um fim de semana incrível. Perdi as contas de quantas vezes meus dedos pairaram no botão *Adicionar aos amigos*.

Eu sabia que não podia fazer aquilo. Sabia que precisávamos esconder o que quer que estivéssemos nos tornando, mas, meu Deus, eu queria algum tipo de contato com você, e ainda não havíamos trocado telefones. Então, naquele dia agonizante de sonhos e pensamentos e o desejo de vê-lo, tudo o que me restava era esperar.

Pensei em me sentar na base da montanha Peak o dia todo, na esperança de dar uma espiada em você, mas sabia que você não iria, que High Rock tinha sido sua grande caminhada do fim de semana.

Então, depois de vigiar seu Facebook, deitei-me na cama e fiquei olhando para os pôsteres idiotas que eu tinha pregado no teto antes

do primeiro ano do colégio, sonhando acordada com você e franzindo a testa para a boy band da foto.

E, após três horas, eu não aguentava mais olhar para as barrigas tanquinho, para os uniformes idiotas de bombeiro. Peguei a cadeira do computador, subi e tentei me equilibrar no assento, que virava e deslizava, arranquei as tachinhas e observei o primeiro pôster pairar até o chão. O som dele batendo no piso foi gratificante.

Em seguida, rolei a cadeira por cima dele, amassando-o, e subi de novo para arrancar o pôster seguinte.

Então, outro.

Depois, andei pelo quarto e arranquei da parede o *corsage* já seco que havia ganhado no segundo ano, no baile em que fui com meu parceiro de laboratório e tive a noite mais epicamente chata de minha vida. Aquilo pertencia ao *ano passado*. Depois, joguei fora os pedaços de ingresso de cinema datados de até cinco anos antes. Havia um de quando assisti a *Carros 2* com meu irmão.

Carros 2, Bennett. Parece estranho pensar nisso agora, mas, não faz tanto tempo assim, assisti a um filme de animação para crianças não muito mais novas do que eu.

Saí rapidamente do quarto, desci a escada de dois em dois degraus, peguei um saco de lixo debaixo da pia e voltei. Enfiei todas aquelas coisas infantis e bobas no saco, um pedaço de folha de cada vez. Eu não era mais criança, e aquele quarto parecia um museu da minha infância. Não combinava com quem eu estava me tornando. Quem eu era com você.

Em seguida, voltei-me para o armário. Ainda tinha o moletom do acampamento do sexto ano enfiado em algum lugar, embora mal coubesse em mim. E meu uniforme de educação física do ensino fundamental. Três pares de tênis pequenos demais, um deles com purpurina cor-de-rosa e luzes que acendiam. É, eu já era velha demais para eles quando minha mãe os comprou, mas o fato de ainda estarem no armário me constrangeu mais do que tê-los usado.

Quando terminei, estava suada e suja.

Suada e suja e *livre*. Livre para me tornar quem queria ser quando você estava por perto. Ainda não sabia ser essa pessoa quando não estava com você, mas tinha de descobrir.

Coloquei algumas caixas nas prateleiras novas e mais espaçosas

do armário, mas uma delas deslizou e caiu no chão, abrindo-se e revelando pilhas de fotografias.

Resmunguei, fiquei de joelhos, ajeitei a caixa e peguei um bolo de fotos. Parei, e meus dedos deixaram marcas oleosas no papel brilhoso da primeira. Era um retrato de mim e meu irmão, os dois cerrando os olhos por causa da luz forte refletida em toda a neve a nosso redor. Eu tinha oito anos, meu cabelo estava preso em duas longas tranças apoiadas nos ombros e eu usava um daqueles gorros com uma bola fofinha na ponta cobrindo as orelhas, as bochechas rosadas pelo frio, ou talvez pela euforia de andar de trenó.

Estávamos no campo de golfe, e um trenó passava atrás de nós em um borrão vermelho e azul. O braço de meu irmão estava relaxado sobre meu ombro e a outra mão, fechada simulando um soco na barriga, algo que ele faria de brincadeira, nunca de verdade.

Eu estava prestes a pôr a foto de volta na caixa quando outra coisa chamou minha atenção. Inclinei-me e passei o dedo no ponto abaixo do olho de meu irmão.

O ponto em que uma nuvem negra parecia crescer.

Engoli em seco, piscando, olhando.

E então uma lembrança voltou com tudo.

Eu, chegando ao alto da colina, bufando e ofegando, puxando meu trenozinho cor-de-rosa.

Meu irmão, no meio do caminho, vindo atrás de mim.

Quando cheguei ao topo, dois garotos (de provavelmente uns dezesseis anos, oito anos mais velhos do que eu) me bombardearam com bolas de neve, e uma bateu bem em meu rosto e explodiu em meu olho como mil agulhadas.

Caí na hora, a corda em minha mão desapareceu quando meu trenó deslizou colina abaixo, e comecei a chorar.

Meu irmão, que parecia tão longe de mim, de repente estava a meu lado, depois à minha frente, com a neve estalando sob seus pés conforme ele voava na direção dos garotos, ambos bem maiores do que ele.

Um deles acertou um soco no olho de Trevor enquanto o outro ria e dizia que nós combinávamos. Então, pularam nos trenós e deslizaram colina abaixo, e o mundo ficou em silêncio de novo.

Meu irmão fungou apenas uma vez, voltou para o meu lado e me

puxou para ficar de pé.

— Você está bem?

E quando ele me abraçou eu sabia que estava, sabia que meu irmão me protegeria de qualquer coisa. De qualquer pessoa. Assim como na ocasião em que ele leu para mim um capítulo de *Harry Potter* antes de eu dormir porque minha mãe estava em mais uma conferência em mais uma cidade, e meu pai não sabia fazer as vozes direito. Assim como me deu o próprio almoço no ônibus quando caí no choro ao perceber que havia esquecido o meu na bancada de casa.

Pisquei para afastar a lembrança e guardei a foto com mais cuidado na caixa.

Trevor e eu havíamos sido próximos. Muito tempo atrás. Agora, a ideia de agradar à minha mãe e ao meu pai o consumia, e o que já fora tão importante para mim agora parecia sem sentido. Ele saiu de casa e me esqueceu.

Doeu. Uma vez. Naquele momento, simplesmente aceitei isso como um fato.

Quando todas as fotos estavam de volta na caixa, levantei-me e coloquei-a de volta na prateleira.

Então dei um passo para trás, observei o quarto e abri um sorriso. Estava melhor. Bem melhor. Um quarto apropriado para quem eu era.

Quando saí de lá e passei pelo corredor a caminho do banheiro para tomar uma chuveirada quente e relaxante, meu irmão saiu de seu quarto e nos esbarramos.

— Ah! — Saltei para trás. — Não sabia que você estava em casa.

Ele deu de ombros e continuou a andar.

— Espere. Por que você *está* em casa?

Ele me deu uma olhada pouco antes de se virar para descer a escada.

— Tenho mais alguns dias antes de começar o estágio.

Ergui uma sobrancelha.

— Que tipo de faculdade da Ivy League permite que um aluno do segundo ano mate aulas?

Ele pegou o celular, olhou a hora e o enfiou de volta no bolso.

— É um programa de estágio experimental para alunos de engenharia. Os diretores são ex-alunos de Harvard e são eles próprios os professores, e o objetivo é empregar logo os alunos recém-formados. É importante, por causa do mercado de trabalho, sei lá.

— Sorte sua.

— É. Bom, vou jogar bola. Até mais!

E assim, de repente, ele saiu.

Quando acabasse de limpar o quarto, eu me concentraria em outra transformação. Uma que eu esperava que chamasse sua atenção. Bennett.

*

A CAMINHO DA AULA na terça, o rádio estava alto, mas eu mal o ouvia. Veria você em poucas horas, e pela primeira vez após fazer mechas bem louras no cabelo. Não aguentava esperar, não conseguia controlar o frio na barriga. Queria que você reparasse em mim de uma maneira nova, queria que seus olhos me avaliassem. Não era muito fã da cor feia de água suja do meu cabelo, mas nunca havia feito nada para mudá-lo.

Até então. Porque você me mudou por dentro, e naquele momento eu só desejava que tudo refletisse isso. Nós éramos alguma coisa. Tínhamos alguma coisa. E eu mal podia esperar para vê-lo de novo, para descobrirmos exatamente o que era.

Quando liguei a seta e entrei no amplo estacionamento — o da esquerda, cercado pelos velhos e enormes cedros —, três palavras do rádio ecoaram em meus ouvidos:

— Idade de consentimento.

Não fazia ideia do que estavam falando... nem de por quê, naquele momento, estiquei a mão e aumentei o volume.

A voz de uma mulher explodiu pelos alto-falantes.

— Não ligo para o que você diga, uma pessoa de dezesseis anos com uma de quarenta é nojento.

— Mas lembre-se: a idade de consentimento neste estado é dezesseis anos. Pode ser nojento, mas não é ilegal — respondeu um homem.

— É... mas... eca — disse ela.

Houve uma pausa, e franzi a testa enquanto a mulher continuava:

— Enfim, vamos em frente. A grande história de hoje é de Atlanta. Um jogador de vôlei de faculdade foi infectado por uma rara bactéria carnívora...

Continuei de testa franzida conforme desligava o rádio, entrava em uma vaga e parava o carro.

Idade de consentimento.

Essas três palavras chacoalharam em minha cabeça por um minuto, parecendo um barulho abafado e distante, até que tive um momento de lucidez (e de esperança, como se um balão estivesse

me afastando do medo, da preocupação).

E se não fosse questão de eu ser adulta do ponto de vista legal... e se houvesse outra idade que importasse? E se a “idade de consentimento” não fosse dezoito, mas outra?

Se uma garota de dezesseis anos ficar com um homem de quarenta não era ilegal...

Soltei o cinto de segurança com tanta força que ele voou para cima e a fivela bateu na janela com um estalo. Peguei a mochila no banco de trás e joguei-a no ombro enquanto fechava a porta atrás de mim e corria pelo estacionamento. Senti meus pés mais leves do que nos dias anteriores.

Por que não pensei em pesquisar sobre isso? Por que não verifiquei se era legal ficarmos juntos? Apenas presumi, de alguma forma, que precisava ser adulta do ponto de vista da lei, ter dezoito anos, ou qualquer coisa que fizéssemos seria ilegal.

Mas talvez sua linha de raciocínio estivesse certa. Talvez, quando não fosse mais professor e a política de não envolvimento com alunos não estivesse mais entre nós... talvez tudo fosse permitido, talvez eu pudesse lhe contar a verdade.

Era uma caminhada de dez minutos do distante estacionamento até a biblioteca, mas não me lembro de nada no trajeto; nem dos caminhos sinuosos de concreto nem dos arbustos cobertos de orvalho nos quais devo ter esbarrado, já que as mangas de minha roupa e minha calça jeans tinham manchas de água quando entrei pela porta de vidro da biblioteca. Caminhei pela extensão do piso e subi a escadaria curva até a sala de computadores.

Eu deveria estar na aula de inglês em três minutos e meio, mas não me importei. Era como ver meu sonho pendurado em um galho ao meu alcance... e estar prestes a descobrir se tinha permissão para agarrá-lo.

Passei por diversas baias de computadores e fui para um canto mais tranquilo, onde só havia três alunos em um monte de terminais.

Escolhi o computador mais distante dos outros estudantes e me sentei na cadeira, largando a mochila no chão e mexendo no mouse para que a tela de login aparecesse. Meus dedos tremiam um pouco enquanto eu digitava, e precisei apagar e redigitar minha senha corretamente. Depois de três tentativas, consegui.

Olhando ao redor novamente, abri um navegador e digitei *idade de consentimento estado de Washington*. Vasculhei os resultados e cliquei no terceiro link. Meus olhos percorreram a página em busca da resposta que eu procurava tão desesperadamente. Senti o rosto corar enquanto tudo em mim se enchia de esperança e medo.

Dezesseis.

Esse foi o número que saltou da tela. Números um e seis ali, piscando para mim como se estivessem em néon. Acho que eu poderia ter flutuado e voado pela sala naquele momento. Ou pelo menos exibido uma força sobre-humana, como levantar um carro ou algo do tipo. Nós podíamos ficar juntos. Em treze de dezembro, podíamos ficar juntos, e você não teria problemas.

Mas então tudo desmoronou quando li as linhas seguintes: *Exceto quando a pessoa mais velha está em posição de poder (professor, treinador etc).*

Professor.

Com certeza estavam falando de professor de ensino médio, certo? Você era professor de faculdade.

Mas, independentemente de quantas vezes eu lesse aquilo (uma atrás da outra), o resultado era o mesmo. Eu tinha dezesseis anos, a idade de consentimento, mas você estava em posição de poder. De influência.

Por um momento, senti meu coração ser jogado em um liquidificador ao perceber que as possibilidades que haviam pairado diante de mim desapareceram. Mas, então, estiquei a coluna.

Você já não queria me beijar antes de treze de dezembro mesmo. Que era quando o trimestre acabaria. Quando não *seria* mais meu professor.

Portanto, não ficaria encrocado profissional nem legalmente, pois não estaria mais em posição de poder em relação a mim, e eu tinha idade suficiente para consentir no relacionamento.

Nós podíamos, sim, ficar juntos. Logo. Em dezembro. Eu não teria que esperar dois anos para não ter problema.

E, de repente, esses dois anos — esses quase dez anos — não importavam mais, não da forma rigorosa.

Eu não sabia o que você acharia, como reagiria ao saber que eu tinha dezesseis anos. Era isso o que mais me apavorava. Eu

esperaria semanas para ficar com você, era capaz de esperar até treze de dezembro. E aí faltariam poucos meses para meu aniversário de dezessete anos mesmo; e dezessete daria a impressão de eu ser bem mais velha.

Mas eu teria que lhe contar, naquele dia de dezembro, antes que nos tornássemos algo mais, algo tangível, porque teríamos que dar aquele passo juntos.

Teríamos que decidir.

Mas se você não desistisse nesse dia, nesse treze de dezembro... poderíamos ficar juntos sem nada para nos impedir.

*

FIQUEI MAIS QUARENTA MINUTOS na biblioteca, até a aula de inglês acabar e dar a hora da de biologia, pois estava agitada demais para me concentrar em qualquer outra coisa que não fosse vê-lo. Fui para a sala de aula um pouco mais cedo, querendo um momento a sós com você.

Mas quando entrei na sala, você não estava sozinho. Havia uma funcionária da faculdade a seu lado. Uma morena bonita, com um vasto cabelo cacheado, vestindo uma saia-lápis sofisticada que combinava com os saltos de cor vibrante. Conforme eu ia para a carteira, com os olhos ainda fixos em você e na nuca da mulher, você ergueu o rosto.

Mas quando seu olhar cruzou com o meu, você virou o rosto imediatamente, como se não quisesse ser pego olhando para mim. Ignorei a leve sensação de levar uma alfinetada. Sabia por que você precisava fingir não me ver, mas parte de mim queria ir até lá e marcar território de alguma forma, conversar sobre a vista fantástica que compartilhamos em High Rock. Alguma coisa, qualquer coisa, para provar a ela que eu significava algo para você.

Mas, em vez disso, apenas me sentei e o observei assentir, e, conforme ela virou ligeiramente o corpo, tive uma visão melhor de seu lindo batom cor-de-rosa em tom pastel enquanto ela falava. Era tão elegante, tão bem-composta, tão madura.

Não sei sobre o que estavam falando, mas, momentos depois, ela deu um soco de brincadeira em seu braço, e você riu. Logo em seguida, ela saiu. Enfim, você olhou para mim de novo, e ergui uma sobancelha, como se dissesse *O que foi isso?*, antes de perceber que estava agindo de maneira idiota.

Ela era sua colega de profissão, e eu me comportei como uma namorada com ciúme sem motivo.

Logo os outros alunos começaram a chegar, enchendo a sala de ação e conversa, e não havia mais espaço para outro momento entre nós. Depois de o último aluno afundar na última cadeira vazia, você se levantou e andou até a frente da sala.

— Muito bem, então. Antes de começarmos a prova de hoje, vamos fazer uma revisão rápida.

Prova.

A palavra ecoou em meus ouvidos sem parar enquanto o pânico surgia.

Passei o fim de semana todo pensando naquele dia, na aula, em ver você. E nem um segundo estudando. *Nem um único instante.* Havia três provas no trimestre: duas no meio do período e uma no final. Somadas, elas valiam metade da nota, e a outra metade eram as notas de laboratório.

— Quem pode me dizer que parte da célula é conhecida como “casa de máquinas”? — perguntou você, fazendo sinal de aspas com os dedos. Olhou para um sujeito alto e magro que se sentara na extremidade do semicírculo, o que tinha dezenas de camisas de time de futebol americano, se é que o que ele vestia no dia a dia poderia servir como referência. — Sr. Johnson?

O sr. Johnson esticou a coluna, e a carteira rangeu.

— Hã, a mitocôndria?

— Certo. E onde ficam os cromossomos? — indagou você, virando-se para olhar ao redor da sala, esperando que alguém se manifestasse.

— No núcleo — disseram.

Você sorriu. No brilho de seu sorriso, esqueci meu pânico. Você gostava de ensinar, gostava de ver nosso progresso, talvez como um pai orgulhoso. Não era uma questão de mostrar serviço nem de ser competitivo. Era uma simples espécie de alegria pelo que fazia, e eu admirava isso. Para meu pai, minha mãe e meu irmão, tratava-se sempre de ser o melhor em alguma coisa, de se exhibir. Mas para você era um simples prazer.

— Bom. E os ribossomos?

Seus olhos vagaram pela sala, esperando que alguém respondesse, mas só houve o farfalhar de papéis e cadeiras sendo arrastadas. Então, seus olhos pousaram em mim, e eu sorri de volta, lembrando-me de High Rock, lembrando-me da sensação do sol em nossas bochechas, mesmo com o ar frio roubando nosso calor.

De repente, minhas bochechas ficaram quentes, e afastei a lembrança ao perceber que a turma inteira me encarava, inclusive você.

— Hã, o quê? — perguntei e tossi para limpar a garganta. Não

fazia ideia do que você havia me perguntado.

— Os ribossomos. Para que servem?

Minha boca ficou seca em um instante. Eu sabia isso. Era o básico da matéria. Você falou disso no primeiro dia. Então, por que eu não conseguia pensar na resposta? Por que só visualizava o olhar intenso em seu rosto quando nossas testas se tocaram segundos depois de nosso quase beijo?

— Ah, hã, essa é a parte que armazena alimento e pigmento — respondi por fim.

Seus lábios se curvaram um pouco nas beiradas. Sorri de volta sabendo que não acertei na mosca, mas era incapaz de encontrar a vontade de entrar em pânico.

— Talvez alguém devesse ter passado o fim de semana estudando, em vez de sentada em uma cadeira no salão de beleza — comentou você, virando-se.

Não sei como um coração pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, mas naquele instante o meu estava na minha garganta e no meu estômago. Minhas bochechas ficaram tão quentes que pensei que explodiria.

Como sofri naquele momento. Havia passado horas imaginando sua expressão ao ver meu cabelo novo. Horas imaginando seu sorriso doce enquanto brincava com uma mecha e me elogiava.

Mas, em vez disso, você jogou aquilo na minha cara como se eu fosse uma cabeça de vento. Não acreditei quando você fez aquilo, Bennett. E não entendi por quê. Por que me fez passar vergonha daquele jeito, por que teve que me repreender de forma tão injusta. Eu jamais faria isso com você.

Você significava muito.

A revisão já tinha acabado mesmo, então por que me golpeou daquele jeito? Você voltou para a frente da sala e pegou a pilha de provas. Como as carteiras estavam em semicírculo, a arrumação de que eu tanto havia gostado no primeiro dia, você precisava andar por todas elas ou dividir a pilha em duas e começar em cada ponta.

Foi isso que fez, e, a princípio, fiquei irritada, muito irritada, porque queria que você mesmo me entregasse a prova para que eu o encarasse com raiva, sentindo-me ainda mais imatura, porém incapaz de controlar as emoções. Mas percebi que estava no meio do

semicírculo e que as provas restantes chegaram a mim pelos dois lados.

Então, eu as segurei para devolvê-las e o encarei com um olhar seco, um olhar vazio, sem a emoção que sentia por você, mantendo-me firme. Seus olhos estavam gentis e talvez um pouco arrependidos, mas você não disse nada ao pegar as provas e virar-se.

E então fiquei ali sentada e escrevi meu nome no alto da página, ainda zangada e magoada por você ter me envergonhado de propósito na frente da turma toda.

A primeira questão era o primeiro assunto que você havia acabado de revisar conosco, então senti uma pontada de alívio ao pintar a bolinha com a letra C; e fiquei ainda mais aliviada ao ler a segunda.

Mas esse foi todo o alívio que senti. Estava pouco confiante em minha terceira resposta e na quarta me vi perdida.

Eu não tinha estudado nada, Bennett, e, quando olhei uma questão depois da outra, percebi que mal havia prestado atenção ao que você ensinara nas semanas anteriores. E não podia fazer nada. Eu era inteligente, mas tínhamos abordado muitos assuntos, e estaria mentindo se dissesse que não me distraía frequentemente olhando para você, para seus lábios, seu cabelo, suas mãos. Às vezes, eu não registrava metade do que dizia na aula por estar ocupada demais sonhando acordada com você.

Entrei ainda mais em desespero ao virar a segunda página e ver vários termos que conhecia, termos dos quais me lembrava da aula da semana anterior e da biologia do ensino médio. Mas o que precisava saber, as perguntas que você fez, eu não estava entendendo.

Em toda a minha vida nunca fiz uma prova daquele jeito, com dificuldade para terminar. Foi horrível. Seria assim com alunos que não eram naturalmente inteligentes? Que se esforçavam para entender o básico enquanto eu passava direto por eles, achava fáceis as aulas avançadas e me matriculava na faculdade dois anos antes de eles sequer terem oportunidade?

Li as perguntas várias vezes enquanto os alunos a meu redor se levantavam devagar, entregavam as provas e saíam.

Eu sabia que, estatisticamente, C era a melhor resposta, então a

usei todas as vezes que chutei.

E chutei bastante.

Quando ergui o rosto, levei um susto ao perceber que era uma das duas alunas que sobraram, e a outra já estava entregando a prova e saindo da sala, parecendo tão feliz quanto eu.

Coloquei o fichário na mochila e fechei o zíper. As emoções giravam em minhas entranhas como se eu fosse um grande liquidificador. Coloquei a mochila no ombro e passei entre minha carteira e a do lado. Minhas sapatilhas não fizeram barulho no piso de cerâmica, e logo estava de pé à sua frente.

Você se recostou na cadeira e olhou para mim, mordendo o lábio inferior como se procurasse as palavras.

— Por quê? — perguntei.

— Desculpe. Eu só... fiquei nervoso e exagerei — respondeu você, após dar um longo suspiro.

— Nervoso com o quê? Eu que fui colocada na berlinda daquele jeito — retruquei, controlando os nervos em frangalhos.

— Não sei. Estou com medo de perceberem o que estamos fazendo, então tentei tratá-la como trataria qualquer pessoa... — Sua voz morreu, e você parecia tão genuinamente preocupado, com o cenho franzido, que acreditei. — Mas acabei passando dos limites.

— Fiquei muito envergonhada — comentei.

— Eu sei. Como já falei, sinto muito.

Eu queria continuar zangada, mas a raiva estava sumindo.

— Nem estamos fazendo nada. Apenas conversamos. E caminhamos.

— Não fizemos nada *ainda* — disse você, e não com a intenção de flertar ou de parecer sedutor, só sinceramente.

Você se levantou e começou a andar em minha direção, mas, em um piscar de olhos, parou, voltou para a cadeira e se sentou. Percebi que seus instintos eram iguais aos meus, que sentia a mesma atração magnética, e então me senti idiota por me preocupar com a mulher de saia-lápis. Você queria a mim, não a ela.

— Prometo que não vai acontecer de novo. Está bem? — concluiu você.

— Combinado — respondi, assentindo.

Você franziu os lábios por um longo momento, e fiquei ali

esperando, sem saber o que viria a seguir, até onde levaríamos aquilo. Já havíamos concordado que não podíamos nos beijar, mas não podíamos ser outra coisa? Algo neutro o bastante para ignorarmos as coisas que nos separavam e nos permitir ficar juntos?

— Podemos nos encontrar de novo?

Eu queria tanto ouvir essas palavras que, por um segundo, pensei que tivesse sido eu a dizê-las. Mas não, foi você, e estava esperando uma resposta.

Meus lábios se curvaram em um sorriso antes que eu pudesse impedi-los, e assenti, com o cabelo cheio de mechas caindo no ombro. Levantei a mão e enrolei uma mecha no dedo:

— Não precisamos fazer caminhada nem nada. Moro na estrada Green Valley... talvez você pudesse passar lá para irmos até o rio — disse você.

Foi difícil não dar pulinhos, bater palmas ou... fazer *qualquer coisa* que mostrasse quanto a ideia me empolgava. *Sua casa*. Você queria me mostrar quem era de verdade, fora da faculdade.

— Sim, seria ótimo — respondi, soltando o cabelo. — Quando?

— Que tal sexta à tarde? Só trabalho de manhã, depois estou livre... se você estiver.

Deveria ajudar meu pai a encher um zilhão de bolas de basquete novas, algo que por algum motivo ele odiava, mas eu inventaria uma desculpa para ficar com você. Meu pai podia arrumar um de seus alunos rebeldes para ajudar, o que também lhe daria a sensação de estar salvando o coitado. Como se fosse um professor de filme da Disney que salva o dia, e o garoto acaba virando médico, em vez de entrar para uma gangue.

Não que tenhamos gangues em Enumclaw, mas era assim que meu pai via o trabalho. Era a única forma de encontrar um significado maior em uma carreira que não considerava digna dele.

— Sim, seria ótimo.

Abri um sorriso para você, que sorriu de volta para mim.

— Que bom.

Você pegou um cartão e anotou o endereço. Depois, deslizou-o pela mesa.

— Não deixe ninguém ver isso, está bem? Tem que ser...

— Segredo — concluí.

— É. — Você enrugou o nariz. — Queria que isso não soasse tão...

— Imoral? — perguntei e ri. — Sei que não é. É que ficaria... complicado se não fôssemos discretos. Eu entendo.

— Ótimo. Porque mais cedo, quando Zoey estava aqui...

A mulher da saia-lápis.

— Ah, não. Quer dizer, entendo que você tenha colegas e tal...

— Certo. Ela é professora de química. Dividimos o laboratório e temos que resolver conflitos de horários e coisas do tipo.

— A-hã. Entendo.

— Que bom. Não queria que você pensasse...

Não completei dessa vez porque não sabia o que você queria dizer, mas desejei que terminasse a frase. Será que já via quanto eu estava apaixonada e precisava que eu soubesse que estava se guardando para mim, que não estava saindo com mais ninguém? Estava me dizendo para esperar por nós, que queria que fôssemos exclusivamente um do outro?

Mas você não concluiu a frase, então nunca saberei o que queria dizer.

— Não, tudo bem. Eu entendo — acabei por dizer.

— Legal. Então nos vemos amanhã?

— É. No laboratório.

Saí andando, sentindo-me de repente... mais leve, mais segura por nós, em relação ao que estávamos nos tornando.

— Mal posso esperar — concluiu você.

E, pelo tom de voz, eu soube que era verdade.

*

NA QUINTA, A UM dia da ocasião em que ficaríamos juntos e sozinhos (um dia no qual eu não parava de pensar), Katie se sentou a meu lado na aula com cara de cachorrinho triste.

— Então, antes de recebermos as provas, eu estava pensando que preciso garantir boas notas já nesse começo. Temos que marcar de estudar juntas porque, caramba, acho que vou me dar mal.

Suspirei enquanto abria o livro de biologia.

— É, eu também. Chutei dois terços da prova. Não havia nem lido o último capítulo e me esqueci completamente da prova, então não estudei.

Katie se inclinou como se quisesse contar um segredo ou uma fofoca das boas. Abaixou a voz e disse:

— É, fiquei imaginando isso, porque você é muito mais inteligente do que eu, e até eu sabia a resposta, mas ele chamou você de propósito. O que foi aquilo?

Meu coração disparou, e meu sorriso ficou um pouco forçado. Ela teria reparado no fato de que você estava me tratando de forma diferente de todo mundo? Dei de ombros como se não fosse nada de mais.

— Sei lá, acho que ele estava querendo mostrar alguma coisa. Tipo botar medo e fazer todo mundo levar as aulas mais a sério. — Virei outra página do livro, apesar de não ter lido a anterior. — Só sei que não vou cometer o mesmo erro, disso tenho certeza.

Ela soltou uma risada irônica.

— É, talvez esse fosse o plano dele, garantir que as pessoas soubessem que ele chamaria quem não estivesse prestando atenção. Foi meio rude, sabe? Agora, estou totalmente paranoica de esquecer um trabalho e acabar passando tanta vergonha como aconteceu com você.

— Não passei *tanta* vergonha assim — argumentei, subitamente na defensiva, embora soubesse que ela estava falando a verdade. — Quer dizer, ele está certo. Eu não havia lido o capítulo nem nada e me dei muito mal na prova. Sem chance de eu ter acertado mais da metade.

Antes que pudéssemos falar mais, você se levantou e caminhou

até o centro da sala com uma pilha grande de papéis nas mãos.

— Tudo bem, pessoal. Estou com as provas aqui e vou devolvê-las. Lembrem-se de que as três provas desta matéria representam metade da nota de vocês, e alguns vão precisar mesmo correr atrás.

Com isso, você olhou para a primeira prova, andou até o cara obcecado por camisas de futebol americano na ponta do semicírculo e pôs a folha voltada para baixo na mesa dele. Eu o vi fazer o sinal da cruz de brincadeira antes de virar a prova e depois cumprimentar um colega com irreverência.

— Meu Deus, estou tão ferrada... — sussurrou Katie baixinho.

Eu ri, mas as palmas de minhas mãos ficaram suadas. Meus pais me matariam se eu tirasse nota baixa naquela matéria. Em qualquer matéria. Para eles, ser reprovada era algo fora de cogitação. Era algo que acontecia com os outros, com pessoas que não se importavam com o futuro nem com droga nenhuma.

Você passou por nós e pôs a prova de Katie na mesa dela antes de seguir até outro aluno a três mesas de distância.

— Como foi? — perguntei, resistindo à vontade de me inclinar para ver, caso Katie não quisesse mostrar.

— Eca. Sessenta e um — respondeu ela, franzindo a testa.

— Dá para passar — comentei.

— Rasgando! Vai puxar minha nota lá para baixo, e quero ser enfermeira! Biologia é meio importante. — Ela olhou para mim, sua bela maquiagem destacando os olhos castanhos. — Precisamos mesmo estudar.

— Com certeza. Não posso fazer outra prova assim. Minha nota vai murchar e morrer — brinquei, tentando fingir que não estava surtando.

Nunca havia tirado uma nota baixa. Na vida. A perfeitinha Madelyn Hawkins, preparada para uma faculdade da Ivy League desde o primeiro ano do ensino fundamental, não tirava notas baixas.

De repente, ali estava você, deslizando a prova em minha mesa, movendo-a rapidamente, como se nem sequer estivesse ali. Respirei fundo e virei a folha, e o que vi me deixou completamente imóvel.

A-.

Você me deu A-.

— Mentirosa! — sussurrou Katie, batendo em meu braço. —

Você foi superbem. Que novidade! Sabe tudo direitinho. Bem, agora sei quem vai ensinar quando estudarmos juntas.

Você me deu A-, Bennett.

Eu sabia que não merecia. Você me *deu* aquele A-. Chutei tantas perguntas, não podia ter sido apenas sorte! Não merecia aquele A-, de verdade.

— É, hã, acho que fui melhor do que pensei — disse eu, enfiando a prova rapidamente no fichário, a culpa subindo pela garganta e me deixando engasgada.

Você mudou minhas respostas, Bennett? Nunca mais quis olhar para aquela prova, então não verifiquei. Ou você as mudou ou simplesmente escreveu uma nota falsa no alto da página, e achei que não queria saber qual das duas coisas havia acontecido. Você disse que a palavra “segredo” parecia imoral, mas aquilo era pior.

Minha boca ficou seca, e havia uma sensação nauseante na boca de meu estômago que mais parecia uma bola de boliche.

Você não chamou meu nome durante o restante da aula, como o fez na terça, porque simplesmente não falou comigo.

Eu queria lhe dizer algo bem ali, quando a aula acabou, mas sabia que não podia, sabia que precisava de mais tempo para conversar do que os cinco minutos entre as aulas. Além do mais, eu iria à sua casa na sexta.

Seu endereço naquele cartão de visita estava implorando para sair de meu bolso.

*

MESMO NO OUTONO, a estrada Green Valley era exuberante e linda, cercada dos dois lados de pastos verdejantes e cedros. Vacas pontilhavam os campos, e a cada curva que eu fazia, mansões sofisticadas surgiam por trás de belos portões de ferro. Atravessei uma ponte no rio Green, as águas correndo abaixo de mim, e segui a estrada sinuosa de mão dupla.

Mas, finalmente, quando os nós de meus dedos estavam quase brancos no volante e meus nervos haviam feito um estrago em meu estômago, diminuí a velocidade e peguei uma entrada asfaltada.

Seu endereço estava preso em uma estaca onde havia um velho portão de cobre escancarado. Então, virei o carro, segui o caminho até onde se encontrava um chalé minúsculo, parcialmente escondido por enormes rododendros.

Sua picape vermelha estava estacionada ao lado, então soube que havia chegado ao lugar certo. Quando estacionei o carro, não consegui parar de olhar.

Fiquei feliz por a casa ser afastada da estrada daquele jeito e por só haver um vizinho de verdade, no trecho em que a entrada da casa chegava à estrada Green Valley. Parecia que havíamos encontrado um paraíso particular, um lugar onde podíamos ser nós mesmos, exatamente como no alto da High Rock.

Um lugar onde podíamos ser apenas um garoto e uma garota.

Antes de sair, fechei o casaco de lã para me proteger do ar gelado de outono. Foi difícil não gingar um pouco os quadris conforme andava até sua casa, torcendo para que minha calça jeans nova e justa ficasse tão bem quanto as de Katie. Naquele dia, fiz cachos no cabelo, que havia ganhado mechas recentemente, e eles caíam em meus ombros de uma forma que me fazia sentir mais velha, pronta para você e para o que quer que houvesse atrás de sua porta.

Subi o degrau e ergui a mão fechada para bater, mas a porta se abriu, e o movimento fez meu cabelo voar. Fiquei paralisada por um segundo, sentindo-me boba, e baixei a mão.

— Ah, oi — falei.

— Oi. Entre — respondeu você, dando um passo para o lado

enquanto apontava para dentro.

Você olhou para fora, e por um milésimo de segundo fiquei irritada, porque não parava de me perguntar se você estava verificando se alguém tinha me visto. Mas percebi que estava sendo idiota. As pessoas não podiam mesmo nos ver juntos, e, além do mais, você nem olhou direito. Era apenas *eu* sendo paranoica, sensível demais.

— Vamos fazer um *tour* pela casa — disse você quando o encarei.

Você estava incrível naquele dia, parecia mais relaxado. Estava descalço, de calça jeans e com um suéter surrado que parecia quentinho. Seu cabelo estava ao natural, caindo nos olhos de uma forma que sua aparência ficava mais misteriosa e mais sexy.

— Boa ideia.

— Não fique muito animada. É uma casa de um quarto só, então o passeio vai ser curto. — Você deu aquele seu sorriso torto e encantador. — De qualquer modo, esta é a sala principal — continuou, indicando o espaço depois da entrada. — Cuidado para não se perder.

Dei uma risada meio inesperada e senti um pouco da tensão em meus membros se desfazer.

Um piso de madeira levava à sala, modestamente mobiliada com um sofá de couro marrom de aparência confortável e uma pequena TV de tela plana em um aparador antigo. No canto, Voldemort estava esparramado em uma cama de cachorro macia, roncando baixinho. Um quadro grande de natureza-morta (uma tigela de laranjas) estava pendurado na parede. A pintura contrastava de forma surpreendente com a mistura eclética de suas mobílias de solteiro.

— Foi minha mãe quem pintou — disse você ao perceber que eu estava olhando.

— Ah, ela é pintora? — Assim que as palavras saíram da minha boca, quis engoli-las de volta. *Dã, Maddie.*

— É — respondeu você ao assentir. — Tem um estúdio no Centro. Não é muito lucrativo, mas pelo menos dá para ela cobrir os custos do aluguel do espaço.

Assenti.

— E seu pai?

— É soldador. Deve ter feito metade dos portões chiques de ferro que você viu nesta rua.

— Uau, é mesmo? Que legal!

— É, minha família é artística. Ele só gosta de fazer portões com algo extra neles, como silhuetas de cavalos e vacas ou curvas diferentes no ferro, coisas assim.

— Então seu gene de professor não veio deles, imagino.

— Não. E você? Acha que vai ser professora como seu pai?

Balancei a cabeça.

— Não. Para falar a verdade, não sei direito o que quero. Mas acho que não vou dar aulas.

— Ou você gosta ou não gosta — disse você. — Eu amo tudo nessa profissão.

Você me levou até a cozinha. Era pequena e um pouco antiquada, com armários de carvalho dourado e velhas bancadas revestidas em um tom escuro de verde, que chegava a ser estranho. Mas parecia uma cozinha bem-aproveitada, como se você soubesse usar o fogão. Eu me imaginava sentada à mesa da cozinha, no banco, esperando você preparar o café da manhã para mim, o almoço ou o jantar, ou qualquer coisa, na verdade. Eu já me satisfaria com brócolis. Ficaria ali, hipnotizada, com aquele rastro de luz amarelo entrando pelas janelas, uma luz tão calorosa e radiante que eu permaneceria ali para sempre, viveria minha vida bem naquele recinto com você.

Aquela chama ardeu em mim, cresceu e tremeluziu até virar uma fogueira, e, naquele momento, eu soube que não poderia voltar para onde estivera semanas antes, não poderia voltar atrás em relação ao que havia pensado e ao que queria.

Daquele momento em diante, era você, e só você, ninguém mais importava. Eu não ligava para aqueles dois anos idiotas, não ligava se o que estávamos fazendo era perigoso em vários aspectos, não ligava se estava sozinha com um homem quase dez anos mais velho do que eu.

Eu simplesmente não ligava mais, porque a única coisa que importava de verdade para mim... era você. Mas sabia que, para você, aqueles dois anos ainda fariam diferença, mesmo que não para a lei. E, de alguma forma, eu teria que encontrar um jeito de lhe

contar.

Em treze de dezembro.

— A cozinha não é tão bacana, mas funciona. É o que importa, não é?

Você sorriu. Tinha voltado a ser aquele garoto da montanha, o que gargalhava e sorria e parecia bem mais próximo de mim em relação à idade.

Nunca pensei em você como um garoto durante as aulas. Mas quando estávamos sozinhos era diferente.

Você deu um passo para trás, em direção à sala, e me levou por um corredor curto.

— O banheiro é aqui — disse, apontando para uma porta aberta.

Espiei lá dentro e vi uma banheira/chuveiro atrás de um vidro fosco, uma privada branca comum e um amplo armário de carvalho, que parecia ter a mesma idade dos da cozinha, com uma bancada de fórmica antiga, porém em tons de creme e dourado. Mas não liguei muito para esses detalhes porque estava ocupada observando a variedade de coisas na bancada: um barbeador elétrico e uma lâmina, creme de barbear, um pente, uma escova de dentes... Era tudo tão normal e ao mesmo tempo tão exótico, a ideia de você parado ali de manhã, descalço, fazendo a barba. De alguma forma, eu esperava que você fizesse algo especial quando se arrumava antes da aula, preocupado em ficar bonito para mim da mesma forma que eu fazia por você, como havia me sentido ao cachear o cabelo naquele mesmo dia.

— É legal — comentei, ao sair do banheiro.

— Ah, é antiquado como todo o resto, mas é bem amplo, pelo menos.

Você me conduziu pelo corredor e entrou pela porta que havia no final, onde o tapete se tornava felpudo e não combinava nem um pouco com o restante da casa. Então, acendeu a luz.

— Aqui é o quarto principal. É o único, por isso é o principal. Por falta de concorrência — disse, brincando.

Fiquei com a boca um pouco seca ao entrar no quarto, ao estar no lugar onde você dormia, e imaginei as cobertas o cobrindo parcialmente enquanto ficava deitado ali, tranquilo, sozinho. Enquanto talvez sonhasse comigo. Eu estaria mentindo se não admitisse que

pensei em nós juntos naquela cama em algum momento no futuro, debaixo daquela coberta verde-musgo quadriculada.

Em treze de dezembro, seria apenas um beijo, mas talvez um dia...

— É... — Limpei a garganta. — É bonito. Combina com você.

— Obrigado. Mas não sei o que isso quer dizer sobre mim. Sou antiquado e gasto?

Eu ri.

— Não, masculino e... hã, espaçoso?

Você riu e me cutucou.

— Vai ter que melhorar isso.

— Masculino e... cheiroso?

— Melhorou.

Você apagou a luz e passou por mim a caminho do corredor, conduzindo-me de volta à porta da frente.

— Pensei em andarmos até o rio, se você quiser. Tem uma trilha atrás da casa. O terreno é propriedade do condado. Poderíamos caminhar um pouco por lá, até ficarmos com frio, e então voltarmos e jantarmos.

— Parece ótimo — concordei, falando sério.

Uma noite com você.

Sozinha.

*

A TRILHA ATÉ o rio era batida e plana, como se você tivesse caminhado por lá centenas de vezes. As chuvas de outono haviam deixado os caminhos visíveis escorregadios, mas, conforme o sol subia atrás de nós e me aquecia através do casaco leve, não me importei.

Quando chegamos a uma árvore caída, você se virou e ofereceu a mão para me ajudar a pular o toco. Dessa vez, quando cheguei ao outro lado, você não me soltou, como tinha feito em outras caminhadas. Não agiu como se o que estávamos fazendo fosse proibido, tivesse que ser segredo.

Você sorriu para mim como um garoto sorri para uma garota, e fiquei perdida em você por um instante, envolvida demais para me importar com a hipótese de aquilo tudo ser errado.

Envolvida demais para ligar se você viraria as costas para mim quando descobrisse a verdade. Em treze de dezembro, eu o beijaria e colocaria a boca no trombone.

Talvez as pessoas interpretem mal essa minha expressão.

— Seu cabelo fica bonito assim.

Você estendeu a outra mão e mexeu em meus cachos.

— Obrigada — respondi, corando um pouco e apertando sua mão, muito contente por você finalmente ter dito aquilo. Fez com que aquela hora amaldiçoando o babyliss valesse cada segundo. — Gosto do seu suéter.

Xinguei-me porque sou idiota, como se eu tivesse que responder a cada coisa que você dizia. Desejei ter elogiado você primeiro.

— Obrigado... Na verdade, comprei em Paris.

— Ah, achei mesmo familiar. Naquela sua foto na Torre Eiffel...

Parei ao perceber o que disse e me xinguei de novo.

Você ergueu uma sobrancelha.

— Eu lhe mostrei aquela foto?

— Eu... hã... não. Vi no Facebook — admiti.

Você sorriu, revelando uma fileira de lindos dentes brancos, exceto por aquele torto, que passei a amar.

— Ah, você bisbilhotou meu Facebook. Estou lisonjeado.

— Talvez um pouco — comentei, corando. — Fiquei curiosa.

Curiosa. De repente, entrei em pânico. E se você também ficasse curioso? Eu teria que mudar minha página do Facebook para “privada” imediatamente, antes de você ver que eu era aluna na Enumclaw High School, antes de ver todas aquelas carinhas jovens dos meus amigos.

Antes de descobrir a verdade.

— E? — insistiu, repentinamente interessado. — Matou a curiosidade?

Balancei a cabeça.

— Não, não matei.

— Você queria mais — disse e cutucou meu ombro de propósito. — Minha nossa, o que vou fazer com você nas próximas oito semanas?

Oito semanas. Meu Deus, parecia muito tempo.

— Não faço ideia — respondi e pestanejei, com a expressão inocente.

Talvez fosse demais, eu, tão jovem, tentando *fingir* inocência, mas não pensei nisso na hora.

Os sons de água corrente, que começaram como um leve e distante zumbido, se intensificaram e se tornaram um rugido fraco, e logo chegamos à margem de pedras do rio Green. Precisei tirar um pouco a mão do bolso quando subi na superfície irregular e segui pelas pedras do tamanho de bolas de boliche. Não era um rio de margem arenosa.

— No verão, aqui fica cheio de gente, mas, para nossa sorte, agora ele é só nosso — comentou você assim que soltou minha mão.

Quis perseguir a sua, capturá-la de novo e nunca mais soltá-la, mas acabei enfiando as minhas nos bolsos, porque o frio estava aumentando. Perguntei-me quanto tempo ficaríamos ali fora, na beira congelante do rio, a uns dez graus de temperatura com uma brisa enevoada vindo das águas agitadas.

— Você anda muito por aqui?

— Quando não estou enterrado em trabalhos para corrigir, sim. Às vezes, até quando estou atarefado. A água tem esse poder de tranquilizar. Acho que se não fosse professor teria entrado para a marinha, ou algo assim. Para navegar pelo mundo.

— Tranquiliza quase tanto quanto caminhar — afirmei, pensando

em como você estava em High Rock, tão diferente do homem em sala de aula, liderando trinta alunos e usando uma prática camisa de botão.

— Exato. Alguma coisa aqui simplesmente... me traz um pouco de clareza.

Você enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans, e a forma como elas fizeram sua calça colar no contorno das pernas despertou em mim pensamentos loucos, pensamentos que logo afastei. Em seguida, você acrescentou:

— Às vezes, ficar longe de todo mundo ajuda a entender o que a gente quer, sabe?

Meu Deus, como entendia o que você queria dizer! Em casa era impossível entender as coisas. De alguma forma, quando eu estava longe da família, na faculdade ou no rio Green com você... de alguma forma a pressão sumia, e, em meio à névoa da vida, eu quase visualizava quem queria ser.

— E que tipo de clareza você tem procurando ultimamente? — perguntei, observando a água bater em uma pedra e se agitar.

Você olhou para o rio e não respondeu. Então, tirou uma das mãos do bolso e se inclinou para pegar uma pedra e jogá-la na água. Depois do *splash*, as palavras soaram no silêncio.

— Estou tentando concluir se isso é certo — respondeu, enfim.

— O quê? — perguntei, minha boca ficando seca.

— Nós. Isso. — Você me encarou por um instante antes de se abaixar e pegar outra pedrinha para jogar no rio de uma forma desajeitada, como se quisesse ver um respingo forte. — Estou tentando ignorar o que sei que todo mundo diria e só pensar em ficar com você.

Parecia que o ar havia sido sugado de meus pulmões, tal como era sugado de um cômodo durante um incêndio.

— Pensei que tivéssemos decidido...

Seu olhar me silenciou. De alguma forma, era severo e delicado ao mesmo tempo.

— Decidimos, e não vou voltar atrás. Quero ver no que isso vai dar. Mas...

— Mas tem pensado em pular fora — acrescentei, com o medo tomando conta de mim, como se você fosse me largar a qualquer

momento. E eu estava envolvida demais para suportar isso. — Pensou no que todo mundo acharia.

Você assentiu, mas seu olhar estava voltado para a água, e eu reparei em seus cílios grossos e escuros, quando, por um momento, você fechou os olhos e eles tocaram sua pele. Eu queria tocá-los, tocar você, mas fiquei grudada no lugar, naquela margem, com os pés formando ângulos estranhos nas pedras.

— Você é tão mais nova do que eu... — Você disse isso de forma tão segura que não pude refutar. — Nem sei se só está fazendo graduação tecnológica, se planeja pedir transferência e se mudar, ou sei lá o quê, e fico me perguntando que diabos estou fazendo com uma garota que acabou de sair do ensino médio.

Não consigo explicar o alívio que senti pela forma como você se expressou, porque sabia que, quando eu respondesse, não precisaria mentir, ao menos não de maneira óbvia, porque, de algum modo, *estava* recém-saída do ensino médio. Não tinha mais aulas no colégio, nem voltaria a ter.

Mas o “sair” do ensino médio não se encaixava muito bem, porque, na verdade, eu estava matriculada *no* ensino médio. Oficialmente. Tecnicamente. Legalmente. Apenas não fisicamente, pois jamais voltaria lá, a não ser que precisasse, por causa de documentos ou algo do tipo.

Você e eu, ambos estávamos quites com o ensino médio.

Mas eu também sabia, via... que você estava lutando contra a ideia de namorar uma garota de dezoito anos, um rosto novinho.

— Eu não sei. Quanto à faculdade. O que quero fazer, aonde ir, se é que quero ir a algum lugar. Tenho tempo.

Se você perguntasse a meus pais, eles explicariam o plano. Tudo já estava decidido desde que nasci. Eu tinha uma conta bancária específica para o pagamento da faculdade, os informativos, o histórico de ensino médio impecável. Eu iria para uma faculdade que duraria quatro anos. Seguiria os passos de minha mãe. Evitaria o caminho *fracassado* de meu pai.

Você foi a primeira pessoa para quem admiti a verdade, para quem disse simplesmente *Eu não sei*. Era incrível como aquelas palavras eram libertadoras, como era bom ouvi-las. Meu desejo era admitir que não fazia a menor ideia do que queria da faculdade, da

vida.

Queria que você soubesse que eu estava muito perdida, mas ainda não havíamos chegado lá. Eu não podia dizer essas coisas. E, naquele momento, *Eu não sei* foi o bastante.

Dei um suspiro longo e pesado, provavelmente pesado demais para nosso momento romântico.

— Às vezes não se cansa de ter tudo traçado, predestinado, planejado? Só quero *viver*. Decidir qual caminho tomar quando já estiver na encruzilhada, sabe? Tacar os mapas no lixo e tirar cara ou coroa.

Você assentiu e franziu os lábios, como se quisesse dizer algo. Mas então seus lábios só se curvaram um pouco, e você se virou para me encarar de novo.

— Você é muito inteligente.

— Obrigada. Na próxima vez, você poderia não parecer tão surpreso.

Você riu, e o humor melhorou. Então você se afastou da água, andou até mim e pousou as mãos em meus quadris enquanto me olhava nos olhos.

— É tão estranho pensar que posso ter encontrado minha companheira em uma garota tão mais jovem... mas também parece tão...

— Certo? — perguntei.

Você assentiu, os lábios apertados formando uma fina linha.

— É. E é isso que me assusta. Sentir que entraria nisso... com você... sem olhar para trás.

— Por que é tão assustador?

— Porque todos os pensamentos sensatos que tenho me dizem que não é certo namorar uma aluna. Estou arriscando tudo...

— Por mim — concluí seu pensamento.

Você assentiu.

— É. Estou arriscando tudo por você. Pela chance de ficar com você.

— Você fala como se talvez eu não valesse a pena.

— Não tenho a menor dúvida de que você vale a pena — sussurrou você, inclinando-se e puxando meus quadris para perto dos seus de forma que nossos corpos se tocaram na altura da barriga,

dos quadris e das coxas.

Foi íntimo de uma forma que jamais havia vivenciado, casual de uma forma inesperada. Como se nos encaixássemos, como se tivéssemos sido feitos para ficar daquele jeito.

Descontraí os ombros, soltei os braços e me recostei em você, encaixando meu corpo no seu e apoiando a bochecha em seu ombro.

— Queria que fosse mais fácil — sussurrei. — Queria que tivéssemos nos conhecido em outro lugar, para que tudo isso não parecesse tão...

— Conflitante? — sugeriu você.

Mas eu não me sentia em conflito. Estava totalmente convencida de que tínhamos sido feitos um para o outro, de que sempre *ficaríamos* juntos. E parte de mim se contraiu por dentro, por você ter escolhido aquela palavra, como se tivesse dúvidas. Mas não expressei isso.

— Difícil. — Foi o que eu disse. — Quero ficar com você em todos os lugares. No *campus*, no mercado. Não quero ficar me perguntando se alguém está nos observando.

Apesar de seu grande esforço para esconder, senti uma leve tensão tomar conta de você, como se não tivesse considerado isso e como se a ideia de alguém nos observar o apavorasse.

Você sempre teve mais a perder. Fui burra e ingênua naquele momento e nunca sequer enxerguei direito, mas quem correu mais risco sempre foi você. Sua vida, sua reputação, seu emprego.

Eu sempre seria a garota doce e estudiosa de quem você se aproveitou. É assim que o mundo me vê. Pena, solidariedade, tristeza... tantas coisas, mas ninguém sentiu nojo.

Não como sentem de você.

Talvez eu precisasse ter dezoito anos para entender. Talvez entrem aí os dois anos. Quem sabe com eles eu tivesse a capacidade de compreender o que está em jogo, de prever o que aconteceria em algumas semanas ou meses. Porque naquele momento, à margem do rio, eu certamente não tinha a capacidade de olhar para a frente e ver o que estava a caminho.

Eu só via você e quanto o queria. Sabia, naquele momento, que precisava fazê-lo ser meu, a qualquer preço, apostando para ver o que o futuro nos reservaria.

Só queria ter sabido, naquele dia no rio, que não eram minha vida, minha dor, que estavam em jogo.
Eram as suas.

*

PERMANECEMOS na margem do rio por quase duas horas, sentados nas pedras até estarmos mais do que um pouco congelados. Era um mundo diferente ali, à margem das águas, onde o tempo parecia ter parado, como se aquele meu superpoder realmente funcionasse. Mas acabamos nos rendendo ao frio e voltamos para sua adorável casinha. Apertei bem a jaqueta, desejando ter colocado algo mais quente, e esfreguei as mãos para tentar aquecê-las e afastar a sensação de dormência assim que entramos na cozinha pela porta dos fundos.

Fiquei quieta vendo-o providenciar tudo, tirar coisas da geladeira, ir até a parte de trás acender a grelha, virar, mexer e cozinhar, como fazia diariamente, à vontade na cozinha.

Meus pais pensavam que eu tinha ido à biblioteca e que depois estudaria com meus amigos. Eu *nunca* havia mentido para eles assim, e eles não tinham motivo algum para achar que eu não estava falando a verdade. Por isso foi tão fácil. Dezesseis anos sendo a filha-modelo (gritando por dentro e desejando algum descanso, mas mesmo assim seguindo em frente como um soldado, fazendo cada coisinha que esperavam de mim) e, naquele instante, contei minha primeira mentira deslavada, a primeira de muitas que me empurrariam penhasco abaixo, do qual eu pularia em algumas semanas, conforme minhas mentiras viravam uma bola de neve.

— Vai ficar pronto logo, logo — afirmou você quando eu já me sentia aquecida. — Tem chá e refrigerante na geladeira.

No momento em que você saiu para tirar o frango da grelha, eu me levantei e parei para fazer carinho em Voldemort no caminho até a geladeira. É engraçado como seu cachorro mudava em casa, a frequência com que se esparramava na própria cama e vez ou outra batia com o rabo no chão. Bem diferente do cachorro que corria pela trilha conosco.

Quando espiei a geladeira, vi chá e refrigerante, mas também vi cerveja e um engradado de seis latas de cidra, e fiquei *muito tentada* a pegar uma, abrir e ir até lá para fora como se não houvesse nada de errado. Queria ter idade para fazer isso, para que você não sentisse culpa em relação a nós.

Tudo que eu queria era ter liberdade com você, mas toda vez que olhava para o lado, lá estavam mais restrições, mais evidências de que eu não tinha sua idade.

Então, peguei um chá gelado com limão, abri a tampa e li a frase idiota na parte interna: *Em relação ao tamanho, a língua é o músculo mais forte do corpo humano.*

Meu Deus, eu não precisava pensar em línguas.

Tinha que esperar para beijar você.

Mais tarde, muita gente me disse que a atração que você exercia em mim se relacionava ao fato de ser proibido. Como se o fato de saber que eu não podia ficar com você houvesse me feito desejá-lo ainda mais. Não acredito nisso.

Joguei a tampa no lixo e fui lá para fora, até onde você estava debruçado na grelha, e senti o delicioso aroma de cedro defumado e frango me envolver enquanto me sentava em uma cadeira de plástico. Não me preocupei mais com o frio, apenas fechei o zíper do casaco até o queixo.

— O cheiro está incrível — comentei, sorrindo.

— Obrigado. Admito que sou péssimo cozinheiro, mas meu churrasco não é nada mau.

— Acho que você precisa de uma ajuda feminina — afirmei, surpresa com minha resposta rápida. — Sei fazer uma lasanha deliciosa.

Na verdade, cozinho muito bem. Quer dizer, meu pai cozinha bem, mas sou melhor. Como minha mãe sempre viaja a trabalho, assumi a função e encontrei meu gene de cozinhar. É uma das poucas coisas que me ligam a meu pai. Às vezes, os momentos em que trabalhamos juntos na cozinha, mesmo em silêncio, são os únicos que compartilhamos.

Segurei um prato quando você tirou a tampa da grelha e a pousou no piso com rachaduras. Tudo naquele lugar me fazia lembrar um conjunto de moletom macio ou uma caneca trincada e querida. Usada, quebrada e confortável, mas não impecável. Mas, para mim, saber que você tinha sua casa, saber que era capaz de se sustentar... isso por si só já me impressionava.

Porque, enquanto estava a seu lado, percebi que um dia poderia me sustentar, que não precisaria de meus pais me dizendo o que

fazer, não precisava deles para decidir que direção seguir e pavimentar o caminho com ouro para mim.

E se eu não quisesse estudar no MIT ou em Harvard? E se concluísse meus dois anos do ensino médio, arrumasse um emprego em um escritório e ficasse na cidade... por você, por mim, por nós? E se criássemos nossa vida e ela não tivesse nada a ver com eles, não tivesse nada a ver com os planos de meus pais para mim?

Cada segundo que eu passava com você era como uma liberação; era uma forma de eu abrir brechas nos planos, nas exigências, nas expectativas deles. Somente longe dos olhares penetrantes deles eu sentia que podia respirar fundo e entender o que queria ser.

Sei que, se eles lerem isso, vão culpá-lo, agir como se você fosse o motivo para eu questionar o caminho que traçaram até a faculdade. A questão é que não é apenas você. Talvez você tenha me mostrado uma direção nova, mas eu escolhi abrir os olhos, escolhi olhar ao redor.

E, enquanto você colocava aquele frango assado no prato, senti uma estranha mistura de ser adulta com estar relaxada, como se, talvez, a intensidade que eu sentia na vida não fosse mesmo por minha causa, mas por causa deles.

E, talvez, com você eu conseguisse ter algo diferente, *ser alguém* diferente.

Uma garota que tomou o controle da própria vida.

Levei o prato para dentro e você veio atrás de mim depois de tampar a grelha e fechar os respiradouros para apagar o carvão que tinha sobrado.

Deslizei a porta de vidro atrás de mim, tremendo de novo. Havia planejado vestir algo mais bonito, mas para isso teria que congelar. Então, arrumei um meio-termo.

Cada um pegou um pedaço de frango e uma porção de salada de macarrão, e então você me levou para a sala.

— Aquela janela ao lado da mesa é meio fria, então é melhor comermos aqui — disse você, pondo o prato na mesinha de centro. Então, esticou a mão para trás e puxou uma colcha com as cores do arco-íris. — Minha mãe costurou isso, então não vale debochar. — Você sorriu como se tivesse certeza de que eu tiraria sarro da colcha.

— Tricotou — corriji.

— Hã?

— Ela teria costurado se tivesse feito uma colcha de retalhos, por exemplo. Ela *tricotou* esta colcha.

— Ah... — Você riu. — Tudo bem, então ela tricotou esta coisa psicótica. Meu pedido continua valendo.

— Combinado.

Você colocou a colcha sobre nossas pernas, e nossos joelhos se tocaram quando apoiamos os pratos no colo. Nossos garfos estalaram ao comermos.

Essa primeira vez que comi com você deveria ter sido constrangedora: você com aquele suéter lindo, que envolvia seus ombros da forma como eu queria fazer. Mas não foi. Mesmo naquele momento, só de ficar com você já foi bom. E, sim, eu desejava muito mais, porém era tão fácil aceitar o que me era permitido: uma refeição tranquila com você, nossos joelhos se tocando, a colcha nos aquecendo a uma temperatura confortável.

Não conversamos enquanto comíamos, e isso não me incomodou. O único som no aposento era o tique-taque baixo do relógio de parede, que me lembrava de que eu não poderia ficar ali para sempre. Ainda não.

De alguma forma, já eram cinco horas, e o pôr do sol se aproximava rapidamente.

— Você precisa estar em casa logo?

— Não, meus pais nem vão ligar — respondi.

E me xinguei por mencioná-los, por jogá-los em você assim.

— Você mora com eles, certo?

Eu assenti.

— É. Só até terminar a faculdade. — Fiz uma pausa. A faculdade tinha somente um pequeno alojamento, usado principalmente por alunos estrangeiros. A maioria ainda morava com os pais ou dividia pequenos apartamentos com colegas. — Disse a eles que chegaria tarde.

— Que bom.

Você parecia falar sério.

Coloquei o prato na mesa de centro e me acomodei no sofá enquanto puxava mais o cobertor supostamente feio, e um

sentimento surreal tomou conta de mim.

Ali estava eu, uma garota de dezesseis anos, na casa de meu professor de biologia, de vinte e cinco, observando-o jantar. Era um ato tão simples e doméstico, algo que um aluno nunca deveria ver.

Olhei pelas janelas, e vi que a névoa já surgia lá fora.

— Não acredito que o inverno já está chegando.

— O inverno... e dezembro.

Você sorriu e se inclinou para a frente, e por um segundo tive a esquisita impressão de que se aconchegaria perto de mim. Mas você apenas puxou o cobertor para meus ombros e voltou para seu lugar, e nem estávamos mais nos tocando.

— Obrigada.

— Sou professor de biologia. Se você morrer de hipotermia, tenho certeza de que a ironia vai me assombrar e me matar também.

Sorri e me perguntei se havia como eu encontrar aquele superpoder e apertar o botão de *parar*, para ficarmos ali naquele sofá velho, ficarmos ali por toda a eternidade, aproveitando a vida sem o mundo para nos julgar.

Será que você também sentiu isso? O quanto aquilo parecia certo, quando estávamos juntos e todas as regras idiotas apenas... desapareciam?

Mesmo enquanto escrevo isto, realmente acredito que, às vezes, duas pessoas simplesmente são feitas uma para a outra, e que nós éramos assim. Duas pessoas que combinavam, e, se dois anos não importassem, seríamos essas pessoas ainda hoje. Alegres e felizes e à vontade no calor daquele fogão a lenha, em sua casa simples e modesta de um quarto.

Às vezes, o que mais odeio disso tudo é que nunca fizemos mal a ninguém. Ninguém mesmo, nem a mim.

Será que eles não entendem isso? Que você nunca me fez mal, como insistem em supor? Eu era *melhor* por sua causa. Era alguém que importava, alguém que podia ter opinião.

Eram meus pais que faziam eu me sentir uma criança. Não você. Você, nunca.

*

QUANDO DESCI as escadas na manhã seguinte, tenho certeza de que flutuei pelos degraus, perdida em lembranças suas, pensando em como tinha sido difícil me separar de você e voltar para casa. Quando cheguei em casa naquela noite, já estava escuro, mas minha mãe e meu pai não ligaram.

A confiança é uma coisa engraçada.

— Ei! Chegou bem na hora de me ajudar a cozinhar — disse meu pai quando meus pés descalços tocaram o piso.

Por uma fração de segundo eu havia esquecido que era sábado, esquecido a tradição do café da manhã farto de fim de semana.

— Ah, legal — falei, piscando para afastar as lembranças de você e seguindo para a cozinha, onde meu pai estava inclinado, revirando o cesto de legumes.

— Você pode picar os pimentões. Vamos fazer ovo mexido — disse ele, sem erguer o olhar.

— Legal.

Fui lavar as mãos. Depois de secá-las com uma toalha de papel, fui até a pequena ilha central, onde o granito brilhava sob as luzes elegantes.

A atmosfera era diferente da que eu tivera com você na noite anterior. Não era constrangedora, mas faltava o calor que eu havia sentido ao ficar naquela sua pequena cozinha, vendo suas mãos habilidosas prepararem o jantar.

Aqui, tudo parecia lindo e brilhante e perfeito, como eu deveria ser.

Peguei uma das caras facas Ginsu de meu pai e comecei a cortar os pimentões em tiras finas, como ele gostava. Ele encostou em meu braço ao pôr uma cebola na bancada, virou-se novamente e desapareceu na ampla despensa no canto da cozinha. Virei-me e olhei, mas só vi uma sombra por trás da porta de vidro fosco.

Ele saiu de lá com um saco cheio de batatas, colocou-o na bancada e se virou para pegar outra tábua de cortar e uma tigela grande. Aquele era meu pai sendo ele mesmo: um constante borrão em movimento, como se para compensar a carreira estagnada.

— Como estão as aulas? — perguntou, indo até a pia para lavar

as primeiras batatas.

— Boas. Acho que tirei A em tudo até agora — respondi, com uma sensação familiar tomando conta de mim.

Notas. Notas A. Todas as expectativas de sempre.

Era engraçado como eu me sentia tão diferente, mas ainda assim ele não via.

— Essa é minha garota — disse ele, voltando para a bancada. — Como são seus professores? Você gosta deles?

A faca escorregou, e afastei a mão bem a tempo.

— Opa, cuidado — advertiu ele, inclinando-se para olhar meu dedo. — Essas facas não são brincadeira.

Ele havia chegado muito perto da verdade.

— É, desculpe. Escorregou. — Peguei de volta o pimentão vermelho que eu estava picando. — Os professores são bons. O de inglês é meio chato, mas o de biologia é ótimo — respondi, optando pela verdade.

Você *era* ótimo. Muito mais do que ótimo.

— Ah, é? O que está estudando em biologia agora?

Bennett, tive vontade de dizer. Passava todo o tempo da aula estudando você. Mas acho que meu pai não gostaria da resposta.

— Falamos primeiro sobre composição celular, depois genética, e agora estamos indo para evolução. Acabamos de fazer a primeira prova.

— Ah... — Ele olhou para mim, e suas mãos ficaram imóveis. — Como foi?

Era aquele momento, aquele olhar, o que dizia: *Não me decepcione, Maddie. Não acabe como eu, murchando como professor de educação física de cidade pequena. Já tive grandes planos. Seria alguém na vida. E, agora, olhe para mim.*

— Tirei A- — respondi, sentindo-me meio estranha.

Não tirei aquele A-. Você me *deu*. Mas meu pai não precisava saber, não é?

— Parabéns. Um pouco mais de esforço e você transforma isso em um A.

E ali estava ele, exigindo, exigindo, exigindo como sempre.

— É, talvez.

Naquele momento, tive vontade de dizer: “Bem, adivinha! Na

verdade, tirei nota baixa! O que você acha DISSO?”

Mas deixamos o silêncio crescer, e ele terminou de cortar as batatas. Em seguida, jogou-as em uma frigideira quente com um pouco de óleo e começou a mexê-las. As batatas chiaram no calor.

— Sabe o que deveríamos fazer? — perguntou ele abruptamente.

— O quê?

Piscando para afastar as lágrimas causadas por picar a cebola, joguei-a na frigideira.

— Vamos para o labirinto de milho.

— Hã? O quê?

Labirinto de milho? Do que diabos ele estava falando?

— O labirinto de milho. Lembra, o que fica em Thomasson?

— Acho que não vou lá desde os doze anos.

— É, mas não era divertido?

Olhei para meu pai e percebi que ele falava a sério. Seus olhos estavam iluminados como os de uma criança que acaba de ganhar um cachorrinho de presente de Natal.

— Bem, era, mas eu tinha doze anos.

— Ah, Maddie está velha demais para ser vista em um labirinto de milho com o pai?

Ele sorriu para mim de uma forma que também me fez sorrir, mesmo sem querer. De uma forma que me fez dizer:

— Tudo bem, vamos.

Antes mesmo de meu cérebro perceber que eu estava animada com a ideia.

*

— DUAS PARA O labirinto, por favor — disse meu pai.

Atrás de nós, duas crianças deram gritinhos enquanto faziam cócegas uma na outra e esperavam na fila com impaciência.

— Pronto — disse a garota atrás da janelinha. — Querem perguntas sobre vacas ou sobre esportes?

— Vacas! — exclamei.

— Esportes — disse meu pai junto comigo.

Olhamos um para o outro.

— Tudo bem, vacas — disse ele, pegando a folha estreita de papel da mão dela e entregando-a a mim.

Nem sei por que escolhi o questionário sobre vacas, já que não sei praticamente nada sobre elas, mas devo saber menos ainda sobre esportes, e *estávamos* em uma fazenda. Então, parecia o melhor a fazer.

Meu pai me seguiu pelo largo caminho de cascalho e pela rápida descida que levava à entrada do labirinto. Logo após os primeiros pés de milho, uma placa nos recebeu:

— *Uma vaca dá quantos litros de leite por dia?* — leu meu pai em voz alta.

Olhei para meu papel.

— A opção A é quinze litros, a B é trinta. Caramba, não é possível que sejam trinta — disse eu, indo para o caminho da esquerda, seguindo a resposta A.

Meu pai me seguiu e dobramos a esquina. Então, dei de cara com uma parede de milho. Parei abruptamente. Ele esbarrou em minhas costas, recuou e me deu espaço. Ele soltou uma gargalhada tranquila e relaxada, o tipo de gargalhada que não escutava com muita frequência.

— Trinta litros parece demais — disse ele.

— Sério: coitadas das vacas.

Eu o levei de volta pelo caminho que havíamos seguido, agora indo na direção da seta B. Nós nos afastamos da entrada, e o ar foi esfriando à sombra dos pés de milho.

— Muito bem, próxima pergunta — anunciei. — *Diga o nome de um dos estômagos da vaca.* É “omaso” ou “burno”.

— Omaso não é um fenômeno da química ou da física? — perguntou meu pai.

— Não é, não. Acho que você quer dizer osmose. E “burno” parece palavra inventada. Vamos de “omaso”.

Fui para a esquerda de novo, dessa vez mais devagar, na esperança de não dar de cara com um beco sem saída outra vez. Mas, em vez disso, o caminho fez uma curva para a esquerda e depois para a direita, e, quando vi a placa seguinte, dei um sorriso triunfante.

— Uh-hu! — gritei, sentindo-me boba, mas sem me importar.

Era estranho sair de casa com meu pai. Sair da panela de pressão e tentar adivinhar os nomes do estômago da vaca. Mas eu tinha que admitir... era legal.

Aquilo me lembrou de quando eu era mais nova, antes de chegar ao ensino médio, antes de tudo ser mais um item para o momento em que eu fizesse a inscrição na faculdade, antes de a palavra “faculdade” entrar em minha cabeça. Antes de meus pais começarem a me perguntar para onde eu queria ir, quem queria ser.

Lá atrás, quando íamos ao shopping, ao parque ou andar de trenó, passar o dia ao ar livre. E, sim, talvez minha mãe quase nunca estivesse presente, mas meu pai estava. Ele nos deixava simplesmente ser crianças naquela época, antes de as expectativas lhe subirem à cabeça.

Antes de começar a falar sobre como, de uma hora para outra, os planos dele desmoronaram e de como teríamos que ser mais meticolosos, planejar as coisas melhor do que ele.

Deveríamos ser uma história de sucesso, como minha mãe. Nunca um fracasso, como meu pai.

Jamais achei que ele fosse um fracassado.

— Está vendo? Falei que seria divertido. Temos que fazer coisas assim com mais frequência — disse ele.

— É, concordo. Da próxima vez, vou estudar perguntas sobre vaca com antecedência.

Eu ria.

— Você é boa nisso.

— Boa em quê?

— Estudar. Eu queria ter sido assim quando tinha a sua idade.

Você vai muito longe...

Senti o velho aperto no coração.

— É, acho que sim.

— Um movimento errado e BAM, tudo acabou para mim. Não cometa esse erro. O que acha que vai escolher? Engenharia, como sua mãe, ou outra coisa? Caramba, considerando que você absorve as coisas como uma esponja, poderia ser médica, se quisesse.

— Não sei — peguei-me dizendo.

— É, temos um ano para decidir. Embora eu ache que seria bom escolher mais cedo. Se estudarmos os pré-requisitos para seu curso, escolheremos matérias na faculdade que ajudem nisso.

— Hummm — sussurrei, sentindo-me muda de repente, como se minhas entranhas tivessem virado purê.

— Vou pesquisar esta semana e pensar em algumas opções.

Terminamos o labirinto em silêncio, e, quando saímos do outro lado, não me senti triunfante.

*

MUITOS DIAS se destacam em nosso relacionamento, mas há um do qual sei que você deve se lembrar com muita clareza, e agora, ao olhar para trás, com uma dose de triste ironia.

Estávamos em sua casa de novo, aquele lugar aonde eu ia com cada vez mais frequência. A casa era tranquila e isolada, e, quando eu estacionava o carro atrás daquele celeiro velho e destruído, ninguém tinha como saber que eu estava lá.

Assistíamos a um filme, *Curtindo a Vida Adoidado*, em parte porque eu não tinha visto, mas principalmente porque, com orgulho, você o declarou um produto dos anos 80.

— Não que eu tivesse idade para assistir ou apreciá-lo quando estreou, sabe? Mas mesmo assim — disse você ao pôr o DVD no aparelho.

— Vou deixar passar, já que levei o crédito pelo Nirvana e tudo.
— Sorri enquanto fechava as cortinas, bloqueando a luz que refletia na tela da TV.

— Isso mesmo. Estamos praticamente quites.

— Só que nunca nem ouvi falar desse filme, e todo mundo conhece o Nirvana — comentei.

— Blasfêmia! — exclamou você quando o menu do DVD surgiu na tela. — Todo mundo conhece Ferris Bueller.

— Tudo bem, coroa — brinquei.

Você esboçou um pequeno sorriso.

— Ei. São só o quê, seis anos?

Minha boca ficou seca. Seis anos. Você achava que eu tinha dezenove.

Pela primeira vez você me perguntou daquela forma tão direta, e, quando fui confrontada com a ideia de que teria que mentir conscientemente, não consegui formar as palavras. Mentir por omissão era bem mais fácil.

Uma batida à porta atrás de mim me fez pular e me virar para olhar. Você não tinha olho mágico nem janelinha na porta, então estiquei a mão para a cortina por instinto, tentando espiar.

Você apareceu a meu lado em um instante e segurou minha mão.

— Esconda-se — sussurrou.

Arregalei os olhos.

— O quê?

Você foi até a janela e deu uma puxadinha na cortina com um dedo, depois se virou para mim com o rosto pálido.

— É minha mãe. Esconda-se.

Meu queixo caiu, e por um segundo tive vontade de dizer *não*, ou *por quê*, mas então a ficha caiu completamente... quem eu era, quem você era, onde estávamos.

E eu soube que não tinha escolha.

— Onde? — perguntei.

— No quarto. — Você delicadamente segurou meu cotovelo e me levou até lá.

Sentei-me na cama, e ela rangeu de leve. Mudei de posição, e ela rangeu de novo.

— Merda. Você vai ter que entrar no closet.

Mesmo sabendo que fazia sentido, que era uma necessidade, que era a única forma de protegê-lo, eu odiei.

Assenti enquanto você abria a porta do closet e outra batida soava na porta da frente.

— Só um segundo! — gritou você.

Entreí no pequeno espaço, desabei no chão e me recostei nos cobertores dobrados no canto.

— Vou tentar despachá-la o mais rápido possível — disse você em voz baixa. — Só... não faça nenhum barulho, está bem?

Assenti e, quando a porta se fechou, não pude deixar de ficar feliz por haver uma luz ali, e logo depois constrangida por estar sentada naquele lugar, no fim das contas.

Ouvi a porta se abrir e sua voz.

— Oi, mãe, como vai?

Soava tão intensa, alegre... e forçada.

Não entendi bem a resposta dela, a voz estava baixa, distante. Pouco depois, pareceu que ela havia entrado, porque a ouvi com mais clareza. Os sapatos, de salto, pelo que imaginei, estalaram no chão. Então uma cadeira foi arrastada no piso, e eu soube que ela estava se sentando à mesa da cozinha.

Imaginei como ela era, essa artista que produzia beleza com tela

e tinta. Perguntei-me se era morena como você, se tinha um dente torto e calorosos olhos azuis.

Uma segunda cadeira foi arrastada. Você se sentou à mesa com ela, e de onde estavam, fora da sala e do corredor, as vozes ficaram baixas.

Suspirei e olhei para o relógio. Então, cruzei os braços e me inclinei mais sobre os cobertores empilhados no chão atrás de mim, perguntando-me quanto tempo ela planejava ficar, já que vocês estavam sentados.

Eu teria de esperar ela ir embora.

*

NÃO SEI BEM quando peguei no sono, apenas acordei com um susto quando a porta se abriu.

— Estou tão... — Você parou de falar, e um leve sorriso franziu seus lábios. — Estava dormindo?

— Talvez — respondi, piscando, bem desorientada enquanto aceitava sua mão estendida e você me puxava para me levantar. — Por que demorou tanto?

Você fez uma careta.

— Desculpe, mesmo. Uma das amigas dela em Auburn está lutando contra um câncer, e ela precisava conversar com alguém. Eu não podia me livrar dela e ser um completo babaca. Ela estava com cara de quem andou chorando.

— Ah...

Você olhou para o closet antes de apagar a luz. Fomos até o sofá e nos sentamos em lados opostos.

— Não me senti bem — disse você.

— Pelo quê? Por se livrar de sua mãe?

— Não, por enfiar você em um armário.

Sorri, cutuquei você com o dedo do pé e disse:

— Acho bom, senão vamos acabar tendo um relacionamento bem estranho.

Mas seu rosto permaneceu sereno.

— Não, estou falando sério. Parecia que eu tinha malditos dezesseis anos e morava com meus pais, sei lá. Não gostei. De precisar escondê-la.

Meu coração se apertou.

— Só até dezembro — comentei.

Mas mesmo que isso fosse tecnicamente verdade...

Eu tinha dezesseis anos. Você só se *sentiu* com dezesseis, mas era de fato minha idade. E me perguntei se você estaria disposto de verdade a me apresentar a sua mãe quando não fosse mais meu professor... quando não estivesse em “posição de poder”, como dizia a lei.

Durante todo esse tempo, ansiei por esse dia chegar, o dia em que ficaríamos juntos sem precisar nos esconder. Mas mesmo que a

lei não pudesse nos julgar, o fato de que todos poderiam importaria para você?

E eu teria que contar, porque não queria que você fizesse algo de que pudesse se arrepender. Teria de ser honesta e simplesmente *contar* antes de darmos o passo, antes de você fazer algo que não quisesse.

Mas não aconteceria naquele dia.

Naquele dia, eu queria você demais para contar que tinha dezesseis anos.

Eu contaria em treze de dezembro.

Tinha toda a intenção de fazer isso, Bennett.

Mas você sabe o que dizem sobre boas intenções.

*

NAS SEMANAS SEGUINTEs, você e eu passamos muito tempo em sua casa ou perto do rio, mesmo com o ar ficando mais frio e as folhas sendo sopradas pelo vento do outono. Acho que não era tão diferente de me esconder em seu armário... era nossa forma de ficar longe de olhos curiosos, de perguntas, de pessoas vendo o que não deveriam.

Nunca falamos sobre isso, porque reconhecer que estávamos fazendo algo contra as regras, bem, isso teria deixado claro demais que era errado ficarmos juntos. Portanto, deixamos a verdade pairar ao fundo, sempre presente, mas nunca evidente.

Certa noite, estávamos deitados lado a lado em seu quintal, sob dois cobertores espessos, olhando para as estrelas lá em cima, enquanto a grama alta congelava e ficava áspera a nosso redor, e nossa respiração saía em lufadas brancas. Até Voldemort, com o pelo grosso, havia perdido a vontade de ficar do lado de fora e se recolhera para sua cama quente lá dentro.

Novembro. Estávamos nos aproximando cada vez mais do inverno, e, naquela noite, nem estávamos aninhados; seria ir longe demais. Mas estávamos tão próximos que nos tocávamos dos ombros aos quadris e nos tornozelos, e o calor de seu corpo se espalhava por mim.

Eu deveria ter ido embora uma hora antes. Sabia que meus pais estariam se perguntando aonde eu fora, mas não consegui lhe dizer. Tinha deixado o celular dentro de sua casa, no silencioso, então nem fazia ideia se eles haviam começado a ligar. Ficamos conversando por horas, e eu não me separaria de você de jeito nenhum.

Eu olhava para as estrelas enquanto ouvia o tom melódico de sua voz, lembrando-me dela naquele primeiro dia de aula, antes de ficarmos assim tão próximos, quando eu não era ninguém para você.

— Ela era... linda. — Seu tom era amargo e saudosos ao mesmo tempo. Você olhou para mim antes de voltar a observar as estrelas. — Não bonita como você... — acrescentou, deixando a frase no ar.

E, de alguma forma, não me senti insultada nem magoada. De alguma forma, em poucas semanas, eu me sentia segura, sabia que você estava deixando todo mundo de lado por mim enquanto esperava as semanas passarem. Além do mais, você a estava

elogiando como se fosse um defeito.

— Ela era como uma boneca de porcelana, ou como as estrelas. Bonita de se ver, mas intocável.

Puxei o cobertor até o queixo para afastar o frio que tomava conta de nosso pequeno paraíso.

— Ela era o tipo de garota que entrava em um lugar e todo mundo olhava. Eu sabia que não tinha a menor chance, então nem me aproximei, como todo mundo fez. Joguei sinuca e a ignorei. Mas aí... ela me desafiou a jogar uma partida. Jogamos durante seis horas e nunca terminamos esse primeiro jogo porque não conseguíamos parar de falar.

Eu não sabia aonde você queria chegar com a história, e ficava cada vez mais difícil ouvir sobre ela... sua linda ex-namorada.

— O que deu errado? — perguntei, depois de perceber que você tinha parado e que o silêncio reinava a nosso redor.

Eu esperava ouvir grilos, sapos, pássaros... mas estávamos bem no fim do outono, e a promessa do inverno afastava todos os animais.

— Moramos juntos por seis meses durante o último ano da faculdade. Fizemos muitos planos, sobre onde morar, onde trabalhar. Ela estudava moda, e ambos sabíamos que era um campo difícil fora de Nova York ou Los Angeles, então prometi me mudar para que ficássemos juntos. Mas ela ficou inquieta. Concluiu que não queria tudo que havíamos planejado e me abandonou.

— Sinto muito — falei. Embora não sentisse, não de verdade, porque, se tivesse ficado com ela, você não estaria comigo. — Quanto tempo faz isso?

— Pouco mais de um ano. — Você soltou um longo suspiro, e uma névoa branca surgiu acima de nós. — Cheguei em casa e o armário estava vazio, e ela havia deixado um bilhete na bancada. — Você riu baixinho, mas não achando graça de verdade, e sim com amargura. — Quer saber o que dizia?

Senti que você me contaria de qualquer jeito, então nem me mexi, só observei a constelação da Ursa Maior, acompanhei seu contorno com os olhos.

— *Por favor, cancele meu celular.*

— Hã? — perguntei.

De todas as coisas a dizer, aquela era a mais importante? Não

“adeus”, nem “vou sentir saudade”, mas “cancele o celular”?

Você mordeu o lábio por um momento, perdido em lembranças, e então respondeu:

— Tínhamos um plano de celular conjunto. Ela não queria mais.

Mas...

— É um adeus estranho.

— Significava mais do que simplesmente cancelar o plano. Era a forma de ela dizer que eu não teria mais como entrar em contato. Ela não queria que eu o fizesse.

— Que coisa fria.

— É. Pensei que ficaríamos juntos para sempre. Demorei um pouco para me sentir inteiro de novo.

Assenti, percebendo os tons disfarçados em sua voz, o ruído pesado no peito enquanto você falava e respirava e vivia, e me perguntei como uma garota era capaz de abandonar um cara como você.

— Pois é, eu sou assim. Posso ser meio apreensivo às vezes. Tem horas que parece que estou esperando puxarem meu tapete.

Você franziu os lábios e olhou para cima, e, quando o silêncio se prolongou, a culpa tomou conta de mim. Você foi magoado, e lá estava eu, bem a seu lado, com um grande segredo entre nós.

— E você? Já se apaixonou? — perguntou, e, na escuridão, encontrou minha mão e a apertou.

Tentei parar de pensar em como eu traía você de várias maneiras todos os dias, obriguei-me a acreditar em nosso amor, em sua capacidade de me perdoar e de escolher ficar comigo mesmo depois de descobrir minha verdadeira idade. A escuridão da noite e o cobertor nos cercavam. Meu cabelo estava espalhado no travesseiro que dividíamos, nossas cabeças estavam viradas uma para a outra.

Era comum, Bennett, que você me mantivesse literalmente à distância de um braço, tomando o cuidado de não me tocar, de não chegar perto demais. Você se continha. Mas naquela noite, enquanto pensava no antigo amor e observávamos o cobertor de estrelas, você permitiu que ficássemos deitados próximos, com as palmas das mãos se tocando.

E tudo isso só me fez querer mais, me fez enterrar aquele segredo mais fundo do que nunca.

Mais, mais, mais. Como eu sentia fome de você a cada palavra sua, a cada toque seu.

— Não — respondi simplesmente, embora tivesse sentido vontade de mentir, embora quisesse dizer que havia tido mil relacionamentos, provar para você que eu tinha idade suficiente, que era madura o suficiente.

Mas achei que não conseguiria fingir, construir o tipo de história que você contou, fazê-lo acreditar que houve mesmo outro cara, um cara perfeito e bonito que era ruim demais para ficar comigo, que não me merecia.

— É, é meio difícil quando ainda se mora com os pais — comentou você.

— Não vai mais demorar tanto assim — respondi.

Só mais uns dois anos.

— Não, não se sinta como se precisasse dar desculpas. A faculdade é cara. Saí daqui e fiquei quatro anos estudando, e morei em alojamentos até o último ano, mas ainda assim passei com meus pais todos os verões até me formar.

É, é caro. Principalmente quando o Enumclaw High School paga tudo.

— No primeiro ano depois que saí de casa, vivi à base de macarrão instantâneo, além de dividir apartamento com três colegas — acrescentou você, rindo. Eu me lembrei de uma foto sua em um bar e imaginei aquela vida, você morando com colegas e se virando. — Esta casa não é nada de mais, porém é um grande progresso. Quero comprá-la um dia. Gosto daqui. E poderia aumentar a casa.

— É um lugar legal. E todo mundo divide apartamento em algum momento da vida.

— Sim, mas éramos três... em um apartamento de dois quartos.

— Ah...

Eu ri, minha respiração saindo em nuvens brancas.

— Quer dizer, os quartos eram amplos, mas dividir quarto naquela idade?

— Um saco — comentei.

— É. Basicamente isso. Mas a vida continua, sabe? Costuma melhorar com o tempo.

Sorri na escuridão. Era engraçado como o tempo passava rápido

quando eu estava com você, escondida sob as estrelas, em um vale por onde o rio serpenteava, onde fazendas pontilhavam a paisagem, a monotonia era quebrada apenas por mansões enormes e uma ou outra casinha aconchegante. Eu construiria uma vida inteira para mim naquele vale.

— Você sempre quis ser professor? — perguntei.

O silêncio se prolongou, e me perguntei se havia invadido algo, cruzado um limite que não deveria.

— Sim — respondeu finalmente. — Meu pai... é um soldador brilhante, mas seu cérebro é igual ao de minha mãe, meio excêntrico, meio esquisito. Eu pedia ajuda com o dever de casa, e, apesar de construir aqueles enormes portões sob medida para casas de milhões de dólares, ele não conseguia conjugar um verbo nem isolar o “x” em uma equação matemática. E todas as vezes que eu pedia, via que ele ficava enlouquecido. Ele *queria* saber aquelas coisas, mas não sabia. E minha mãe... ela é tão talentosa quanto ele, só que...

— Só que nenhum dos dois tem esse tipo de inteligência — concluí.

— É. Isso me deixava maluco. Eles têm o tipo de inteligência do Einstein. Incrivelmente sagazes, mas pouco práticos. Tinham dinheiro no banco e as contas vencidas se acumulavam. Sempre busquei mais ordem, mais estrutura.

Dei uma risadinha baixa.

— O quê?

— Acho que meus pais são tão opostos a isso quanto possível. São meticulosos.

— Parece ótimo.

— É... — Procurei a palavra, considerando que havia tantas opções. — Um desafio — disse por fim.

Você apertou minha mão, virou-se para mim e, quando fiz o mesmo, nossos rostos ficaram tão próximos que nossos narizes estavam a uma respiração de distância. Quando expiramos névoas brancas, foi como se elas se espalhassem sobre nós. Mesmo depois de tudo que aconteceu conosco, ainda penso que aquele momento em seu gramado, na noite fria de outono, foi o mais íntimo que tivemos. O momento em que vimos um ao outro. Não me refiro a nossos corpos, mas a nossas almas. Vimos um ao outro de modo

emocional e íntimo, que não pode ser desfeito por outros relacionamentos, pelo tempo ou pela distância. Foi o tipo de intimidade duradoura que eu não queria ter com mais ninguém.

— Você não é como eles, é? — perguntou finalmente, encarando-me, sabendo que era uma afirmação e não uma pergunta.

Momentos se passaram, momentos em que suas palavras ecoaram em meus ouvidos.

Eu nunca havia falado para ninguém que não queria ser como minha mãe e meu pai. Muitas pessoas me davam tapinhas na cabeça e me chamavam de “miniatura” de qualquer um dos dois que estivesse presente. Muitos professores me comparavam a meu irmão, a quem tinham dado aula poucos anos antes.

Para eles, eu era uma Hawkins. Eu seria a pessoa que eles esperavam, nada mais, nada menos. Gabaritaria provas, tiraria de letra os exames finais, faria todos os deveres.

E você estava ali deitado, enxergando-me como outra pessoa.

— Não. Não sei que diabos eu quero — admiti, com o coração mais leve pela confissão.

— Nem deveria mesmo.

— Lá em casa, nunca passou pela cabeça de alguém que eu gostaria de ser outra coisa. É matemática ou medicina. MIT ou Harvard. É sucesso... ou você não é um Hawkins.

— Difícil de imaginar.

— Meu pai vive todos os dias se achando um fracassado, e garantir que eu seja bem-sucedida transformou-se em sua missão pessoal. Por outro lado, minha mãe tem tanto orgulho de como subiu na vida, já que teve uma infância bem pobre, que agora, com a oportunidade que estou tendo, ela simplesmente supõe que vou agarrá-la, como meu irmão fez. Eles sempre supõem...

— Às vezes ser ignorado é pior — comentou você, interrompendo-me.

Piscamos na mesma hora, e juro que nossos cílios quase se tocaram.

— É. É assim que me sinto. Como se todos soubessem que estou ali, mas tenho que ser um robô seguindo um rumo que eles traçaram há muito tempo. Só que eles nem sequer pensaram em perguntar como me sinto, em se certificar...

Parei de falar. Se certificar do quê? Do que eu quero?

— De que você quer fazer aquilo? De que não mudou de ideia nos últimos anos?

— É, basicamente. Como se estivessem tão concentrados na... *rotina* idiota. E se eu não quiser uma porcaria de rotina? E se eu quiser viver um dia de cada vez?

— Eles não entenderiam.

Um calor estranho formigou em mim.

Você entendeu. Você entendeu completamente.

— É. Eles surtariam e achariam que havia algo errado. Fariam mil perguntas. Diriam que era uma fase, que passaria. Cada vez que *penso* em dizer algo, percebo que é inútil, então apenas fico ali, quieta, vendo o tempo passar e nada mudar.

— Não é diferente de eu ser tão metódico, enquanto meus pais são o oposto — comentou você. — Quando alguém pensa de maneira diferente... apenas... é assim. Não tem como mudar.

— É enlouquecedor — comentei, e o desespero aumentou. — Às vezes tenho uns sonhos estranhos.

Você me puxou para perto, de forma que não ficamos de frente um para o outro. Em vez disso, você apertou o cobertor em nosso redor, e fiquei aninhada em seu corpo, com os lábios e o nariz aconchegados na curva de seu pescoço, uma perna enroscada nas suas e o calor de meu corpo se misturando ao seu.

Alguém poderia ter nos encontrado ali mil anos depois, e eu estaria feliz por estar no mesmo lugar.

— É sempre igual — disse eu, sentindo o sonho voltar. — Estou parada em frente a uma igreja. — Mordi o lábio inferior com tanta força que ficou desconfortável, e me obriguei a parar.

— E? — perguntou você quando o silêncio se prolongou, meu hálito quente em seu pescoço e meu nariz de repente esfriando por causa da noite gelada.

— Estou ali, com um vestido de princesa terrivelmente clichê, todo branco e com um véu na cabeça.

— E eu estou de pé na sua frente — acrescentou você, totalmente inexpressivo.

Apesar da intensidade do momento, eu ri e o cutuquei.

— Não. Não tem ninguém lá. O mestre de cerimônias fala sem

parar... fazendo votos e falando sobre amor... e *ninguém* nos bancos repara que estou sozinha ali, que o noivo nem sequer apareceu.

Você não respondeu, mas sua mão ficou acariciando minha região lombar de uma forma íntima, que me fez querer rolar, deitar em você, montar em você. Precisei de toda a força de vontade que tinha para não fazer aquilo.

— No meio do sonho, sempre arranco o véu e começo a gritar, mas todo mundo simplesmente segue adiante com a cerimônia em que me caso com esse cara que nem aparece.

— Sonho clássico — comentou você depois de uma longa pausa.

— Acha?

— Você quer controle, mas acha que não tem.

— É mesmo?

— Você nem escolheu o noivo no sonho. Todo mundo só esperava que você aparecesse em seu vestido branco, e você fez o que eles queriam.

— Mas é tão... óbvio.

Respirei fundo.

— Porque é verdade, certo?

— Ou talvez seja sobre amor, sei lá. É um sonho de casamento.

— Quem está nele?

— Hã?

— Nele, você reconhece alguém?

Trinquei os dentes, tensa, ao visualizar o sonho.

— Meu pai. E minha mãe. E estranhamente... meu irmão é quem celebra.

— Por que seu irmão estaria no sonho?

— Não sei. Ele sempre foi bom em me botar para cima. Acho que, sendo meu casamento, ele iria querer falar o tempo todo, ficar de alguma forma no centro das atenções. Além disso, sei lá... Ele está sempre no controle de tudo.

Você riu, e pareceu que tudo que eu havia falado era idiotice, estupidez. Mas ainda assim não me fez sentir burra por tudo que falei.

— Sabe...

Você se virou para mim, como eu havia me virado para você, e passou os braços a meu redor, e ficamos completamente entrelaçados, nossas respirações emaranhadas em névoas brancas

geladas.

— Chega uma hora em que você decide ser você mesma.

— Para você, é fácil falar — murmurei.

— Não é. Não é fácil. — Sua voz soou delicada e indulgente.

— É mesmo? — perguntei, surpresa.

— Não é fácil para ninguém romper com os costumes. Mas é nesse ponto que você se encontra.

— Dito por um homem que sabe tudo — acrescentei, em parte para desviar o assunto de mim, em parte porque queria muito saber mais sobre você.

— Ah, meu Deus. Eu não diria isso.

Você riu e seu hálito esquentou minha pele, um contraste acentuado com a noite gelada, a noite que havia ficado tão mais escura enquanto eu estava com você.

Eu deveria ter ido embora horas antes. Deveria estar em casa naquele momento, na cama ou à mesa de jantar... ou seja lá onde fosse apropriado àquela altura. Eu nem sequer sabia as horas, e não perguntei, não consegui me desvencilhar de você para atravessar o quintal e olhar o celular.

— Você vai chegar lá — disse você por fim. — Eu também não tinha muita certeza do que queria quando entrei na faculdade.

Mas eu sabia que você tinha dezoito anos, talvez dezenove, na época.

— Você só precisa se distanciar um pouco. Precisa de um pouco de perspectiva.

— A capacidade de viver longe de uma sombra gigantesca — continuei, mas estava murmurando, sentindo sono enquanto falava próximo a sua pele, aconchegada a você, sentindo a camiseta macia e surrada e o tecido áspero da calça jeans contra a minha calça cáqui.

— Exatamente. É preciso distância. Ninguém trabalha em uma escultura sem se afastar para dar uma olhada. A vida é assim.

— Você é inteligente demais para mim — comentei baixinho, de olhos fechados, dando boas-vindas ao calor de sua pele e à forma como se misturava a mim, encontrava o caminho por debaixo de minhas roupas e me atraía para perto de você.

— Melhor entrar antes de congelarmos — comentou você depois

de um longo silêncio.

— Hummm — respondi.

Sabia que não podíamos ficar ali fora a noite toda. Estaríamos tremendo em menos de uma hora, e não havia como eu me safar de... desaparecer uma noite inteira.

Mas quando eu estava encostada em você, com minhas pernas nas suas, seu braço a meu redor, sua mão deslizando na pele macia de minhas costas, seus lábios repousados na pele de meu pescoço, cientes daquilo, controlando-se para não me beijar... Ah, meu Deus, era impossível pensar no dia treze de dezembro, impossível lembrar por que não estávamos nos beijando, por que eu não podia chegar ainda mais perto, por que não podia ficar deitada, enroscada em você, por que não podia abrir os lábios e inclinar a cabeça para o lado e beijar você.

Eu queria muitas coisas naquela noite, mas teria me contentado com um beijo.

*

NO DIA SEGUINTE, após mais duas horas de biologia, nas quais ouvi sua voz perfeita, voei pela porta de casa e subi a escada. Ao virar no corredor, dei um encontrão em Trevor.

— Ah! — exclamei e cambaleei para trás, na mesma hora em que ele segurou meu casaco para que eu não caísse pelos degraus atrás de mim. — Desculpe, eu estava desatenta.

Comecei a passar por ele, mas parei ao reparar em sua calça de moletom e na camiseta velha.

— Por que está vestido assim? Não ia para o estágio chique hoje? — Cerrei os olhos. — Espera... não é em Seattle? Como já está em casa?

— Hã, não... — respondeu ele, mas as palavras morreram, e parecia mais que ele estava me perguntando, não me contando.

Tirei o casaco porque lá em cima, perto do teto abobadado e com vista para o primeiro andar, o calor de nosso forno a lenha era insuportável.

— Você está escondendo algo de mim.

— O que faz você pensar que estou escondendo alguma coisa? — perguntou ele, dando um passo para trás e indo para o quarto.

Eu o segui e fiquei parada à porta enquanto ele se sentava na cama.

— Não está gostando, ou algo do tipo? — perguntei.

Observando o quarto dele, reparei nos jogos de Xbox espalhados pelo chão, no monte de roupas sujas e meias jogadas e no prato de nachos pela metade. Havíamos comido nachos duas noites antes. Eca.

— Ah, não sei — respondeu ele, fitando o teto.

— Bem, se não sabe, não deveria talvez estar lá agora, decidindo o que acha daquilo? Às vezes só é chato por causa das orientações e treinamentos e...

— Esse estágio não existe — interrompeu ele, sentando-se na cama. — Inventei para não precisar contar para nossos pais que estava indo mal em Harvard.

Meu queixo caiu e fiquei olhando para ele... meu irmão perfeito com notas perfeitas, agora cercado de jantares velhos e roupas sujas

e...

— Como isso é possível?

— Não sou inteligente como você — respondeu ele, com resignação e amargura na voz.

Franzi a testa.

— Você se formou no ensino médio com notas praticamente perfeitas o tempo todo.

— É, praticamente perfeitas, não perfeitas *de verdade* como você, e minhas aulas não eram nem avançadas. E você faz ideia de quanto tive que dar duro para conseguir essas notas? Para provar que era capaz? Não é fácil para mim como é para você. É como se eu fosse um pino quadrado tentando me encaixar em um buraco redondo a cada segundo do dia. E isso funcionou no ensino médio, mas Harvard é diferente. Aposto que nem teria entrado se minha mãe não fosse ex-aluna. Quando você está lá, não dá para enrolar. Ou você é bom ou não é. E eu não sou.

— E aí? Você simplesmente não vai voltar?

Ele deu de ombros e olhou para mim com uma expressão tão perdida que, de repente, me senti a irmã mais velha, e não quatro anos mais nova.

— Você já está lá há dois anos. É claro que tem capacidade — disse eu.

Ele se deitou na cama de novo, com as pernas para fora. Um bom tempo passou, mas nenhum de nós falou coisa alguma. Eu não sabia o que dizer, e ele não *queria* dizer nada.

Um carro passou lá fora, o amortecedor engasgando.

— Por que você faz isso? — perguntei.

— O quê?

— Tenta ser uma pessoa que não é.

Eu me encostei na moldura da porta e esperei.

— Porque é quem eu *quero* ser. — Ele entrelaçou os dedos no peito e apoiou os cotovelos na cama. — Bem-sucedido, como minha mãe, sabe? Eu gosto de matemática e de engenharia. É fascinante. Só não consigo acompanhar.

As palavras dele ecoaram em meus ouvidos, e a terrível ironia da situação tomou conta de mim. Por isso eu ri, com uma risadinha baixa a princípio, mas depois uma gargalhada alta e longa, inclinando-me e

segurando o estômago. Ele levantou a cabeça e me observou com uma expressão estranha. Então, revirou os olhos e apoiou a cabeça na cama.

Deslizei pela parede e chutei um copo de refrigerante que estava no caminho. Fiquei sentada ali até recuperar o fôlego.

— Vamos ver se eu entendi: você quer ser inteligente como eu para se tornar minha mãe.

— É. Eu jamais conseguiria fazer o Running Start. Você está muito à frente de onde eu estava.

— E eu nem quero isso — disse eu, chocada com minha sinceridade.

Ele ergueu a cabeça de novo e me olhou, a perplexidade tomando conta de seu rosto.

— O quê? Por que não?

— Odeio isso tudo. Lembra-se daquela parte de *Titanic* em que Kate Winslet diz que conseguia ver a vida que a esperava, uma festa chata atrás da outra? É assim. É só trocar festas por provas, relatórios, projetos. Matemática, muito tempo indo e voltando do trabalho...

— Ela projeta malditos *aviões*. Não tem nada mais legal do que isso.

— Tem que ter — retruquei com convicção.

— Então, o que você quer?

— Não faço a menor ideia. Não entendo por que todo mundo acha que uma garota de dezesseis anos precisa ter tudo decidido. Só sei que é... outra coisa. Algo além disso. Algo que ninguém imagine. Uma trilha que não tenha sido aberta por minha mãe nem...

— Por mim.

Assenti.

— Idiotice, não é? Nem sei que caminho percorrer. Só não quero seguir vocês.

— Não é idiotice — disse ele, surpreendendo-me.

— Mas parece. Duas semanas atrás, meu pai queria que eu decidisse no que me formaria, para eu planejar as matérias nos próximos anos. *Agora*.

— E o que você disse?

— Nada.

— Caramba, Madd, não vivemos nos anos 50. Você tem opções. Diga a ele o que quer.

— Não sei o que quero — disse eu, fervendo de frustração. — Essa é a questão. É como quando falei para minha mãe que queria parar de fazer balé, e ela me disse que, se não fosse balé, teria que fazer outra coisa. Só que eu não tinha outra ideia. Então, fiz balé por mais três anos até decidir que violino parecia mais divertido.

— E quando largou o violino...

— Ela me fez ir para o futebol, embora eu não seja nem um pouco atlética. Você a conhece. A configuração padrão tem que ser *alguma coisa*, e nunca *nada*. Então, se não consigo decidir o que fazer, por que não seguir o caminho normal?

— O caminho normal é o ensino médio. Você está na faculdade.

Encostei a cabeça na parede e olhei para um pedaço de Doritos no tapete.

— Eu sei, mas é tudo parte de um plano maior. Eu me formo e consigo um diploma tecnológico, estudo na Universidade de Washington por dois anos, termino o bacharelado aos vinte anos e o mestrado aos vinte e dois. Arrumo um emprego incrível. Deixo minha mãe orgulhosa. É como ver tinta secar. E não é nem uma pintura original, mas uma daquelas que são pintadas contornando os números.

— Você está realmente reclamando de ter todas as opções do mundo a seus pés, mas não querer nenhuma? — disse ele, mudando de tom de repente.

Ergui o olhar com surpresa e vi que ele estava sentado de novo, não mais tranquilo ou perturbado, apenas... irritado.

— Bem, na verdade, não é bem assim. Não estou tentando reclamar...

— Você sempre foi a preferida — acrescentou, levantando-se tão rapidamente que a cama rangeu.

Então ele saiu pela porta e desceu a escada antes de eu entender o que tinha acabado de acontecer, o que eu falara para irritá-lo.

*

PASSEI QUATRO HORAS trabalhando em seu bolo de aniversário, que ficou perfeito.

Decorei com glacê de manteiga. Não sabia como fazer aquilo até meras seis horas antes, mas aprendi, graças ao Google e a alguns sites de receita.

Foi assustador comemorar seu vigésimo sexto aniversário. Antes dele, tínhamos nove anos entre nós.

Nove.

Mas naquele dia, em apenas um dia, eles se transformaram em dez. Dez anos nos separavam. Daria no mesmo se fossem cem, considerando todo o medo que tomou conta de mim naquela tarde enquanto misturava, batia e assava.

Quando desliguei o forno, mamãe entrou.

Mamãe.

Entrou.

O pânico me espremeu como um alicate enquanto ela caminhava e os passos soavam pelo piso, e minha mente trabalhou desesperadamente em busca de uma explicação. Graças a Deus eu já havia decidido acrescentar a decoração apenas quando chegasse à sua casa, quando eu escreveria *Feliz aniversário, Bennett*.

Por isso não havia nada escrito no bolo quando ela chegou, sorrindo daquele seu jeito um pouco falso, daquele jeito que indica que está agindo automaticamente, e não sentindo as emoções de fato.

— Oi — disse ela ao passar e pendurar a bolsa, mal olhando para mim. — Como vai?

— Bem — respondi enquanto lavava a tigela, a que ainda estava coberta de massa.

— Tem alguma coisa cheirando bem — comentou ela, ajeitando para cima o cabelo em forma de capacete, como se para deixá-lo da mesma forma de quando saiu de casa mais cedo. Ela parecia cansada. O cabelo me fez pensar em um casco de tartaruga, feito para protegê-la, para criar uma aparência forte e resistente.

Mas não funcionou, e ela só parecia cansada.

É estranho como, naquele momento, percebi que a perfeição de

minha mãe não era tão lustrosa, tão cintilante, tão perfeita. Talvez ela achasse que sabia o que queria, mas às vezes isso mudasse.

Talvez ela não tivesse cada pedacinho de sua vida tão bem-resolvido.

Conforme sorria para mim com o batom manchado, não pude deixar de me questionar se não estávamos todos fingindo. Se talvez eu, meu irmão, você, ela... se não estávamos nos esforçando, descobrindo as coisas aos poucos.

— O bolo parece incrível — disse ela, finalmente, saindo da cozinha.

Desejei ter guardado o restinho da massa para fazer cupcakes para minha família.

— É para Katie — menti.

De novo. Como sempre. De alguma forma, tinha se tornado normal. Eu mentia para eles, mentia para você... talvez às vezes tenha mentido para mim mesma.

— Ah...

Ela fez uma pausa e olhou para mim, seus olhos com rímel em excesso parecendo... cansados. Esgotados.

— Você está bem? — perguntei, surpreendendo não apenas a mim mesma, mas a ela, que hesitou ao pé da escada, encontrando-se despreparada diante de minha pergunta.

— Estou. Cansada, sabe? Estamos com prazo apertado. Mas isso é bom... — A voz foi morrendo, e o momento se prolongou. — E você? As aulas e tudo o mais vão bem?

Assenti e me senti estranhamente... aliviada. Por ela ter perguntado. Por ter aproveitado o momento.

— Estou indo bem.

— Que bom. Porque... sei que estou ocupada, *muito* ocupada, mas...

Tive vontade de completar, de preencher a lacuna... mas não falei nada. Apenas fiquei olhando.

— Ah, você sabe — concluiu ela, sem jeito.

— A-hã — murmurei, voltando-me para o forno.

— Está certo. Bom, desço daqui a pouco — completou, desaparecendo escada acima.

— Está bem — sussurrei para o rosto inexistente dela.

É claro. Eu sabia onde encontrá-la. Sempre soube.
Talvez um dia ela me encontrasse.

*

OS PRIMEIROS DIAS de dezembro foram os mais difíceis, conforme nos aproximávamos da fatídica noite. Por vários motivos. Eu queria tocá-lo, ficar perto de você, senti-lo.

O rio estava frio demais, então passávamos muito tempo entocados em sua casa. Naquele dia, você estava de um lado da mesa, corrigindo os trabalhos de uma de suas outras turmas. Havia insistido que não corrigiria nada da aula que eu fazia na minha frente, como se isso me fizesse deixar de ser sua aluna, impedisse essas duas partes de nossas vidas de se chocarem em uma explosão catastrófica.

Eu queria memorizar sua aparência naquele instante, o jeito como seu cabelo caía nos olhos (havia crescido ao longo do trimestre), a luz da tarde cintilando levemente em sua barba por fazer, os lábios se fechando ao redor da borracha na ponta do lápis vermelho que você mordia.

Em silêncio, peguei o celular só para tirar uma foto sua.

A foto que acabaria nos separando.

Coloquei o celular na mesa e, quando ele bateu no carvalho, você ergueu o olhar e me observou por um segundo antes de soltar o lápis.

— Semana que vem — disse você.

— Hã? — perguntei.

Meus pés estavam apoiados na terceira cadeira, a que ficava entre nós. Era a única maneira de permanecermos sentados sem nos distrairmos. Você havia preparado para mim um prato de frango com arroz que ainda estava no forno, e o aroma invadia a cozinha.

Certa vez, você disse que era péssimo cozinheiro, mas estava sendo modesto. Eu teria jantado feliz com você todas as noites. Queria cozinhar a seu lado um dia, passar talheres para lá e para cá, procurar temperos, talvez até fazer as compras e marcar nossos pratos favoritos naquele velho livro de receitas que você tinha.

— As provas vão acabar — continuou você, com a intensidade brilhando em seus olhos ao me observar. — Na sexta.

— Ah — disse eu, e meu coração disparou.

Semana que vem.

Treze de dezembro. O dia em que finalmente nos beijaríamos.

O dia em que eu teria que lhe contar a verdade.

É possível esperar um dia com uma ansiedade constante e esmagadora... e temê-lo quase na mesma proporção? Era como o momento no topo da montanha-russa, quando seu coração sobe para a garganta e você fica extasiado ao pensar na descida, mas também aterrorizado.

— Eu estava pensando... — Você pousou a caneta na mesa e se recostou na cadeira. — Uns amigos meus têm um chalé na montanha Crystal. Achei que podíamos usá-lo. Comprar comida e chocolate quente, sei lá, acender a lareira, passar a noite...

Minha boca ficou seca e o frio na barriga virou uma bola de neve, depois uma avalanche, e me senti eufórica e enjoada ao mesmo tempo.

Um beijo.

Tudo que sempre desejei foi um beijo.

Durante todas essas semanas, havia pensado muito naquele momento em High Rock, quando você me prometeu um beijo...

E não cheguei a pensar no que aconteceria depois. Estava tão concentrada, surtando com a perspectiva de lhe contar que tinha dezesseis anos, que não me permiti sonhar com nada que viria depois desse dia.

Foi a única vez em que me senti uma garotinha ingênua perto de você, Bennett. Naquele momento, percebi que você queria que passássemos a noite juntos. Uma noite inteira sozinhos em um chalé, sem ninguém para incomodar.

Garotas mais velhas, garotas de dezoito anos, normalmente já tinham essa experiência. Sabiam o que queriam e se sentiam à vontade com isso. E, apesar de ter lhe contado que nunca havia me apaixonado, parte de mim achava que você presumia que eu tinha *alguma* experiência. Eu não sabia se seria capaz de contar que não, que nunca tinha dado nem uns amassos.

Não achava que você me julgaria, mas não queria que isso mudasse sua maneira de me ver. Não queria lhe dar um pretexto para recuar, inclinar a cabeça para o lado, olhar para mim *de verdade* e finalmente ver as rachaduras na fachada.

Não queria que você chegasse *a ponto de me* perguntar *Mas*

quantos anos você tem... de verdade?

— Quer dizer, não sei se seus pais... — Você parou de falar.

Queria evitar o assunto tanto quanto eu, mas precisava falar, porque você sabia que eu morava com eles, e não no minúsculo alojamento do *campus*.

— Eles não são meus carcereiros — comentei, afastando suas preocupações como se aquilo fosse assim, tão simples. — E parece incrível. Eu adoraria. Com uma condição.

— Qual?

— Que você faça um boneco de neve para mim.

E foi assim que concordei em ir para a montanha com você, Bennett.

Se eu soubesse quanto tudo já teria mudado ao voltarmos...

*

A SEMANA DAS PROVAS FINAIS se arrastou por uma eternidade. O pior de tudo foi que a prova de biologia foi aplicada na quarta, único dia em que vi você, e nem tivemos oportunidade de conversar. Fiquei confiante de ter passado, e sem a sua ajuda, mas o trimestre só acabaria na sexta. Portanto, nas quarenta e oito horas até nossa escapada eu não o vi, não nos falamos.

Mas pensei em você.

Comprei perfume e a roupa perfeita, e me perguntei várias vezes que diabos estava fazendo. E, apesar de não conseguir responder com precisão, sabia que não recuaria de jeito nenhum. Eu tinha que vê-lo outra vez, tinha que beijá-lo e tinha que lhe contar a verdade.

Avaliando friamente, era um simples processo de três etapas:

Ver você.

Beijar você.

Contar para você.

Mas quando a noite finalmente chegou e me sentei em sua picafe, com os nervos à flor da pele, foi difícil não imaginar cada possibilidade de resultado desastroso quando você soubesse a verdade sobre mim.

Eu não queria que você sentisse nojo. Nem decepção. Não queria que ficasse zangado a ponto de me largar no chalé e simplesmente ir embora.

Mil cenários surgiram em minha mente como uma horrível sequência de erros, tão claros que eu me veria perdendo você e desmoronando. Quando chegamos ao chalé, meu nervosismo se multiplicara e revirava meu estômago, mas não consegui tirar os olhos da casa, do lugar em que o beijaria e lhe contaria, o lugar em que você descobriria a verdade.

O chalé era tudo que eu havia imaginado. Feito de troncos, mas pequeno e modesto, como se realmente fizesse parte da floresta, em vez de ser um refúgio luxuoso, como os mais próximos de Crystal, cujas diárias custavam quatrocentos dólares por noite.

Você parou a picafe perto da porta lentamente, como se receasse que ela pudesse derrapar na neve e no gelo. Dei um sorriso nervoso enquanto você a colocava em ponto morto.

Dia treze de dezembro. Todo aquele tempo fazendo contagem regressiva, obcecada, e ali estávamos eu e você, sem nada entre nós. Os pensamentos, os medos, a esperança... tudo girava em minha cabeça, em meu estômago, em meu coração.

Você abriu sua porta e, antes de eu pensar em abrir a minha, estava lá, puxando a maçaneta. Quando ela abriu, levou junto tudo que havia na cabine, meus medos e meu nervosismo, porque ali estava você, em pé do lado de fora, encarando-me, pronto para mim. E parecia tão certo que me obriguei a abandonar o medo e me agarrar à esperança.

Embora houvéssemos passado doze semanas nos conhecendo, de certa forma parecia que aquela seria nossa primeira noite. Como se tivéssemos acabado de nos ver você estivesse me cortejando à moda antiga. Eu não conseguia controlar o frio na barriga, mas agora era de um jeito bom, de um jeito que tornava impossível não sorrir para você.

Antes que eu me movesse, você se inclinou para dentro da cabine da picafe, como se fosse soltar meu cinto de segurança. Mas, quando seu corpo cruzou com o meu, você parou e inclinou o queixo em minha direção, até nossos narizes estarem a centímetros de distância, até ficar impossível respirar.

— Esperei mais de dois meses por isso — disse você, aproximando-se até a distância entre nós se reduzir a centímetros.

Fechi os olhos, esperando, esperando que seus lábios tocassem os meus. O barulho do clique me trouxe de volta à realidade quando você soltou meu cinto de segurança e se afastou, dando-me o ar de que meus pulmões precisavam desesperadamente.

— Mas é melhor entrarmos primeiro...

Abri os olhos e fiquei completamente corada ao perceber que você estava me ajudando a sair da picafe, e não se inclinando para me beijar. Quase sem conseguir falar, assenti e descí. A camada de neve estava maior do que eu esperava, e quando meus pés afundaram nela, eu tropecei e caí em sua direção. Você segurou meus cotovelos e me ajudou a levantar, e minha bota por pouco não foi arrancada do pé.

— Obrigada — disse, ofegante, enquanto me apoiava em você.

Você estava com sua jaqueta grossa de couro, a que às vezes

pendurava na sala de aula, e botas de neve na altura das panturrilhas. Minhas botas eram patéticas para a neve, e parecia que minhas pernas seguiriam direções diferentes a qualquer segundo.

— Vou pegar nossas coisas. Vamos ter que acender a lareira, ou vamos congelar — comentou você com voz rouca.

Eu conseguia pensar em outra forma de nos aquecermos, na qual você tinha que estar pensando no momento em que sussurrou em meu pescoço. Mas você não expressou essas ideias nada cavalheirescas, então as guardei para as visões que pairavam em minha mente.

Visões que me enchiam de nervosismo e empolgação até parecer que eu mal respirava sem me sentir trêmula.

Você segurou meu cotovelo para evitar que eu caísse enquanto me conduzia à grande porta de carvalho do pequeno chalé. O telhado estava tão coberto de neve que eu não fazia ideia de qual era a cor dele ou de que era feito. A nosso redor, os cedros e abetos se erguiam tão altos e volumosos que eu não via nenhuma outra casa nem a estrada por onde havíamos chegado. As árvores deviam ter quarenta ou cinquenta anos, cobertas com tanta neve que envergavam, como se a qualquer momento fossem se livrar do peso nelas e suspirar de alívio.

Mas, acima de tudo, foi no silêncio que reparei. Não havia pássaros cantando, chuva caindo no telhado, ou carros passando na autoestrada 410, provavelmente porque alguns quilômetros abaixo os portões estavam fechados e a passagem, bloqueada durante o inverno, completamente inacessível.

— É lindo aqui — comentei ao entrar a seu lado, cruzando a porta da frente.

— É, também acho. Moraria aqui se pudesse. É tão silencioso... sereno... Não consigo imaginar o paraíso como um lugar na praia, sabe? Poderia ser aqui.

E, estranhamente, tive que concordar. Porque, para mim, o paraíso era onde quer que eu estivesse com você da forma como desejava. E se fosse um chalé tranquilo coberto de neve, então estaria mesmo no paraíso.

Você enfiou uma chave velha na fechadura, girou-a, e a porta se abriu, revelando nada mais que um interior escuro e cheio de

sombras. Alguns movimentos de sua mão e as antigas lâmpadas fluorescentes se acenderam, zumbindo baixinho.

O chalé era pequeno e rústico, mas exatamente o que eu havia imaginado. Um sofá de madeira rústico, mas relativamente novo, estava encostado em uma parede, bem em frente a uma TV antiga. Atrás dela a sala virava cozinha, o tapete dava lugar ao linóleo. A cozinha era pequena, do tamanho certo para uma escapada, boa para fazer sanduíches ou salada de macarrão ou cachorro-quente, mas apertada demais para o dia a dia. Havia uma pequena ilha central e pequenos armários em forma de L em duas paredes, com um fogão em um dos lados.

O teto era um pouco baixo, mas o local era decorado exatamente como deveria, com plaquinhas adoráveis de pistas de esqui. Obviamente não eram autênticas, como as de Crystal, mas daquelas que se veem no Applebee's ou em algum outro chalé, feitas para parecer velhas com bordas de tinta rachada ou com tinta branca meio gasta.

O quadro pendurado acima do sofá mostrava uma garota com uma roupa de esqui gigantesca, com os bastões parcialmente erguidos como se ela estivesse prestes a cair, o cabelo louro pintado e chamativo todo desarrumado e aquecedores de orelha que, de alguma forma, preservavam seu calor corporal.

Do outro lado da sala, acima da TV, havia uma tela com uma foto aérea do monte Rainier. Não era um objeto caro, mas dava um belo toque.

— Isso é incrível — disse eu, aproximando-me da foto e fitando-a. — Eu queria ser corajosa o bastante para esquiar aqui. A sensação deve ser intensa.

Intensa. Como seria a noite entre nós.

— Não é? Meu amigo já fez snowboard em uma parte desse caminho.

— Uau. Que intenso! — exclamei e senti vontade de dar um tapa em mim mesma por repetir “intenso” em menos de trinta segundos.

Você percebeu quanto eu estava nervosa? Enquanto tagarelava sobre nada, tentando preencher os espaços desesperadamente e agir de forma descontraída?

Eu estava exagerando.

— É. Poderíamos esquiar daqui a algumas semanas, quando as rampas se abrirem. Não no monte Rainier, mas aqui, em Crystal. Sei esquiar direitinho. Vou bem nas pistas intermediárias e em algumas das avançadas, como a pista Rex. Seria divertido.

Meu coração flutuou com a ideia de fazermos planos para depois daquela noite. Eu havia passado muito tempo pensando no dia treze de dezembro. Nove semanas antes, em High Rock, você encostou a testa na minha e tudo que disse foi *não posso*, e só pensava em *mas eu quero*. E naquele momento estávamos ali, e eu sabia, pela forma como você agia... com a tensão quase palpável ao destrancar a porta, acender as luzes e pegar nossas coisas...

E ali estava você, planejando o que faríamos juntos *depois*.

O que faríamos no dia seguinte, na semana seguinte, durante o inverno.

Você nos via juntos. Por bem mais tempo do que uma noite.

Você nunca quis que eu fosse um caso, queria que fosse sua namorada. Queria que eu fosse sua, assim como eu queria desesperadamente que você fosse meu.

Sentei-me na beirada do sofá enquanto você acendia a lareira, e percebi naquele momento quanto o chalé estava frio. Olhei ao redor, mas não vi termostato.

— Não demora para aquecer, e até lá tenho certeza de que vamos ficar bem — disse você, com um sorriso meio torto, como se não quisesse ser ousado demais, pretensioso demais.

Também havia nervosismo de sua parte. Porque aquela noite não era algo casual, algo do qual faria pouco caso.

Você havia pensado, criado expectativa e planejado. Não de um jeito esquisito, mas romântico. Você se importava comigo e queria que tudo fosse como eu desejava. Talvez, quando eles lerem isto, as palavras passem a impressão errada. Como de um programa de TV em que um cara planeja sua aproximação de uma garota. Mas não foi assim.

Nunca foi assim. Não entre nós dois.

— Eu aguento — falei, como se eu fosse a chalés no alto da montanha com trajes de neve todos os dias.

Quando você acabou de preparar a lareira, eu já havia tirado e espalhado nosso lanche na mesa, como um bufê de Las Vegas, com

batata frita e pastinha e petiscos e cenourinhas e biscoitos e um milhão de coisas não relacionadas, mas que nós dois adorávamos.

Então nos sentamos e comemos e conversamos.

E conversamos.

E conversamos.

Conversamos a noite toda, até adormecermos bem ali, sob a luz da lareira, e nem sequer nos beijamos.

Amo você para sempre,

Madelyn

Querido Bennett,

Precisei começar uma segunda carta, não endereçada a eles.

Aquela última parte foi mentira, e nem sequer uma das boas. Você provavelmente rirá ao ler. Mas quando escrevi tudo, até a última página, foi por um motivo, sabe?

Eu ia mandá-la para a delegacia para limpar seu nome. Para mostrar que você foi honrado, que você foi a vítima, que não me condicionou, não me envolveu com o objetivo de fazer eu me apaixonar por você. Essas foram as palavras que eles usaram ao falar comigo. Palavras feias que pareceram lixo. Palavras que me revoltaram. Enojaram.

Eles não entenderam o que fomos.

Mas, no fim das contas, escrever aquele final falso talvez não faça diferença alguma, então simplesmente escreverei o resto da história. Porque não consigo suportar o fato de ter escrito tantas páginas de verdade e terminar tudo com uma mentira.

Não arrumei um piquenique de mentira enquanto você estava acendendo a lareira. Apenas fiquei sentada observando.

Suas mãos eficientes prepararam a lareira rapidamente. Você arrumou uma espécie de tenda de madeira e acendeu a chama, não muito diferente do calor que crescia em mim. Quando o fogo surgiu, a chama que me incendiava cresceu e virou um inferno. Não me afundei no sofá, como fiz uma vez em sua casa, porque cada terminação nervosa de meu corpo estava alerta. Segundo após segundo, seguíamos para um ponto sem retorno.

Cada dia que passei com você, cada palavra que dissemos, cada toque inocente — estávamos sendo conduzidos àquela noite, à noite em que você me beijaria.

Mas o que você precisa saber, o que todo mundo precisa saber, é que, no momento em que você estava de costas para mim enquanto alimentava o fogo, inclinando-se e soprando e cutucando a lenha, fazendo uma pequena chama crescer até virar uma fogueira ardente, eu tive tempo.

Tive tempo de contar a verdade.

Tive tempo de confessar.

Tive tempo de olhar para você e dizer que não, eu não podia fazer aquilo, que eu não era quem você pensava, que dar mais um passo poderia nos levar ao desastre.

Fui eu, Bennett, quem deixou tudo isso acontecer. Era eu quem tinha todas as informações. Pensei em tudo e segui em frente mesmo assim, deixando-o em uma situação da qual você nunca seria capaz de se recuperar.

Eu desejava o que sabia que viria em seguida. Estava desesperada para finalmente beijá-lo, e, para mim, aquilo significava mais do que qualquer coisa que eu já tivesse vivenciado. Queria saber como seria estar com você sem haver mil coisas entre nós.

Certa vez, prometi a mim mesma que você saberia a verdade naquela noite. Treze de dezembro, o dia pelo qual esperávamos. Antes de qualquer coisa séria acontecer, eu confessaria tudo. Mas enquanto estava ali sentada, imaginando como falaria, as palavras simplesmente não ganharam forma. Passaram por minha cabeça milhões de maneiras de lhe contar:

Tenho dezesseis anos, poderia soltar de repente.

Na verdade, ainda estou no ensino médio, diria.

Você sabe o que é o Running Start?, perguntaria.

Mas conforme o fogo foi aquecendo a sala com seu brilho alaranjado, não falei nenhuma dessas coisas. Apenas o observei se afastar, pôr nossas mochilas na pequena ilha central na cozinha, de costas para mim, com os ombros aprumados na jaqueta. E, então, como se tivesse ouvido meus pensamentos, você se virou, atravessou a sala à minha frente e pendurou a jaqueta em um gancho no qual eu não tinha reparado, perto da porta.

Eu não estava de casaco e tremi um pouco, e você sorriu para mim, como se já soubesse de tudo.

Então, um instante depois, estava a meu lado no sofá, e seu calor me envolveu como um cobertor quente, não invadindo nem dominando, apenas... perfeito e reconfortante.

— Nem consigo dizer quanto pensei nisso... — sussurrou você, e seu hálito quente em meu ouvido era intenso de uma forma que eu não esperava.

Inclinei-me em sua direção, derretendo-me.

Seus lábios roçaram minha orelha, de leve no começo, depois você prendeu a ponta entre os dentes e a mordiscou de uma forma que me deixou fervendo, que me fez estalar e arder como o fogo na lareira, já incrivelmente quente... ou talvez fosse eu, esquentando de dentro para fora.

— Meu Deus, eu quero você — sussurrou então, e com essas cinco palavras eu já era sua.

Qualquer pensamento de contar a verdade se desfez em algum ponto no fundo de minha mente.

Eu me recostei no sofá e o puxei comigo, e você respondeu à altura caindo sobre mim até ficarmos quase deitados. Mas então você pareceu ter uma ideia melhor e meio que se levantou, puxando-me até estarmos de pé, cambaleantes, eu contra seu corpo, nós mais instáveis do que nunca.

— Venha comigo — chamou você, e eu nunca tinha ouvido sua voz tão rouca daquele jeito.

Eu teria seguido aquela voz a qualquer lugar. A voz que fazia meu estômago se contorcer e minha pele esquentar.

A forma como você segurou minha mão naquela noite não foi a de sempre. Era mais quente e firme, e me puxou de um jeito que transmitia urgência. Não resisti.

Em um instante havíamos atravessado a sala e eu estava em um quarto, um local onde a única luz vinha do reflexo da neve branca lá fora. Isso dava ao cômodo um brilho romântico, suave, sereno, pálido. Não era possível criar tal efeito, e parecia um cenário de filme, perfeito para a noite.

Fiquei lá parada, meio constrangida por um momento, os batimentos cardíacos descontrolados, até sentir suas mãos nas minhas de novo, depois em meus quadris, depois seus lábios nos meus, famintos, desesperados.

Então nos beijamos da forma pela qual ansiei por semanas, na varanda em High Rock, enquanto olhávamos para o mundo lá embaixo e você me negou o que eu mais desejava.

Naquela noite você me deu. Por fim, você me deu.

Você foi com tudo para cima de mim, faminto, tocando, sentindo, explorando, necessitando, e correspondi de todas as formas. Aquela

chama que brilhou e queimou e cresceu dentro de mim virou um incêndio de grandes proporções, e eu estava pegando fogo.

Você beijou tudo, bochechas e queixo e lábios e pescoço e clavícula, e não me impedi de explorar vorazmente sua pele enquanto fazia o mesmo, até que um colchão bateu na parte de trás de meus joelhos, eu caí de costas, e você veio junto. Então deitou-se sobre mim, com a fome de sempre, beijando, tocando, acariciando, e deslizou as mãos por baixo de minha camisa.

Naquele momento, não havia mais nada. Nada fora daquele quarto, daquele chalé, do *mundo* me afastaria de você.

Nem mesmo a verdade.

Minha pele esquentou, e quando você se afastou um pouco fui atrás, para não perder seu toque tão facilmente. Você se sentou, seus dedos encontraram minha camisa, e logo ela estava deslizando por minha cabeça. Meu cabelo ficou preso e então caiu em meus ombros, e a sensação foi sedosa e sensual ao mesmo tempo, de uma forma que eu nunca havia sentido.

Fiquei sentada enquanto você me beijava. Sua fome era como a queimação dentro de mim. Uma bomba atômica poderia ter explodido, e eu não teria reparado.

Estava perdida por você.

Estiquei a mão e segurei sua camisa, ansiosa para sentir sua pele na ponta dos dedos. Você a tirou pela cabeça e deslizou as mãos pelos meus quadris, subindo por minhas costas e encontrando o fecho do sutiã. Em um piscar de olhos, em um instante, o elástico se soltou.

Eu deveria ter sentido alguma coisa naquele momento. Vergonha. Constrangimento. Medo.

Mas tudo que senti foi fome e certeza. Eu queria aquilo.

Você precisa saber que, mesmo agora, ao olhar para trás, não me arrependo de nenhum instante daquela noite, não por mim, mas me arrependo por você. Eu jamais voltaria atrás, exceto talvez para salvá-lo do que aconteceu depois.

Mas, por mim, pesando tudo que desmoronou em *minha* vida, eu não mudaria nada, porque foi uma noite que jamais esquecerei, jamais deixarei para trás.

Você me deitou de novo, e a colcha, coberta de desenhos de

alces e renas, que combinava tanto com o chalé, mas tão inesperada para minha primeira vez, provocou uma sensação de aspereza em minha pele. Mas eu não conseguia parar de tocá-lo, senti-lo, querê-lo. Por isso, mal percebi.

Houve zíperes e beijos e sussurros, calor e frio. Eu me lembro disso com uma nitidez incrível, de como aquele quarto estava frio, tão frio que poderia jurar que nossa respiração formou névoas na noite, mas, no escuro, eu não tinha certeza.

E então lá estávamos você e eu e o momento, o momento em que finalmente nos jogamos.

Você, eu e a noite.

Nós nos jogamos.

*

HORAS DEPOIS, desemaranhei os braços e as pernas dos seus enquanto o amanhecer invadia o quarto. Não pelas cortinas, mas pela sala, o lugar para onde nunca chegamos a voltar.

O ar no chalé não estava tão frio como quando chegamos, então imaginei que você tivesse se levantado à noite para alimentar o fogo. Ele dava um tom alaranjado à sala, que tinha toda a mobília de troncos e suvenires bregas de chalé.

Fiquei de pé no meio daquilo tudo por um bom tempo, com o cobertor enrolado nos ombros, olhando para tudo, observando tudo, memorizando tudo.

Foi estranho ter tido essa sensação, como se tivesse necessidade de memorizar aquele amanhecer, como se não fosse vivenciá-lo de novo, como se precisasse guardá-lo e me agarrar a ele com força, garantir que nunca se perdesse de minha memória.

Provavelmente eu sabia, não é? Que tudo daria errado.

Tinha dezesseis anos, mas não era burra.

Todo aquele tempo, todas aquelas semanas, e ali estava eu, nos momentos seguintes à noite em que enfim ficamos juntos de verdade, e me sentia estranhamente... perdida.

Havia concentrado todo o meu tempo, todos os meus pensamentos naquele momento. Depois que ele passou, percebi com uma chocante clareza. Ali, de pé no meio do chalé, percebi que estivera disposta a fazer qualquer coisa durante doze semanas, estivera disposta a mentir e a criar para você uma versão de mim inteiramente nova...

Mas ainda não tinha contado a verdade, e não sustentaria a mentira por mais dois *anos*.

Anos, Bennett. A palavra me atingiu como um martelo na cabeça conforme eu me via ali sozinha, no brilho do fogo, ouvindo-o estalar, pipocar e aquecer a sala enquanto, de repente, eu sentia muito frio, até os dedos dos pés. Estiquei a mão, encontrei seu moletom com capuz do Seahawks e enfiei o braço. Passei-o pela cabeça e inspirei seu aroma enquanto minhas emoções guerreavam.

Eu queria você tão desesperadamente, amava você tão completamente, e naquele momento, sozinha à luz do amanhecer,

percebi que perdê-lo era uma possibilidade muito real.

Mesmo então, não achei que aconteceria da forma como foi, tão abrupta e cruel, mas parte de mim se deu conta de que eu jamais poderia ficar com você, que você nunca pertenceria a mim como eu queria tão desesperadamente pertencer a você. Da mesma forma que uma criança não pode levar um cachorrinho para casa e mantê-lo em segredo, porque em algum momento a mentira escondida crescerá e latirá e exigirá atenção. E assim seria meu relacionamento com você.

Você desejaria mais... e meus pais descobririam... e eu tinha apenas dezesseis anos.

Fechei os olhos e respirei fundo algumas vezes, e me acalmei enquanto seu aroma me envolvia. Não era só um moletom. Você estava em mim, no cobertor, e isso me acalmou, lembrou-me de que eu ainda estava com você, pelo menos naquele momento.

Então, decidi ignorar o futuro, ignorar o segredo que crescia, e que em breve seria grande demais, mas que por enquanto eu guardaria, e seríamos só eu e você e mais nada.

Eu não tinha como saber os dias, as semanas, talvez os meses que passaríamos juntos antes que tudo se complicasse...

Não tinha como saber que tudo desmoronaria na *hora* seguinte.

Entrei no banheiro e só acendi a luz quando a porta estava quase fechada. Mas ela parecia emperrada, como se eu precisasse dar um empurrão para fechá-la por completo. Eu não queria acordar você, então deixei um filete de luz, que deve ter entrado no quarto.

Sob a luz cruel de três lâmpadas incandescentes amareladas, eu me olhei, tentando me ver da forma como você me via. Como uma bela universitária, uma pessoa por quem você sentia atração. Uma garota que não parecia a que minha mãe, meu pai e meu irmão enxergavam.

Eu parecia mesmo mais velha, diferente, mais sensual. Merecedora de sua atenção, envolta em seu moletom, com o cabelo desgrehado em torno dos ombros.

Comecei a ter esperanças de que, de alguma forma, de algum modo, aquela não fosse nossa única vez juntos. Que eu ficaria com você. E eu sabia que você não enxergava aquela vez como a única; você havia esperado doze semanas para ficarmos juntos.

Não uma noite, não uma vez, mas para sempre.

E enquanto encarava o espelho, tive dificuldade em me ver como a garota que se sentava no chão do quarto e fingia fazer o dever para deixar o pai feliz.

Usei o banheiro, lavei as mãos e arrumei o cabelo nos ombros de um jeito sexy, para o caso de você ter acordado enquanto eu estava lá dentro.

Queria que você me visse e me desejasse de novo. Não sabia quanto tempo teria com você, mas teria aquela manhã e daria um jeito de fazê-la se prolongar o máximo possível. Eu encontraria um jeito.

Saí do banheiro e apaguei a luz ao pisar no quarto. Olhei para a cama e fiquei surpresa ao vê-lo acordado, puxando um cobertor do chão para seu colo. Com isso, minha mochila caiu, e o conteúdo do bolso da frente se espalhou.

Cheguei exatamente na hora em que você pegou aquela folha de papel laranja, que caiu bem a seus pés. E naquele momento meu mundo se estilhaçou, e nada mais em que eu estivesse pensando, os medos e as esperanças, a realidade e os sonhos...

Nada importou, porque você havia acabado de descobrir a verdade.

*

CONGELEI NO CAMINHO entre a porta e a cama, no caminho entre o que nos tornaríamos e o lugar aonde eu sabia que estávamos indo. Todas as gotas do meu sangue sumiram do corpo quando você desdobrou a folha e seus olhos percorreram as palavras naquele pedaço de papel idiota, *idiota*.

Eu queria pular em você, arrancar aquele papel de suas mãos e inventar uma explicação que você entendesse.

Você tremeu de leve quando terminou de passar os olhos pela folha, depois ficou imóvel, e sua respiração tornou-se pesada enquanto seus dedos enrijeciam e apertavam o papel com tanta força que os nós ficaram brancos. A princípio você não olhou para mim, mas sabia que eu estava parada, esperando.

Temendo, receando, desmoronando.

— Por quê? — Foi tudo que você disse, com o rosto cinzento e pálido, perdendo o controle.

— Eu...

E com essa pequena palavra minha voz falhou, como a fissura que se abria em meu coração. Você continuou sem olhar para mim, e permaneceu fitando apenas o papel, sem piscar.

— Por. Quê. Você. Tem. Isto?

Então você se levantou e atravessou o quarto em um instante, chegando tão perto de mim que fui obrigada a levantar a cabeça para encará-lo. E quando vi o medo e a ira fervilhando em seus olhos tornou-se impossível respirar, muito menos falar, e eu soube quais pensamentos passavam por sua cabeça, que tudo que você sabia sobre mim estava sendo reorganizado, que estava criando uma imagem completamente nova.

Você baixou o queixo só um pouco, até nossos narizes quase se tocarem, e olhou em meus olhos com tanta intensidade que dei um passo para trás.

— *Por quê?* — Sua pergunta foi um rosnado.

Você sabia por quê. Tinha que saber. Só havia um motivo para uma garota ter um boletim informativo do ensino médio, que peguei em minha caixa de correio dois dias antes e enfiei na mochila sem dar muita atenção. Todos os professores da faculdade sabiam da

existência do Running Start e que uma pequena porcentagem dos alunos podia ser do ensino médio. É provável que tenham mencionado isso para você rapidamente, em meio a conversas sobre orçamentos e construções e horário obrigatório de atendimento, e você jamais voltou a pensar no assunto.

Enquanto me olhava, aquelas mil peças do quebra-cabeça se encaixaram e você finalmente viu a imagem que, de alguma forma, tinha deixado passar. Você *soube*, mas queria desesperadamente que eu lhe desse outro motivo.

E naquele momento *eu* queria desesperadamente ter outro motivo, queria mentir, fechar a rachadura gigante que se abria diante de nossos pés e nos afastava. A bela visão que eu havia tido de nós dois juntos sobrevivendo aos próximos dois anos caiu no oceano que passou a nos separar.

— Porque ainda estou no ensino médio — sussurrei, fechando os olhos e me preparando.

Para quê, eu não sei. Não esperava que você me batesse ou me empurrasse, mas precisava me preparar para o impacto da verdade.

— Quantos anos você tem?

As palavras saíram tão baixas e guturais, tão arrastadas, que dizê-las deve ter sido doloroso.

Respirei fundo quando a represa que sustentava minha mentira finalmente se rompeu e a onda iminente nos levou.

— Dezesseis — sussurrei, ainda de olhos fechados, ainda sem encará-lo.

Sem encarar a verdade do que eu tinha feito.

A porta se abriu com violência e bateu na parede com um estrondo tão alto que dei um salto, e abri os olhos porque eu não havia ouvido você atravessar e sair do quarto. Mas quando olhei na sua direção, só vi ar morto, vazio.

E, antes de me mexer, eu ouvi. Ouvi você vomitar seguidamente no banco de neve lá fora, um som horrível, comparado às coisas que havia sussurrado na noite anterior, à respiração pesada e aos sons suaves e doces que haviam saído de sua garganta. Caí no chão, encolhi-me e fechei os olhos, lutando contra o ardor das lágrimas que já escorriam pelas bochechas ouvi quando o que minha mentira tinha lhe feito.

Instantes depois você ficou em silêncio, mas eu já sentia dificuldade para respirar. Não suportei a ideia de você me ver naquele estado, então me arrastei até o banheiro, desesperada para me recompor, como se isso de algum modo consertasse a feiura do que eu havia criado. Abri a torneira, joguei água fria no rosto, assoei o nariz e fitei meu reflexo no espelho por um segundo antes de me virar.

Não conseguia me olhar.

Saí do banheiro e lá estava você, perto da porta da frente, com uma das mãos no batente, como se aquilo o estivesse mantendo de pé. Você me encarou, e precisei de todas as forças para olhar em seus olhos. Você não falou, nem mesmo uma palavra. *Nada*. Os momentos formavam um redemoinho a nosso redor; o relógio continuou batendo, mas o tempo parou.

— Não é ilegal — falei, com o desespero escorrendo em cada palavra. — Eu pesquisei. Dezesseis é a idade de consentimento em Washingt...

— Você acha que me importo, porra?

Você nunca falava palavrão.

— Eu dormi com a merda de uma garota de *dezesseis anos*!

As palavras ecoaram a nosso redor, caíram como bigornas, e minha garganta estava tão seca que não consegui falar por um bom tempo.

— Desculpe — disse eu por fim, com a voz muito triste e vazia.

— Não.

— Mas eu...

— *Não*.

As palavras foram ditas com tanta veemência que desmoronei de novo, e meu mundo girou e se despedaçou. Porque naquele instante eu soube. Soube que você não poderia me perdoar, soube que eu tinha feito algo tão horrível que você nem sequer conseguia encontrar palavras.

Eu tinha perdido você, exatamente como temia.

Engoli em seco e assenti, sem fazer esforço algum para conter as lágrimas. Seus olhos me avaliaram por um longo e silencioso instante, e acho que você devia estar se perguntando: *Como não percebi que ela parecia tão jovem? Como não PERGUNTEI a ela?*

Talvez não fosse nada disso. Talvez estivesse se esforçando para não me estrangular. Talvez se sentisse tão destruído quanto eu. Talvez estivesse vendo nosso futuro, aquela coisa sobre a qual conversamos tantas vezes, escorrer por entre os dedos por causa de dois míseros anos.

Por que aqueles dois anos precisavam importar tanto? Aos olhos da lei, não importavam nem um pouco, não a partir do momento em que você já não fosse mais meu professor. Mas eu sabia que importavam para você, para todos a nosso redor.

Será mesmo que eu mudaria tanto em dois anos, que me tornaria outra pessoa, alguém digna de seu amor?

Você atravessou a sala e pegou sua mochila. Depois, enfiou as roupas e a fechou. Olhou para mim mais uma vez, e sua expressão dizia tudo. Corri até minha bolsa, ignorando a dor no peito, o nada escuro e vazio, peguei minhas coisas e vesti a calça. Eu nem sequer estava de sutiã ou camiseta por baixo do moletom, e, de repente, ele não pareceu mais tão macio em minha pele.

Segui você até a neve, e o branco cintilante, tão lindo na noite anterior, parecia mortal, frio e vazio.

Sentei-me no banco do passageiro e você ligou a picape. O silêncio na cabine era tão pesado que parecia sufocar. Você acelerou com tanta força que o carro quase derrapou na neve. Você acertou a direção por pouco, e logo estávamos no asfalto, seguindo pela estrada.

Era cedo, por volta das seis horas, e os poucos carros que passavam iam na direção contrária, seguindo para a montanha Crystal com pranchas de snowboard e esquis acoplados no teto. Naquela manhã, sempre que não havia carros à vista, era quase como se fôssemos as duas únicas pessoas restantes no mundo. Eu desejava que realmente fosse assim, para que aqueles dois anos não importassem, para podermos ser o que queríamos sem consequências.

Apertei bem a boca para impedir que o lábio inferior tremesse, mas estava impossível respirar pelo nariz, então precisei parar.

— *Por quê?* — perguntou você de novo. Não olhou para mim, apenas continuou olhando para a frente. Seu rosto era todo formado por linhas rígidas e sombras à luz da manhã. — Por que fez isso

comigo?

Como eu poderia fazê-lo entender? Como você seria capaz de ver por que fiz aquilo, quando só enxergava o número dezesseis?

— Eu queria ficar com você — respondi, por fim.

— Em que mundo poderíamos ficar juntos? Você tem dezesseis anos — berrou você, e bateu o punho no volante, o que fez a buzina soar. Seus ombros tremiam. Você nunca falava palavrão, mas já estava no segundo ou terceiro daquele dia. — Você é uma criança, porra!

Abruptamente, a raiva se transformou em outra coisa — pena e nojo e medo —, e você desabou, mal olhando para a estrada.

— Meu Deus, você é só uma criança.

E eu soube que você estava pensando no que havíamos feito na noite anterior. E o som da repulsa em sua voz me destruiu de uma forma que nada mais tinha conseguido.

— Por favor, não — sussurrei, colocando os pés no banco e apoiando a testa nos joelhos.

— Não o quê?

— Não faça parecer que o que fizemos é tão... repugnante.

— Mas é! Você não entende? O que fizemos... isso jamais teria acontecido se eu soubesse!

Você havia voltado a sentir raiva, o que era mais fácil de encarar.

Ergui o olhar para você, e as lágrimas corriam desimpedidas por meu rosto; minha garganta doía, e os olhos ardiam enquanto tudo se estilhaçava a meu redor. E a única pessoa que eu podia culpar era a mim mesma.

— Mas eu amo você.

Você riu, uma risada feia como um latido, que era o mesmo que pisotear meu coração já despedaçado.

— Você nem sabe o que é amor.

Foi algo horrível de se dizer. Eu sabia o que sentia, o que ainda sinto enquanto escrevo isto, dias após termos deixado o chalé. Eu amava você e ainda amo. Talvez ache que eu não tenha idade suficiente para amar de verdade, mas juro que tenho. Talvez, quando terminar de ler isto, você finalmente compreenda.

— Eu tive que mentir — afirmei.

— Não — respondeu você; uma única palavra.

A única palavra que importava. Havia uma finalidade nela.
Uma decisão.

Eu me virei e vi todos aqueles abetos altíssimos passarem pela janela em uma grande mancha verde e marrom, misturando-se até não existirem mais separadamente.

Nunca teríamos um “felizes para sempre”.

*

VOCÊ AINDA NÃO sabia onde eu morava, e tive que dar instruções pela cidade. Aposto que estava se xingando ao perceber que deveria ter perguntado, ao perceber que deveria ter prestado mais atenção às pistas. Por outro lado, era uma faculdade comunitária, e a maioria dos calouros ainda morava com os pais.

Além do mais, de um jeito ou de outro eu não poderia tê-lo apresentado. Você era meu professor, e estava preocupado demais em esconder nosso relacionamento.

E foi assim que consegui mentir por tanto tempo. Porque havíamos concordado sobre o segredo... mesmo que você não soubesse direito com o que estava concordando.

— A amarela — disse eu, apontando para uma casa colonial antiga no lado direito da rua.

Você diminuiu a velocidade, freou e parou no meio-fio. Não olhou para mim, para a casa, para nada a não ser a rua, e ainda assim duvido que estivesse vendo mesmo o caminho. Você estava olhando diretamente para a frente, com os olhos meio vidrados, apertando o volante com força, como se fosse a única coisa a mantê-lo de pé.

Olhei para a casa e levou meio segundo para a suspeita despertar em meu corpo. Pisquei e observei as janelas.

Luzes.

— Benn... — Mas minha voz morreu. Pisquei de novo e me virei para olhar atrás da picafe.

Do outro lado da rua havia um Dodge Charger azul-escuro com vidros fumê.

O medo tomou conta de mim quando olhei para a casa outra vez.

Luzes demais. Eram seis e meia e meus pais nunca acordavam antes das oito aos sábados. Era o único dia em que minha mãe se permitia ser um ser humano e não um robô.

Peguei a mochila no chão.

— Você tem que ir — falei, a voz trêmula. — Agora. — Abri a porta tão rapidamente que por pouco não caí de cara no chão ao descer. — Vou dizer a eles que não aconteceu nada. Que conversamos durante horas, e só. Entendeu? *Não aconteceu nada* — concluí. O desespero em minha voz deve ter ficado claro, porque

você olhou para mim com uma expressão bem diferente: confusão.

— *Vá embora* — repeti em voz alta, o que deixava claro meu pânico.

Atrás de mim, a porta da frente de minha casa gemeu, e logo em seguida veio o som da porta de tela batendo.

Fechi os olhos e engoli em seco, conforme o pavor me esvaziava, fazendo-me sentir um remorso diferente de qualquer coisa que eu já havia sentido.

De qualquer coisa que vou sentir.

Eu me virei e vi meus pais lado a lado na varanda. Minha mãe tinha um lenço amassado na mão, e estava assustadoramente desgrehada. Seu coque, antes perfeito, estava frouxo e caía pelo rosto. E ela usava um roupão apertado, os braços envolvendo o corpo.

Fiquei parada na frente da porta da picape tentando impedir que vissem você, como se houvesse um jeito de tirá-lo dali ileso.

Mas então uma pessoa saiu de trás deles, e foi o fim.

Era um policial.

*

TUDO O MAIS ACONTECEU ora em câmera lenta, ora em alta velocidade. Meus pais correram pelo gramado em um instante, mas o abraço sufocante que veio em seguida durou horas. O som do motor de sua picape sendo desligada levou uma fração de segundo, mas o baque dos sapatos do policial no gramado ecoou por uma eternidade.

O braço de minha mãe me envolveu enquanto ela me levava em direção a nossa casa. Mas eu me soltei, e me virei para olhar você.

Você não fez o mesmo. O policial o levou até o carro dele, e você se apoiou com as mãos no capô, os ombros caídos e o rosto, pálido. Minha mãe me puxou para dentro de casa, murmurando alguma coisa sobre declarações, mas eu não conseguia processar tudo.

Precisei de algumas horas de conversa com o policial, depois com meus pais e, por fim, com o policial de novo para entender como tudo dera errado, o que eles tinham feito enquanto estávamos juntos, e que fora tudo minha culpa.

Tudo minha culpa.

Sabe, Bennett, eu estava tão concentrada, tão animada com nossa fuga, que deixei algo importante em casa: o celular.

Tudo desvendado por causa de um celular idiota.

Minha mãe o vira na cama ao ir guardar minhas roupas lavadas naquela noite. Achou que eu iria querer pegá-lo, sabia quanto eu era apegada àquela coisa, e decidiu que seria a porcaria da mãe do ano se o levasse para mim na casa de Katie. Eu dera a ela o endereço da minha amiga semanas antes, quando a convenci a levar até lá um caderno do qual precisaríamos para estudar.

Ela precisava sair para buscar comida mesmo. Assim, passou na casa de Katie.

E eu não estava lá.

Mas você sabe disso, porque eu estava com você. Katie tentou me acobertar, mas só piorou as coisas. Disse que eu *ia* para lá naquela noite, só que ainda não havia chegado. Minha mãe disse que já fazia três horas que eu tinha saído de casa, que já deveria ter chegado. E então ela surtou, imaginando-me sequestrada ou morta em uma vala ou em um acidente de carro, despencando de um penhasco ou coisa do tipo.

Nunca ocorreu a ela que eu simplesmente havia mentido, que era tudo uma historinha. Porque, para ela, eu ainda era aquela Filha Muito Perfeita, com as notas perfeitas e as roupas perfeitas e “por favor” e “obrigada” perfeitos.

Ela foi para casa e descobriu a senha de meu celular, porque fui idiota o bastante para deixar a senha padrão: 1, 2, 3, 4. E quando a tela ganhou vida tudo acabou.

Aquela foto que tirei de você corrigindo provas em sua pequena cozinha... era meu fundo de tela.

No segundo em que viu isso, ela chamou a polícia e alegou que um homem mais velho devia estar me seduzindo. E naquele instante eles rotularam você. Você foi designado como algo feio, muito diferente do que realmente é.

Com aquelas palavras, a situação ficou séria, e os policiais fizeram de tudo para me encontrar. Minha mãe deu permissão para revistarem meu quarto, e eles o viraram de cabeça para baixo em busca de mais pistas. Encontraram aquele bilhete bobo que você escreveu em um dia em que eu estava particularmente silenciosa na aula, o que você assinou como *Bennett* e me entregou quando saí da sala.

Encontraram todo o meu material, e seu nome se destacou. Ninguém mais tem esse nome, que achei tão bonito, tão perfeito para você.

Eu estava certa sobre dezesseis ser a idade de consentimento. Eles disseram várias vezes à minha mãe que eu tinha idade suficiente para decidir, que não era ilegal eu sair com um homem mais velho.

Mas quando descobriram que você era meu professor a situação mudou.

Acontece que não importa se você havia deixado de ser meu professor quarenta e oito horas antes de ficarmos juntos de verdade. Porque alegaram que você usou sua influência para me manipular, para me pôr em uma situação comprometedora.

Enquanto ainda estávamos no chalé, mandaram gente para sua casa, Bennett. Enquanto escrevo isto não sei se você já voltou lá, mas se encontrar seu quarto como encontrei o meu, sinto muito.

Assim, perto de amanhecer, eles deixaram uma viatura na porta da minha casa, para o caso de voltarmos. E quando você me trouxe

de volta, caímos direto na armadilha, nas acusações horríveis. Minha mãe me levou para casa apesar de eu estar desmoronando; fechou as cortinas e não quis me dizer o que fariam com você. Recusou-se a me dar qualquer resposta, porque só queria fazer perguntas.

Foi estranho. Ela caiu no choro, algo que não me lembrava de ter visto antes. Ela me abraçou, porque, durante todo o tempo que passamos fora, teve certeza de que um predador horrível tinha me fisgado. Eles não sabiam que era eu quem estava pescando, que fui eu que fisguei você e menti.

Meu pai andava de um lado para outro na cozinha, como um tigre em uma jaula pequena demais. Seus punhos se abriam e fechavam, seu pescoço e suas bochechas estavam muito corados.

Eu disse a ele que não fizemos sexo, Bennett. Falei que você não sabia que eu tinha dezesseis anos e que apenas conversamos. Você pode ver pela forma como escrevi minha primeira carta, pela forma como deixei no ar que nada acontecera.

Sabe, aquela carta seria minha forma de explicar tudo, para você e para eles ao mesmo tempo, para redimi-lo, fazer com que eles acreditassem que nada havia acontecido entre nós, que tudo fora inocente. Mas acho que acabou não sendo assim. É por isso que posso ser sincera agora.

Eles usaram palavras feias, como “violada”, “proveito” e “abuso”. Minha mãe tentou me fazer ir ao hospital com a polícia, para ser examinada, ou sei lá o quê, e foi meu pai quem me defendeu. Acho que ele queria tão desesperadamente que eu estivesse falando a verdade que se agarrou à ideia de que nada havia acontecido mesmo.

Não sei se eles poderiam ter me obrigado a ir. Talvez. Quem sabe seja a lei ou algo assim. Mas depois de algumas horas me pedindo inúmeras vezes eles se conformaram e me deixaram decidir.

Espero que você saiba o que decidi.

*

DOIS DIAS DEPOIS, eu estava deitada em minha cama, de onde eu quase não saía desde que você me deixou em casa.

— Então, quer dizer que você *de fato* não tem tudo sob controle — disse uma voz perto da porta. — Eu estava começando a pensar que você era algum tipo de ciborgue.

Ergui a cabeça e dei de cara com meu irmão quando ele entrou, jogou-se no pufe cor-de-rosa no canto e esticou as longas pernas. Em algum momento após voltar para casa, ele havia começado a se vestir como antes, com calças cargo largas e camisetas, menos aquelas roupas que os mauricinhos das faculdades caras usavam e mais... roupas de lojas de departamentos.

— Quem me dera. Se fosse um robô, não estaria sentindo nada agora — comentei, olhando para o teto.

Eu estava desesperada para não sentir nada. Nada seria muito melhor do que a torturante mistura de culpa e coração partido, como um peso que me pressionava tanto que parecia trabalho demais me mexer um centímetro. Eu poderia passar a eternidade olhando para o teto áspero. Para falar a verdade, eu meio que estava com saudade das estrelas e dos pôsteres que me encaravam, que eu arrancara em meu frenesi de arrumação semanas antes.

— Além do mais, se ciborgues não têm sentimentos, não fazem as merdas que eu fiz, para começo de conversa — acrescentei.

— E *agora* você está falando palavrão. Quem é você, e o que fez com minha irmã?

— Ela se entediou, então me liberei dela.

Tédio. Que motivo idiota para fazer o que fiz.

De qualquer forma, não era só tédio. Era bem mais do que isso. Era solidão e medo e desespero. Mas como eu poderia explicar tudo isso para meu irmão, o cara que seguiu um plano como se fosse um míssil teleguiado? Mesmo tendo falhado, ele sabia o que queria.

— Entediante — disse ele.

— Mer... eu sou entediante? — perguntei enquanto enrolava uma mecha de cabelo no dedo.

As luzes que eu tinha feito para impressionar você já estavam sumindo àquela altura. Um símbolo literal de nosso relacionamento se

apagando.

Meu Deus, como eu sentia sua falta!

— No passado, é claro. Acho que dormir com seu professor a torna algo diferente de entediante. — Ele limpou a garganta. — É bem nojento, na verdade.

Peguei um travesseiro e joguei nele, mas não me dei o trabalho de ver se acertei, porque meus olhos ainda estavam voltados para o teto. Ele resmungou, então interpretei como um disparo certo.

— Quer dizer... cara, o sujeito é seis anos mais velho do que *eu*. No que você estava pensando?

Julgamento. Ninguém entenderia por que me apaixonei por você, pois todos só viam sua idade. Era engraçado como eu havia me concentrado tanto na *minha*, e todos estavam concentrados na sua.

— Acredito que o consenso é de que eu *não* estava pensando. Já me disseram isso claramente.

— Não sei por quê, mas duvido que essa seja sua avaliação. Vamos lá, diga. O que está acontecendo com você?

Eu me sentei, surpresa por ele estar sendo tão... atencioso. Tão calmo, paciente. Meus pais, os policiais, todos tinham uma opinião clara sobre você, sobre nós, antes mesmo de chegarmos em casa. Ninguém precisou, ninguém *quis* me perguntar por que fizemos aquilo.

Por que eu fiz aquilo.

Que inferno! Eles nem me perguntaram *o que* eu fiz, não de uma forma que pedisse uma resposta verdadeira. Só acusaram, declararam, exigiram saber. Preencheram todas as lacunas necessárias por conta própria, difamaram você como bem quiseram.

E, por dois dias, tudo que fiz foi ficar no quarto ora olhando para o mesmo ponto feio no teto, tomada pela culpa, ora escrevendo para você, página por página, até minha mão doer tanto que precisava parar. E mesmo assim nossa história ainda não estava terminada.

— Não sei — respondi, finalmente, e me levantei apenas o suficiente para me encostar na parede. Acima de mim havia um quadro de cortiça pendurado, praticamente vazio depois de meu surto de arrumação. — Apenas... aconteceu. Eu o deixei pensar que eu tinha dezoito anos.

— Ainda assim, seria muito nova — comentou meu irmão, mas

não de forma acusatória.

Ele era o mocinho e meus pais, os vilões. Agiu como se não fosse me julgar, como se pudéssemos ser os amigos que já havíamos sido. Eu não sabia se era verdade ou fingimento. Se ele se preocupava mesmo, ou se minha mãe o tinha mandado falar comigo.

— Eu sei, e ele já sofria bastante quando achava que eu tinha dezoito anos. Jamais teríamos... — Eu me contive e corei. — Quer dizer, não *fizemos* nada, na verdade...

— Duvido. Não nasci ontem. Nem há cinquenta anos, como nossos pais, quando as pessoas talvez fossem mais ingênuas e inocentes, como se a vida fosse um programa de TV idiota que passava quando eles eram adolescentes.

Cerrei os olhos.

— Não, é sério, nós não...

— Nossos pais *quase* acreditam nisso, mas é porque *querem* acreditar. Você passou a noite com ele, Madd. Onde há fumaça, há fogo.

Revirei os olhos, mas parei de tentar mentir e optei pelo silêncio. Não podia contar para ele, pois colocaria seu mundo em risco, Bennett, se é que havia sobrado algo dele.

— Mas você está bem mesmo? Isso tudo parece meio... drástico.

Assenti.

— É, quer dizer, não sei o que vai acontecer com ele e estou apavorada por causa disso. Nossos pais não me dizem nada. Ele deve estar na cadeia ou algo do tipo.

— Não está — disse meu irmão, e meu coração se apertou.

Então você não estava na cadeia, como eu imaginava havia dois dias? E, se isso fosse mesmo verdade, por que a culpa ainda me inundava?

— Como você sabe?

— *Talvez* eu tenha prestado atenção nas conversas alheias — disse ele, sem parecer nem um pouco culpado.

— De quem?

Meu coração disparou. Eu estava desesperada por informações, mas com medo demais para perguntar, apesar de não haver ninguém por perto para me contar qualquer coisa. Eu estava em prisão

domiciliar, ponto, e eles falariai comigo de novo quando não estivessem tão chateada (minha mãe) e furioso (meu pai).

— Da minha mãe com o policial que passou aqui de manhã. Você ainda estava dormindo. Eles se sentaram na varanda, logo abaixo da janela do meu quarto.

— E?

Caramba, ele tinha que desembuchar logo!

— Não o prenderam formalmente. Só o levaram para a delegacia para interrogatório. O policial disse que esses casos são bem complicados e que *you* teria que prestar queixa contra ele para que desse em algo. Tecnicamente foi ilegal, mas ele disse que tentam não levar casos assim ao tribunal, a não ser que o considerem realmente concreto, porque não gostam de arrastar vítimas...

— Não sou vítima — interrompi-o abruptamente.

Eu não era. Vítima era uma palavra feia. Eu estava apaixonada. Você me fez sentir essas coisas pela primeira vez, e isso não fazia de mim uma vítima.

Meu irmão suspirou, irritado.

— Eles não gostam de arrastar *garotas como you* em um processo, a não ser que tenham certeza de que vão ganhar.

Garotas como eu? O que eu era, senão uma garota que se apaixonou por um cara que não tinha permissão para retribuir esse amor?

— Então nossos pais não podem prestar queixa? Tem certeza?
— perguntei, ainda amedrontada. — Eles pareciam querer pregá-lo na parede.

— Não, acho que não funciona assim. Como eu disse, tem que ser você a tomar uma providência, e, como vocês dois alegam que nada aconteceu e você se recusou a ir ao hospital, não há provas. Ninguém vai prestar queixa contra ele.

O alívio foi forte e rápido, e meu irmão deve ter visto isso em meu rosto.

— Não comemore tão cedo. Ele ainda pode ter problemas.

Eu o encarei, esperando a bomba cair de vez.

Ele mexeu nas cordinhas do moletom.

— Talvez eu tenha escutado um telefonema...

— E?

— Nossa mãe ligou para a faculdade. Acho que ele vai ficar muito encrencado.

Frustrada, bati a cabeça na parede algumas vezes, desejando que alguém me salvasse das infinitas ondas de culpa. É claro. Mesmo que tenhamos esperado todo aquele tempo para nos beijarmos, era irrelevante se eles sabiam que estávamos... *confraternizando* enquanto ele era meu professor.

— Entendi — disse, sentindo-me mais vazia do que nunca.

— Tenho certeza de que vai custar o emprego dele — declarou meu irmão. — Quer dizer, não ouvi o outro lado da conversa, mas nossa mãe foi bastante convincente, e não vejo por que iriam querer defendê-lo.

Meu coração doeu quando ouvi aquilo. Você amava seu emprego. Era ótimo no que fazia. Eu o vi corrigir provas, mergulhado nas aulas, vi como conduzia alunos não tão bons durante as aulas de laboratório. Seu trabalho era sua paixão, sua identidade, sua vida, tudo resumido em uma coisa.

Eu custaria seu emprego. *Eu*. Eu era tão culpada quanto um ladrão que invade sua casa à noite e rouba seus pertences, mas o que tirei de você não tinha preço.

— Ah — falei finalmente, porque não restava nada a dizer, nada a defender.

— Você deve ter percebido que isso aconteceria. Um cara desses não pode...

— Ele não é um cara *desses*.

— Ele se envolveu com uma aluna de dezesseis anos.

Meu irmão tremeu de uma forma quase teatral, e fiquei irritada. Ninguém entenderia quem você foi para mim, o tipo de cara que havia sido. Eles simplesmente queriam vê-lo como um monstro.

— Já falei, ele achava que eu tinha dezoito. E ele não se envolveu comigo. Passamos o tempo todo conversando. Conversando sem parar. Ele me escutou.

— E para que você precisa dele, afinal? Ele é dez anos mais velho, duvido que se identifique com problemas de garotas adolescentes. Além do mais, sou seu irmão. Conheço você melhor. Vou escutá-la. Tenho muito tempo livre atualmente. E, considerando que contei para nossos pais sobre ter saído de Harvard cerca de duas

horas antes de o furacão Maddie chegar, acho que lhe devo uma, por me fazer parecer o filho de ouro ao menos uma vez.

Senti vontade de rir, mas não tive energia.

— Esse é o lado bom, então? Você sai da faculdade, mas os pais não se importam porque minha merda foi maior?

— Dois palavrões em um dia! Acho que gosto da nova Maddie.

Nessa hora eu ri, uma gargalhada curta e triste, dolorosa porque, dias antes, eu havia rido tanto com você a meu lado, sentindo-me não só no topo da montanha, mas no topo do mundo.

Eu me inclinei para a frente e esfreguei o rosto, sentindo o cansaço bater.

— Por que sou tão egoísta?

— Todo mundo é egoísta, Maddie. Faz parte de ser humano.

— Por que você parece o cara chinês do *Karate Kid*? — perguntei, erguendo o olhar.

Ele imitou os movimentos de encerar e polir e deu de ombros.

— Passei as últimas semanas com tempo livre demais.

— O que vai fazer agora?

— Não sei. Estou pensando na Universidade de Washington. Deve ser mais fácil de encarar do que Harvard. Só faltam dois anos, mas serão as matérias mais difíceis. Talvez uma leva mais tranquila de matérias por semestre. Vai demorar mais, só que, se eu fizer menos matérias, terei mais tempo para estudar para cada uma, e poderia arrumar um professor particular, já que a mensalidade será bem mais barata...

— Então, você vai insistir nisso? Na história de engenharia?

Ele assentiu.

— Vou. É o que amo. Só porque sou ruim não quer dizer que não amo.

— A vida é estranha — comentei, afundando de novo no colchão, olhando para cima e me acostumando àquela visão.

— Disse tudo — acrescentou meu irmão, e pelo barulho percebi que ele havia se levantado do pufe. — De qualquer forma, quando finalmente estiver pronta para falar, tenho a sensação de que vou estar a uma parede de distância... por bastante tempo.

— Ah, que alegria — falei, ouvindo-o sair, ouvindo a porta do quarto dele se abrir e fechar, ouvindo-o ligar a TV.

Uma única lágrima escapou antes de eu fechar os olhos.

Meu irmão queria engenharia, mas naquele momento eu só queria você.

Meu Deus, como eu sentia sua falta.

*

DEMOROU MAIS UM dia para eu descobrir oficialmente o que tinha acontecido com você.

Depois do interrogatório eles o soltaram, e você foi para casa. Não sei exatamente o que lhe disseram, mas minha imaginação correu solta e preencheu todas as lacunas graças aos programas CS/ e NCIS.

Imaginei que haviam feito ameaças veladas, dito coisas como *não saia da cidade e estamos de olho em você*. Fizeram você se sentir o bandido, alguém com quem todos tinham que se preocupar, como se você também pudesse ir atrás das filhas deles se não tomassem cuidado.

Descobri que você estava livre porque os policiais vieram falar comigo de novo, para me dar uma última chance de prestar queixa. Fizeram perguntas capciosas, guiaram-me em círculos, confundiram-me, tentaram me fazer acusá-lo. Acho que policiais de cidade pequena não têm muito o que fazer além de falar.

Por fim, anunciei que não tinha mais nada a declarar, que só queria seguir a vida. Falei que, de um jeito ou de outro, jamais voltaria a vê-lo, que as aulas tinham acabado, e acho que isso ajudou.

Mas quando disseram que encerrariam o caso e foram embora, o som da porta batendo foi surpreendentemente alto e ecoou em meu coração.

O caso estava encerrado. Assim como nosso relacionamento.

E agora não sei mais o que escrever.

*

COMECEI A ESCREVER para você um mês atrás, quando pensei que seria preso. Achei que minha carta talvez o ajudasse a ser libertado, porque eles veriam que tudo havia sido minha culpa e leriam aquele final falso em que não fizemos sexo. Eu escreveria tudo, e eles saberiam como aconteceu.

Mas acabei não a enviando, é claro, e ela fica todos os dias em meu quarto, esse enorme lembrete de nós dois. Todas as folhas, até o final falso da noite no chalé. Está tudo na gaveta de baixo de minha escrivaninha. O restante está escondido debaixo de meu colchão, porque morro de medo de minha mãe revistar o quarto da mesma forma que fez quando estávamos no chalé, apesar de as coisas terem se acalmado agora e de ela não ter feito nada do tipo desde que viu que eu estava bem.

Às vezes eles ainda me observam, avaliam, como se tentassem descobrir como não perceberam antes. Como se talvez minha pele evidenciasse algo, ou meus olhos, algo que lhes desse a resposta que jamais serão capazes de compreender de verdade.

Mas, no fim, eles estão muito felizes de apenas seguir em frente e acreditar que estou bem. Então, aqui estou, ainda presa a você enquanto o mundo continua a girar, esquecendo-se de nós.

Não sei o que fazer com essas centenas de páginas, porque acho que não preciso delas para livrá-lo de problemas com a lei.

Mas ainda quero que você as receba, que veja por que fiz o que fiz. Não sei o que anda pensando nessas últimas semanas que passamos separados. Se me odeia ou se sente minha falta como eu sinto a sua. Se você se lembra das conversas que tivemos, dos momentos que passamos juntos quando baixamos a guarda, compartilhamos segredos.

Se você ler isto, espero que não me odeie por algumas das coisas que incluí. Só fiz isso porque pensei que ser honesta e contar um pouco o que aconteceu os ajudaria a acreditar que não fizemos sexo. Quanto ao quase beijo em High Rock... eu não tinha certeza de que não causaria problemas, mas pensei que, pelo menos, a carta mostrava que você tinha controle, que você confiava no que eu havia contado e tomou decisões apropriadas com base nisso. E que teria

feito o mesmo se minha idade verdadeira viesse à tona naquele momento.

Portanto, agora que não tenho mais nada a escrever, decidi...

Vou tentar lhe dar todas essas páginas.

Esta noite.

Tentei descobrir outra forma de fazer isso, de entregar essas cartas sem complicar as coisas, já que não posso ver você nunca mais. A entrega em mãos é a única opção, no entanto. Não posso correr o risco de enviar pelo correio, e também não posso deixar em sua varanda. Se alguém pegar, estará tudo acabado para você.

Faz um mês, Bennett. Um mês que aguardo a hora certa e espero as coisas esfriarem para que quando eu for escondida até sua casa ninguém perceba. Mas não posso mais esperar. Preciso vê-lo e pedir desculpas cara a cara, e, se não falar comigo, vou apenas entregar tudo isso. O resto de nossa história.

Talvez um dia você leia e compreenda.

Até lá,

Madelyn

*

VOCÊ SE FOI.

Fui até sua casa e bati na porta, mas não tinha ninguém. Quis voltar depois. Achei que talvez os horários de suas aulas fossem diferentes no novo trimestre e você ainda estivesse no *campus*, ou, quem sabe, se realmente tivesse sido demitido, você estivesse trabalhando em outro lugar, dando aulas à noite, mas logo voltaria para casa.

O problema é que o portão da entrada estava fechado quando cheguei, e imaginei que isso significava que você não desejava receber visitas. Estacionei na estrada e passei pelo portão para ir até sua casa. Como você não respondeu, voltei para o carro e lá fiquei, com uma das mãos na porta, relutante em partir sem vê-lo. E seu vizinho me viu.

Sem nem ao menos me cumprimentar, ele disse três palavras que destruíram todas as minhas esperanças:

— Ele se mudou.

— Hã?

Fiquei paralisada na entrada de cascalho, com a chuva caindo ao redor e escurecendo a superfície.

Um pouco acima do peso e usando cavanhaque e boné, o homem deu de ombros.

— Ele se mudou para o Brooklyn ou Baltimore, sei lá. Um caminhão enorme apareceu há duas semanas, e não o vejo desde então.

— Bem, qual dos dois?

Ele deu de ombros de novo e continuou andando até subir os degraus da casa dele.

— Espere! Como posso encontrá-lo?

O vizinho se virou.

— Não sei. Ele foi embora com muita pressa. Desculpe.

Então ele abriu a porta dos fundos de casa e entrou.

E isso foi tudo, Bennett.

Eu jamais voltaria a ver você.

*

SINTO SUA FALTA.

*

NÃO GOSTO de ficar sozinha.

[illegible]

Querido Bennett,

Guardei estas folhas durante dois anos. Dois longos anos. Não as leio há meses, mas hoje tudo mudou.

Porque hoje eu o vi. No dia treze de dezembro, dois anos depois daquela noite no chalé.

É engraçado, porque você era a única coisa em que eu pensava durante o primeiro ano após sua partida. E nesse último ano eu me esforcei tanto para seguir em frente que acabei bloqueando tudo.

Mas acho que meu subconsciente estava pensando em você, porque fui atraída para aquela montanha, para fazer aquela caminhada que um dia já fora familiar. E isso nos uniu de novo.

Seu cabelo está mais curto agora, e quando nossos olhos se encontraram pela primeira vez em dois anos sua expressão foi mais defensiva do que alegre. Mas era você, e meu coração parou tão completamente que parecia que o oxigênio em meu sangue havia desaparecido e precisei me apoiar na árvore mais próxima para não cair.

Isso deve soar melodramático, mas é a verdade. Eu achava que jamais voltaria a vê-lo e tinha me conformado. Comecei encarando um dia de cada vez; como subir a montanha, um passo após o outro.

Eu estava no alto da montanha Peak, com o casaco fechado até o queixo para me proteger do frio. Não sei por que subi naquele dia. O ar gelado de inverno fazia meus pulmões doerem, mas era uma dor boa.

Eu estava olhando para o planalto de Enumclaw, para as áreas rurais cheias de vacas, para meu antigo colégio mais ao longe e para o monte Rainier atrás de mim. Quando ouvi uma pessoa na trilha, virei-me para olhar, só de relance, mas então tive que olhar de novo.

Você. Em um instante, no momento em que nossos olhos se encontraram, um redemoinho de lembranças girou a meu redor, e a imagem mais forte foi de você naquela noite no chalé, quando seus olhos escureceram até se igualarem à cor daquela noite de inverno.

Você ficou paralisado, com um pé no alto da montanha e o outro

ainda na trilha, e olhou para mim. Eu me perguntei se você se viraria e sairia correndo, ou se chegaria perto e gritaria, berraria de verdade, diria todas as coisas que provavelmente pensou nos últimos dois anos.

Dois anos, Bennett. Agora tenho dezoito. Sou maior de idade. Não espero mais que isso faça diferença, mas me pergunto se pareço diferente, se penso diferente, se *estou* diferente. É impossível não pensar nessas coisas, porque, em tese, dois anos representavam tudo.

Eu me virei e o encarei, e você deu aquele último passo também chegando ao topo. Como se planejasse ficar. Estávamos separados por poucos metros, mas nenhum de nós se mexeu ou falou, e o inverno inteiro passaria sem percebermos, porque, para mim, o mundo tinha parado de girar.

— Sinto muito — disse eu finalmente.

As duas palavras que eu queria que você ouvisse mais do que quaisquer outras. Você podia sair correndo no instante seguinte, mas enfim saberia que eu sentia muito, e isso bastaria.

Teria que bastar.

Seu maxilar se contraiu, mas você assentiu, e esperei que a raiva surgisse em seus olhos. Mas isso não aconteceu.

— Pensei que jamais voltaria a vê-lo.

— Meus pais ainda moram aqui. Vim passar as festas na cidade.

Assenti e dei alguns passos em sua direção. Você não fez o mesmo, apenas cruzou os braços.

— Cadê Voldemort?

Você franziu a testa, e seus olhos se entristeceram.

— Morreu. Ele tinha treze anos. Não passou muito bem este inverno. É frio em Boston.

Boston. Você se mudou para Boston. A *milhares* de quilômetros, por minha causa.

— Sinto muito — repeti, dessa vez por outro motivo.

— É. Eu também.

Você suspirou profundamente, motivado por muito mais do que seu cachorro. Chutou uma pedra, que passou perto de mim, bateu no tronco de uma árvore e caiu pela lateral da montanha. Você não disse nada até que os sons mais baixos da queda se calassem.

— Por que fez aquilo?

Pisquei, estudando seu rosto, tentando entender se você queria uma resposta verdadeira. Não esperava que quisesse saber, que me fosse dar tempo para explicar. Só esperava raiva. Dor. Traição.

— Eu...

Mas o que dizer, por onde começar? Escrevi centenas de páginas tentando explicar. Mesmo se o mundo *tivesse* parado e *houvéssemos* tido o tempo que quiséssemos, eu achava que não teria conseguido dizer as coisas certas.

— Faz diferença?

— Sim. — Você fechou o casaco até o pescoço. — Não. — Fez uma pausa. — Não sei.

Era assim que eu também me sentia. Sim, não, não sei. Sem parar.

— Eu escrevi tudo. Todas as mentiras que lhe contei. Eu ia mandar para a delegacia para tentar libertá-lo, mas descobri que você não tinha sido preso.

— Ah.

Fechei os olhos e desejei que as palavras surgissem, que em um passe de mágica um emaranhado de desculpas se transformasse em algo real. Eu queria muitas coisas para mim mesma, mas principalmente queria que tudo ficasse bem com você, queria saber que o que eu havia feito não tinha acabado com você de todas as formas possíveis.

— Você me arruinou — disse você, e meus olhos se abriram, encontraram os seus, chocados por você ter dito as palavras que eu tinha tanto pavor de ouvir.

E a pior parte de tudo foi que elas não tinham um tom de acusação, eram a simples verdade. Eu havia lhe roubado tudo.

— Eu sei. — Enfie as mãos no cabelo, como se quisesse arrancá-lo todo, mas logo o soltei e deixei os braços penderem de novo. — Eu sei — repeti. — Você perdeu o emprego e se mudou, e foi tudo por minha causa.

Você assentiu, aceitando o simples fato. Então, balançou a cabeça.

— Não, na verdade não me mandaram embora. Eu pedi demissão. Tenho certeza de que teria sido demitido se tivessem

iniciado uma investigação. Mas não fui acusado de nada, e o trimestre estava encerrado, então só me mudei. Imediatamente. Não sei o que aconteceria se eu tivesse ficado. Passei um tempo sem dar aulas, mas aí consegui um emprego em uma universidade on-line. Estou gostando mais do que imaginava.

Eu não sabia o que você queria dizer, se aquilo significava que me perdoava ou me odiava ou o quê, mas fiquei ali olhando, sem fôlego.

— Estou noivo — acrescentou.

E o que veio em seguida, para mim, foi um estranho redemoinho de dor e felicidade. Porque passei os últimos dois anos achando que eu havia destruído tudo, que você não tinha esperança alguma de futuro por causa do que eu fizera, e ali estava você, contando que tinha, sim. Um futuro.

— Ah... — Inspirei de leve. — Parabéns.

— Conteí a ela sobre você.

Provavelmente tive uma reação visível, revelando meu choque, porque um pequeno sorriso se formou em seus lábios, um tipo triste de humor.

— Por quê?

— Porque não podia iniciar minha vida com ela com base em mentiras. Ela achou que eu tinha me mudado para Boston por preferir a Costa Leste, quando na verdade eu queria estar aqui. Dando aulas. Queria ter comprado aquela casa, morar perto de meus pais e ter a vida que planejei. E ela merecia saber quem eu era. O que eu fiz.

— O que *eu* fiz.

Você balançou a cabeça.

— Não, fomos nós.

Nós. Talvez exista um nós, mesmo que seja apenas uma nota de rodapé em sua vida.

Você engoliu em seco, mas não tirou os olhos de mim.

— Eu quase a perdi. Meu Deus, eu não sentia tanto medo fazia...

— Você rompeu o contato visual e afastou o olhar. — Dois anos.

— Mas não a perdeu.

— Não. Acho que a honestidade tem seu valor.

Não foi uma alfinetada intencional, mas magoou mesmo assim, e precisei concordar.

— Então, você está bem — falei, mais afirmando do que perguntando.

— Estou. Boston é legal. O clima às vezes é um inferno, e o trânsito, horrível, mas estou gostando de morar em uma cidade grande, mais do que esperava. — Você mordeu o lábio e olhou para mim outra vez. — E você?

Franzi os lábios e assenti.

— É, estou bem. — E estava.

Estou bem mesmo, Bennett. De alguma forma, depois de tudo isso, voltei a ser eu mesma. Não, não do jeito que eu era. Eu me *encontrei* de fato, a garota que teria sido se não houvesse deixado as expectativas dos outros me sufocarem.

— Quer dizer, não tenho namorado nem nada, mas estou bem assim. Tenho tempo.

— É. Você tem.

— Estou na faculdade de culinária agora. Acabei de terminar o primeiro trimestre. Minha mãe não entende, mas ela cozinha muito mal. Meu pai gostou da ideia. Já se ofereceu para ser meu provador oficial. E comprou umas panelas e potes ridiculamente caros. — Fiquei em silêncio por um segundo. — Estou animada. Lá, esqueço tudo e só cozinho.

Você assentiu, e ficamos em silêncio de novo. Era difícil imaginar os dias em que havíamos conversado durante horas, difícil imaginar a ligação que tivéramos, agora que éramos dois estranhos. De alguma forma, você havia se tornado... só... uma pessoa que eu conhecia.

Eu tinha lhe dado algo, um pedaço de mim, uma coisa que você sempre teria.

Mas o restante de mim... eu peguei de volta.

— Cuide-se, está bem? — disse você e se virou para a trilha.

— Espere! — exclamei, dando outro passo. — Você quer?

— O quê?

— A carta. A que escrevi para lhe explicar tudo. Para fazer você entender por que fiz o que fiz.

Você me encarou por bastante tempo, um momento interminável, e não sei em que estava pensando. Porque não o conhecia mais. Você havia crescido e mudado, assim como eu, e as pessoas que éramos na época... não existiam mais.

Mas você balançou a cabeça.

— Não. Não preciso dela. Guarde-a com você.

Assenti, e um nó se formou em minha garganta. Talvez eu não o conhecesse, mas parte de mim ainda ficava encantada, ainda queria correr até você e apoiar a bochecha em seu colo e fechar os olhos e lembrar como era quando estávamos juntos. Lembrar como estávamos no topo do mundo.

Antes de o mundo despencar em nossas cabeças.

— Bem... boa sorte — disse você. — Espero que um dia encontre o que procura. Quem sabe eu ainda jante em um de seus restaurantes.

— A-hã — concordei, mantendo a voz o mais firme possível. — E parabéns. Espero que dure para sempre.

Por mais que doesse dizer aquilo, eu estava sendo sincera. Se eu não podia tê-lo, se você não seria meu, merecia pertencer a alguém.

Você deu um sorriso, um sorriso de verdade, que lembrou o Bennett que conheci antes de tudo dar errado. E uma coisa calorosa floresceu em mim quando percebi que, afinal, não havia roubado seu sorriso, que, do outro lado do país, outra garota via aquele brilho, ficava aquecida com aquele calor.

— É, eu também.

Você se virou e foi embora, deixando-me no topo da montanha.

E agora cá estou eu, no quintal, escrevendo esta última carta, para dobrá-la ao meio e jogá-la na lareira com as outras duzentas páginas já retorcidas e enegrecidas, subindo com a fumaça e flutuando para longe. Está nevando, algo que só acontece uma ou duas vezes por ano em Enumclaw, e os flocos caem nas mangas da minha roupa, derretem em meu cabelo, mas mal reparo neles enquanto escrevo.

Acho que é um fim adequado: nevou durante a noite que passamos juntos, e neva agora, no último momento que compartilhamos.

Porque estou seguindo em frente, Bennett. Sem volta. Ao longo desses dois anos, de tempos em tempos eu dava uma olhada nas cartas. Tentei entender tudo, tentei imaginar para onde você teria ido, o que sentia por mim, o que tudo aquilo significou.

Mas agora sei que você está bem e, de alguma forma, também preciso ficar bem.

Estou deixando a mágoa e a tristeza e a culpa para trás, e principalmente...

Estou deixando você para trás.

Agradecimentos

MEUS AGRADECIMENTOS vão para:

Bob Diforio, o tipo de agente literário que torço para me tornar: gentil, incansável e que sabe tudo.

Brian Farrey, por me fazer rir de meu próprio texto e por me ameaçar com piadas de vacas.

Ao restante da equipe da Flux, por transformar meu pequeno manuscrito em um livro de verdade. Vocês são alguns dos melhores no que fazem.

Aos amigos do Twitter, que me ajudam a procrastinar diariamente.

A cada leitor que já me mandou um e-mail. Vocês são incríveis e fazem tudo isso valer a pena.

E, finalmente, agradeço em especial ao policial Richtmeyer, do condado de King, por não revirar os olhos ao ouvir todas as minhas perguntas específicas e por me tranquilizar, garantindo que eu jamais seria sugada para fora de um avião se alguém disparasse uma arma a nove mil metros de altura. Pesquisa é tudo.

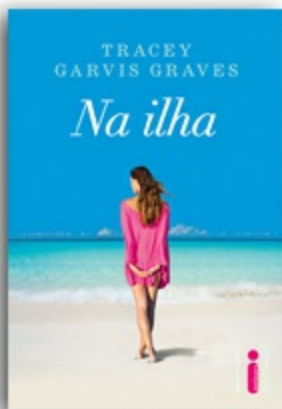
SOBRE A AUTORA

© Amber Sheree



Amanda Grace é o pseudônimo de Mandy Hubbard, que já é conhecida do público jovem pelos romances *Prada & Prejudice*, *You Wish*, *Fool Me Twice*, *But I Love Him*, entre outros. Ela também trabalha como agente literária na D4EO, especializada em literatura infantojuvenil. Assim como sua protagonista Maddie, ela vive em Enumclaw, Washington, onde assiste à TV em doses não muito moderadas e fica acordada até tarde da noite.

TÍTULOS RELACIONADOS



[Na ilha](#)



[A garota que eu quero](#)



[Resposta certa](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Primeira carta](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[Segunda carta](#)

[1](#)

[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)

[Terceira carta](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Títulos relacionados](#)